

B
6896

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

Dedicada ao Visconde de Castilho

N.^o 24

A. F. BARATA

OS JESUITAS NA CORTE

ROMANCE HISTORICO

REINADO DE D. JOÃO V



19 ABR. 1941

6.5.996

LISBOA
LUCAS & FILHO — EDITORES
Rua dos Calafates, 93

1877

9
378
20

« Leitor meu, necessariamente has de ser douto,
ou indouto : se és douto, não me capacito que
queiras gastar o teu precioso tempo em desacreditar
áquelle que á boca cheya está confessando
que toda a sua sabedoria é curiosidade. Se és in-
douto, dize de mim todos os improprios ; por-
que me honras com afrontar-me. »

Damião Antonio — « Politica moral
e civil, » Preemio.

AO DOUTOR EM MATHEMATICA

O Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA

DEPUTADO DA NAÇÃO

Publico testimonho de amizade, e confissão de antiga divida

O.

ANTONIO FRANCISCO BARATA

THE HISTORY OF
THE CHINESE

CHINESE PEOPLE

THEIR COUNTRY

THEIR GOVERNMENT

THEIR RELIGION

THEIR MANNERS

THEIR CUSTOMS

THEIR TRADE

THEIR FARMING

THEIR MANUFACTURES

THEIR ARTS

THEIR INSTITUTIONS

THEIR GOVERNMENT

EXCELLENTISSIMO SENHOR E AMIGO

São decorridos mais de vinte annos depois que uns academicos, distinctos, em Coimbra se irmanaram na ideia sagrada de instruir a classe artistica.

Ardente defensor da civilisação e da democracia V. Ex.^a não podia ser estranho a similhante crusada. Foi seu propugnador.

Correram alguns moços ao chamamento humanitario. Apesar de meus verdes annos pressuroso fui tambem.

De curta duração foi aquelle instituto.

Annos depois, quando alguns artistas lidavam, ao desamparo, na conquista de alguma luz para seu entenebrecido espirito, me honrou V. Ex.^a com estas palavras, que vou estampar aqui unicamente por satisfação minha : *de todos esses moços o unico que poderá fazer alguma cousa é Barata.*

Cumpria-me desde logo inscrever por divisa de minhas aspirações aquellas palavras, e labutar pela realização da prophecia.

Diz-me a consciencia que pouco consegui por enquanto. Mas, ainda assim, em luta constante com sorte adversa, que me persegue desde o berço, e me será implacavel até á campa, não desespero de

conseguir o *desideratum* da previsão animadora. Hoje, como então, ainda as palavras de V. Ex.^a me não esqueceram; ainda trabalho dia e noute em permanente combate contra a ignorancia, louvado de muitos, embora escarnecido de alguns, que não sabem o que fazem.

Na impossibilidade que tenho, pelo infecundo de meu engenho, de tributar a um tempo a tantos afieçoados generosos um testemunho de minha gratidão, como ora faço, e no empenho que me anima de o ir conseguindo, sem olhar a precedencias, coube a vez a V. Ex.^a.

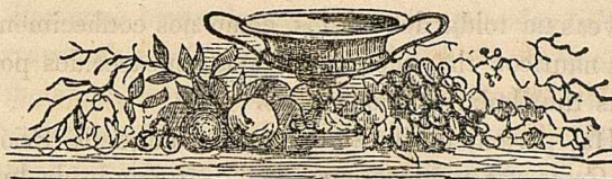
Acceleite, pois, meu amigo, este enfesado fructo de minha applicação.

«Tâto mas vantajoso es never mucho, que pagar poco, quanto deve mas bien conservar la obligacion una deuda, que um desempeño.»

Esta sentença de D. Francisco Manuel de Mello, se me accusa para com V. Ex.^a, por lhe levar tão pouco, absolve-me para com os demais amigos de quem me não esquecerei jámais, se a vida não desamparar tão cedo ao

Vosso criado e grato amigo

Antonio Francisco Barata.



OS JESUITAS NA CORTE

I

Conspiração «ab ovo»

D. Pedro II, rei de Portugal, rendera a alma ao creador em 9 de dezembro de 1706, depois que seu irmão expirára quasi repentinamente no segundo côro da capella do palacio de Cintra em 12 de setembro de 1683, onde ouvia missa, por não ser visto do publico que fosse ao templo.

Deixára diversos filhos, além do successor legitimo, entre os quaes ao infante D. Francisco, Prior do Crato, senhor de immensas villas e castellos, enfim, rico possuidor de grande casa que lhe dera o pae e accrescentára o irmão, successor d'aquelle no throno.

Já por ahí andam livros que nos fallam de suas prendas, tanto nos exercicios venatorios, em que tirocinára fazendo baquear marujos semi-mortos das

gaveas na tolda dos navios, como nos conhecimentos nauticos theoricos e praticos, encarecidos por seus thuribulares biographos.

Ha, porém, na inutil existencia d'aquelle Prior do Crato um ponto escuro e mal alumiado da luz da historia, que tentaremos dilucidar com fórmulas romanticas, quanto o consintam os elementos que temos.

O famosissimo renegado, que se chamava Christovam de Moura, satrapa dos amortecidos brios portuguezes, em favor de um monarca hespanhol, homem que, salvando nos areaes d'Africa a vida, voltára ao reino para o vender a castelhanos, fundára junto á Ribeira das naus, em Lisboa, um sumptuosissimo palacio, até ao anno de 1750 conhecido por palacio *do Côrte Real*, e tambem do *Marquez de Castello Rodrigo*, titulo que lhe ennobrecera os tredos feitos.

Este palacio com mais de cento e cincoenta salas e quartos, estendia-se do *Largo do Corpo Santo* contra o Tejo, formando assim o lado ou muro occidental d'aquelle Ribeira das naus, em cujas aguas se reflectiam as suas elevadas torres e grimpas. Terminava com um terraço, ou eirado avarandado sobre o rio, por baixo do qual havia uma especie de caes com degraus de cantaria. Em agosto de 1708 vivia 'nelle o infante D. Francisco, irmão de D. João V.

Por onze horas de calmosa noite passeiavam no terraço sobre o Tejo tres individuos, conversando a meia voz, talvez por não serem ouvidos da gente do mar, que sobre as toldas de muitos navios mercantes e de alguns de guerra, que defronte se viam ancorados, buscavam refrigerio na branda aragem do mar.

Eram elles o infante D. Francisco, o conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, e o de Avintes, D. Luiz d'Almeida.

— Quanto a mim, repito a vossa alteza o que já uma vez ponderei, dizia o conde de Avintes: que me parece cedo de mais para tão elevado commettimento, sendo certo que vossa alteza nem ainda foi armado cavalleiro...

— Engana-se o conde, redarguiu o infante interrompendo-o e decapitando-lhe a proposição. Os filhos de reis já nascem cavalleiros, sem que preciso lhes seja o passar por essa cerimonia. E de mais, pueril me parece essa razão, accrescentára, de mau modo.

— Essencial não é, accudiu o conde dos Arcos; mas costuma ella entre cavalleiros, como vossa alteza sabe, significar maioridade legal, emancipação da juventude, entrada...

— Entrada aonde? interrompeu de novo o infante. Pareceis-me combinados para me contrariar. Se tal falta é essencial, como dizeis, eu farei que

meu irmão ordene immediatamente essa cerimonia.

— Note, porém, vossa alteza que só d'aqui a dois annos é que...

— Por Deus, conde de Avintes ! atalhava o irascivel infante, que parecia não querer ouvir razões de natureza alguma, que o contrariassem. Aos quatorze annos se armou cavalleiro D. Affonso Henriques. Pois dae que eu me armasse tambem ou que o faça quando me aprouver, e não falemos mais em tão pequena cousa. Meu irmão casou-se, é já rei, e preciso é que eu o seja tambem. Felizmente temos territorios dilatados no dominio da corôa portugueza, que podem com maior proveito do nome que herdámos ser desmembrados dos estados de meu irmão, e por mim governados. Achaes, por ventura rasoavel este monopolio injustificavel de poder e mando ? Governe o mano João o velho Portugal, e eu irei, como sou mais novo, governar o Brasil que não é tão velho.

E o infante D. Francisco, pretenciosa nullidade, cujo caracter a historia nos apresenta maldoso por indole e ambicioso por educação jesuitica, ficára satisfeitissimo com a distincção que fizera de velho e novo Portugal, que por velhos e novos deveria ser governado.

Desde 1549 que a Companhia de Jesus, lançando um braço ás terras do sul da America, uben-

rimo solo, virgem territorio rico de arvores, de fructos, de rios, de minas, de tudo, tentára fundar alli vasto imperio sob o sceptro de Roma catholica, na apparencia, mas das temporaes ambições da Companhia em realidade effectiva.

Quando D. João v subira ao throno já contava por seus vassallos alguns milhões d'homens 'naquellas virgens terras do Wraguai a illustrada Companhia de Jesus. Era, porém, um dominio parcial ainda, muito á quem dos intuitos dominadores da ordem ostensivamente humanitarios e civilisadores.

Confessor seu era o jesuita Simão dos Santos, e tambem era seu mestre outro jesuita, Luiz Gonzaga, e aos filhos de Santo Ignacio se entregava o monarcha mui crente na salvação de sua alma, por elles preparada com solertes pedidos para obras pias, em proveito temporal de seus co-irmãos.

O infante conhecia o poder da Companhia na America, e fôra jurado successor e herdeiro do reino nas côrtes de 1697. Bem sabia que o rei de direito era seu irmão mais velho, e que elle só o poderia ser por fallecimento do legitimo herdeiro sem successão ; mas, taes pruridos de governar lhe despertára na mente fraca aquelle juramento, que o infante, no infrene da ambição, em al não pensou se não em ser rei de portuguezes. Folgava em demasia com as aventuras do irmão, crendo que mais noute menos noute algum espadachim brigão lhe

tirasse a vida nas estreitas e escuras ruas de Lisboa, pondo-lhe a elle na cabeça a corôa, que muito almejava.

Não sucedera assim, e o novo rei de Portugal preparava-se para receber a esposa com quem casára já. Era uma desfeita nas ambições do infante, mas não era uma victoria. Esteril poderia ser a rainha, ou seu irmão, como o fôra seu tio, e uns accidentes que o salteavam por forma recrudescerem que podesse vir a ser natural realidade o seu sonho constante, especialmente depois de jurado successor.

O conde de Avintes não respondera ao infante, temendo exasperal-o com suas prudentes observações; mas o dos Arcos animou-se a redarguir.

— Partilho as ideias de vossa alteza no essencial da proposição. Entendo que a divisão do poder será de beneficos resultados para os brasileiros e de muita gloria para quem realisasse tamanha empreza. Primeiramente, porém, sabe vossa alteza quão poderosas serão as adherencias que toparemos aqui em vosso irmão, e em Diogo de Mendonça Corte Real especialmente, e depois nos demais ministros e grandes do reino. No Brasil, como na America do norte, já lavra, é certo, a ideia da independencia, por muitos acariciada; mas, descuradas as vastas terras do Brasil não têm inda seus filhos preparado o terreno para 'nelle germinar a nova ideia.

— Pois bem, e muito bem, interrompeu o infante; preparamos nós esse terreno; e, Deus louvado! que não temos falta de obreiros. A Companhia de Jesus já cinge o Brasil em seus braços de amor fraternal, e pode ella por si sómente fazer com que um sceptro na minha mão leve a ventura e liberdade áquelles povos, engrandecendo-se em suas aspirações, e santos desejos de humanitaria redempção de selvagens.

— Desse modo, respondera o conde, quer vossa alteza aceitar o sceptro da mão dos jesuitas, se esses vol-o poderem dar. É mister, porém, considerar bem o caso, senhor infante. Por ventura não sabe vossa alteza que sorte de educação tem a Companhia dado aos habitantes do Wraguai, e que perniciosas ideias de desobediencia a el-rei lhes têm incutido? Mais de dois milhões d'almas já obedecem unicamente á Companhia, e...

— Pois ahi está o que nos convem, interrompeu satisfeito o infante, não alcançando o fim politico da educação jesuitica, e crendo que aquelles povos, pois que só obedeciam aos da Companhia, a um aceno seu acceitariam por soberano senhor quem ella indicasse.

— O fim da Companhia de Jesus nos estados do Brasil, senhor infante, accudiu o conde de Avintes, que se abstivera de discutir, temendo irar a seu amo, é a manifestação inteira e cabal da sua di-

visa d'ella : *serem como são ou não serem.* Os discípulos de Santo Ignacio já imperam absolutos em parte d'aquelles estados, obedecendo unicamente a Roma, em quanto não dominarem em todos elles, e não é crivel que, para darem a vossa alteza aquella conquista, tenha sido e seja o seu trabalhar constante de emancipaçao e obediencia. Ainda se dizem subditos da corôa por melhor occultar seus terrenos designios, creia-me vossa alteza.

— Vejo pois, que vossas opiniões são contrarias ao projecto, e que o não auxiliareis com vosso valimento. Pois não importa, que meios tenho eu de o conseguir, independentemente de vossa vontade. É preciso, porém, que o segredo deste negocio não passe de vós, tendes entendido?

— Pôde vossa alteza ficar certo disso, disse o conde dos Arcos.

'Nisto appareceu á porta que dava para o eirado o secretario do infante, Antonio Vaz Castello Branco, acompanhado do confessor do mesmo senhor, Simão dos Santos, e do seu mestre de mathematica, Luiz Gonzaga, ambos jesuitas. Era meia noute.

— Sois pontuaes, meus padres, como jesuitas, que sois, disse o infante, indo-lhes ao encontro. Sabei ambos, meus amigos, que não são do nosso partido os condes d'Avintes e dos Arcos. E todos continuaram a passeiar.

— Será talvez, por julgarem extemporaneo o ne-

gocio, que por não servirem a vossa alteza impossivel me parece, disse o finorio mestre do infante, sabendo bem que a abstenção dos condes só tinha por causa a contraria opinião d'elles ao desmembramento do reino.

O conde d'Avintes, que não gostava da Companhia, contentou-se d'aquella vez em responder que assim era, como Luiz Gonzaga suppunha.

Não gostara o jesuita de tão breve resposta, por que vinha disposto a contrariar aos condes em defensa do projecto, que lhes daria a elles jesuitas absoluto dominio nas terras de Santa Cruz, sob a apparencia de um rei da casa de Bragança, cujo sceptro empunharia a poderosa mão dos filhos de Santo Ignacio. Com estas ideias continuou Gonzaga a dirigir-se aos condes, chamando-os a terreiro :

Effectivamente a ideia de ser cedo ainda para tal empreza de peso seria se nos acháramos sós em campo. Temos, porém, a nosso lado um poderoso elemento : são as ideias de emancipação que vão minando a America de um extremo a outro. Arvorou Guilherme Penn nos Estados do norte o pendão da independencia, nas sabias leis liberaes que tem dado a Pensylvania. No Brasil desfraldou ha pouco tempo o mesmo estandarte, se bem que de contrario modo, um estrangeiro atrevido. O saque do Rio de Janeiro por Du Guay Trouin por modo mostrou a seus habitantes a importancia de suas for-

ças, que não ha hoje 'naquelles vastos dominios um só filho que não deseje a sua independencia da metropole, que mais pensa em se locupletar á custa d'elles do que em lhes proporcionar meios de defensa contra as ambições da França.

— Talvez que não pense mal vossa Paternidade, redarguiu o conde dos Arcos; mas despresaes no vosso calculo uma parcella essencial: o amor da patria una e indivisa. Aquelle puro sentimento de affeição á tira de terra mais occidental da Europa, que abarcou dois mundos nos esforçados braços de seus filhos por engrandecimento d'ella. São portuguezes os habitantes do Brasil, senhor Luiz Gonzaga.

— Senhor conde dos Arcos, com uma simples distincção concordamos ambos. Negando eu que brasileiros sejam portuguezes, o que fica do vosso arrasoado está em harmonia com minhas ideias. O amor de patria, exactamente o amor de patria é que levará os filhos da America do sul a proclamarem-se independentes. Unidade a que a mão de Deus interpoz a vastidão dos mares, só pode existir no sentimento de que fallaes. Ignoraes por ventura a formação das nacionalidades? Vêde a portugueza. No vosso sentir nunca foramos portuguezes, mas gallegos, ou hespanhoes andaluzes.

O infante D. Francisco eclypsára-se no discutir do conde e de seu mestre; mas, na penumbra

em que esteve, exultava de jubilo com as razões de Gonzaga. O conde de Avintes e o dos Arcos incomodados com a vigorosa argumentação do jesuita sentiam fremitos de entusiasmo por destruir as razões de Luiz de Gonzaga, accudindo o dos Arcos :

— As nacionalidades formam-se pela espontânea vontade dos povos, e não pela violencia e extorsão, illustre jesuita !

— Aqui não ha violencia, poude articular o infante: os povos da America querem ser independentes, conde dos Arcos !

— Desculpe vossa Alteza, mas permitta que a resposta seja para Luiz Gonzaga. E continuou :

As nacionalidades formam-se com amor e com instrucção, consoante os tempos. Carthago senhoureu a Peninsula, e não foi só por violencia, nem por esta se achar distanciada pelo Mediterraneo. Roma, a capital do maior imperio conhecido, deu leis ao mundo retalhado por mares; e vossa paternidade deve saber que esta heroica peninsula, enquanto violentada nunca foi romana : tinha filhos como Viriato para lhe destroçar as cohortes, e só poude ser parte do grande povo quando as violências e traições, que tiravam as vidas aos fortes capitães, foram cambiadas em docura e amôroso trato, e quando Cesar e Augusto por sua boa politica conseguiram assimilar romanos e ibericos. De nada

será, pois, o argumento do interposto mar para que uma nação tenha filhos seus alem dessas aguas em remotos climas. Bem sei que se fundam tambem imperios pela força das armas, e pelo terror, e pela corrupção. Mas a esses taes succede mais cedo ou tarde o que entre nós vimos em 1640. Os escravos acordam um dia, e, evocando os brios dos avós e retemperando n'elles os amortecidos brios, sacodem para longe as manilhas do escravo, entoam o hymno dos libertos e chamam-se heroes como os defensores da corôa do senhor D. João IV em tantissimos annos de lucta! Quereis a independencia do sul da America? Pois bem, derramae a instrucção nesses povos, insuflae-lhes o amor da liberdade e possivel será então essa independencia, tão prematuramente desejada.

— É esse exactamente o ponto que menos bem conhecéis, senhor conde, disse o jesuita. Por lá temos derramada basta instrucção nos povos cultos e nos selvagens, que a Companhia de Jesus tem chamado aos povoados e tem civilisado conforme a doutrina de Christo.

— Conforme a doutrina da Companhia, melhor direis. Pois que educação tendes vós dado a esses desgraçados selvagens? O ensinamento da doutrina christã não basta para formar homens livres. Conhecem elles por ventura seus direitos e obrigações? Não conhecem, porque vós o não quereis.

Até a lingua portugueza ignoram, porque assim melhor vos servem de instrumentos !

— Isso é excellente e convem ao nosso fim, exclamou o infante. Acceitarão facilmente qualquer senhor, sem resistencia nenhuma.

Luiz Gonzaga estimára que o infante se intro-metesse na conversação, por mais não contrariar ao conde. E conhecendo sua animadversão, houve por melhor não allegar mais nada, nem descobrir tambem o plano traçado em S. Roque. Assim, poz termo á practica respondendo, ou confirmando o parecer do infante :

— Com o auxilio de Deus tudo conseguiremos : o ponto está em nós fazermos da nossa parte por isso.

Uma galeota real, dentro da qual vinham dois vultos, abicava 'neste momento ao caes do palacio, remada por dois homens.

O infante, que a avistára, tomou logo mui naturalmente a direccão da porta da primeira sala do palacio, seguido de todos : os jesuitas conversando com Antonio Vaz, e os dois condes um com outro.

Alem do infante nenhum d'aquelles homens atentará na galeota.

II

Heroismo de negra

O antigo bairro de Lisboa, na freguezia de Santos, conhecido pelo *bairro de Mocambo*, era habitado por gente negra, na maior parte, e pela mais baixa camada social da familia portugueza, na menor, no primeiro quartel do seculo passado.

Pela qualidade dos habitantes suas casas eram construcções acanhadas, em que de espaço a espaço, 'num labirinto de ruas, se alteava mais elegante uma ou outra construcção. Proximo do convento das Trinas do Mocambo havia uma travessa estreita, tortuosa, e lamaçenta quasi sempre, com casinhas de um só andar, ou sobrelojas, as quaes, por muito caiadas, davam á angustiada travessa uma certa alegria.

Contrastando com á alvura d'aquellas paredes, tão cuidadosamente caiadas, era curioso de ver uma populaçao negra, ou mulata, cujas cabeças encapinhadas assomavam ás portas e janellas d'aquellas casas.

Era, pois, aquelle bairro de Mocambo o bairro dos pretos caiadores de Lisboa, e empregados na limpeza de suas ruas, como hoje em dia os varredores municipaes.

Por canalizar ainda e falta de illuminação, com excepção da Rua Nova e de poucas mais na baixa, Lisboa despejava para as ruas quantas immundicias havia, e era aquella gente miserrima do bairro de Mocambo a que se encarregava, por diminutissima paga, de fazer a limpeza dellas, indo despejar ao Tejo á bocca da noite de cada dia grandes barricas de mal cheirosos residuos da princeza do Tejo, tão decantada por Luiz Mendes de Vasconcellos no seu *Sitio de Lisboa*.

Alguma gente branca alli residia tambem; mas era esta da mais infima da sociedade, que por seu infortunio tão baixo descera.

'Naquella mesma noute em que no anterior capitulo assistimos á conversação do infante D. Francisco com os condes d'Avintes e dos Arcos e com os jesuitas no eirado do palacio do Côrte Real, um embuçado dirigia seus passos para a travessa do Pé de Ferro, que acabamos de descrever. Eram mais de onze horas.

Apesar do calor da noute, aquella miseravel população repousava já, e apenas assentada a uma porta, meio cerrada, em cuja loja terrea havia alguma luz mortiça, se via um vulto de mulher andrajosa, ou pouco menos, apoiando a cabeça nos joelhos elevados. Dormia. Através de uma pequena vidraça na janella superior á porta saía uma facha de mais viva luz, a estampar-se na fronteira pare-

de, ou muro de um quintal. Como se fôra o fôco de camara obscura, viu o embuçado passar e repassar umas sombras de um para outro lado, na parte do muro alumeadó, e no sobrado da sobreloja, presentiu tropel de passos violentos, e ouvira uns como abafados ais, que mui de propósito se não deixaram expandir.

— Jacintha ! exclamára o sujeito, indo á mulher dormente e sacudindo-lhe um hombro.

— Sioro, mês sioro, respondera a mulher, erguendo uma ensomnarada e bella cabeça ethiopica, ou melaniana.

— Onde está o teu homem ? perguntou o embuçado.

— Sioro, dorme.

— Quem está lá em cima ?

— Zabel solamente, mês sioro.

— Mentes ! preta de uma figa : mais alguem está. A negra, ouvindo-se apodar de falsa, ergueu-se e perfilou sua elevada estatura, encarando com o recemchegado, a quem respondeu :

— Espreta no mentir, mês sioro : cá no entrar home vivo.

— Tonta ! Queres ver como alguem entrou ? E descobrindo o rosto crusou o limiar da porta, que abriu, entrando na loja terrea, e dispondose a subir ao primeiro e unico andar da casa.

A preta, não bem acordada ainda, e não conhe-

cendo o vulto que por ella passára rapidamente, crendo que ninguem entrára por aquella porta, corre ao embuçado e segura-o pelo capote.

— Larga-me, Jacintha, disse o homem, mostrando-lhe em cheio o rosto, em que a vasquejante candeia estampava de frente seus raios desbotados.

— Ah mē sioro! exclamára a negra Jacintha, mal o conhecêra, e soltando logo a capa, que sustinha.

Ou fosse porque as pessoas que estavam em cima ouvissem o breve dialogo da negra com o homem que vimos, ou porque se calassem por causa que não conhecemos ainda, é certo que não se ouvia nem o ruido dos passos, nem os ais, ou breves gritos de que fallámos.

Não merece uma descripção esta loja: diremos apenas que nella havia alguns tamboretes velhíssimos e algumas tripeças, sobre uma das quaes o individuo deixou cair o capote, ou gabão, em que viera envolto, sem duvida por se occultar, que por se resguardar do frio claro é que não, em tão calmosa noute. À parte esquerda havia uma escada e á direita uma entrada para mais interno compartimento d'aquella terrea casa.

O sujeito, que pelo nome ainda não conhecemos, dirigiu-se á escada, que de mansinho começára a subir.

Em quanto o homiem sobe contemplaremos a negra Jacintha.

Mulher de sessenta annos, alta e desempenada ainda, não tinha muito proeminentes as maçãs do rosto, nem muito grossos o nariz e labios. Se não fora a negra côr e os cabellos encarapinhados poderia ser um regular rosto caucasico, pois que o angulo facial seria de 85 graus e o rosto era um um tanto oval. Sulcavam-lhe as faces algumas rugas; e, como os dentes alvissimos, alguns cabellos brancos se lhe viam na cabeça.

Esta mulher era casada com um homem da edade della, que tendo voltado de cumprir degredo nas pedras de Angoche por um assassinato que perpetrára em um marujo do Algarve, e não achando no reino trabalho mais proprio em que se occupasse, tão baixa fôra a esteira social em que vivera antes de ir para o degredo, e mesmo 'nelle, que voltando ao reino buscou aquella negra, que vivia de cair casas e de fazer a limpeza d'ellas; e, unindo-se em matrimonio, o myster seu exercitava. Passava por mau homem, não obstante a lição do degredo. Eram casados havia vinte e tres annos completos, e do seu consorcio tinham uma filha chamada Isabel e um filho por nome Paulino.

Jacintha, vinda d'Africa em creança com a mãe, exercera desde tenra edade aquelle baixo mister que parcamente a alimentava. Fôra em moça uma

negra esbelta e sympathica, como se pôde ajuizar das feições sexagenarias que vimos, capaz de chamar attenções de brancos, e de ferir mesmo cordas intimas de corações apaixonadiços. E ferira-os, de facto, chegando a ter mais do que um adorador de todas as condições sociaes. Até a nobreza lhe batera á porta. Era mulher de quem, como Camões, se podia dizer:

Aquella captiva

Que me tem captivo,

Porque nella vivo

Já não quer que viva.

Eu nunca vi rosa

Em suaves molhos

Que para meus olhos,

Fosse mais formosa.

Nem no campo flores

Nem no céo estrellas

Me parecem bellas

Como os meus amores.

Pretidão de amor,

Tão doce a figura,

Que a neve lhe jura

Que trocara a cor.

Gente miseravel, a população negra de Lisboa naquelle tempo, mais numerosa do que a de hoje,

dava-se a toda a sorte de vicios, sendo d'elles o principal motor a embriaguez. Jacintha resistir-lhe em nova, para se lhe devotar mais tarde com infrene e lamentavel ardor.

Pouco depois de casar dera á luz uma filha, a quem o senhor de Murça mandára pôr o nome de Isabel, na qualidade de padrinho, por convite da negra, que lhe servia a casa. Tão ante tempo nascerá a menina que para suspeitar era não ser ella filha de legitimo matrimonio. Não se attentou, porém, em tal.

Isabel contava perto de vinte e tres annos. Menos alta do que a mãe, era uma linda mulher. De fórmas delicadas, côr morena, em que visivelmente preponderava o elemento branco sobre o negro, cabellos pretos como o ebano, levemente ondeados, olhos grandes, vivos na subtil penumbra de pestanas crescidas e densas, dentes com a alvura da neve alpina, nariz e bocca de uma perfeição naturalmente emancipadora da raça ethiopica, que a procreára. Havia mesmo 'nella um *quid* de fino gosto, alguma cousa de nobre delicadeza, rarissima de encontrar em filhos de negras. Isabel fôra crescendo em companhia da mãe, sem para si querer o mister d'ella, que se não coadunava com seu gosto delicado. Chegada á puberdade Isabel aprendeu o mister de esparavelheira, industria de mulheres por aquelles tempos, e de hoje mesmo.

Em casa exercia ella sua occupação, de que auferia o bastante para trajar com alguma limpeza e para accudir ás necessidades dos paes. Aprendera a ler, de modo que tinha instrucção superior á das mulheres de sua plana. Aos dezoito annos foi vista com a mãe em uma loja do Rocio. Naquelle chia-
do de 1700 estanciaiam então uns parasitas, que Lisboa ainda hoje tem, alguns fidalgos sem em-
prego, que por alli se gastavam em murmurações
amorosas, em acaloradas disputas sobre touradas,
ou sobre as melhores raças de cavallos de padrea-
ção, e por vezes sobre as hespanholas de uma com-
panhia theatrical, unico passatempo honesto que as
noites offereciam aos lisbonenses.

A apparição d'ella, como era de suppôr, alar-
mou aquelles grupos de vadios, que mil pergun-
tas se fizeram a seu respeito.

— Quem é? perguntava um.

— Não sei, nunca vi tal mulher.

— Será filha da preta?

— Impossivel! clamaram diversos.

— Sigamol-a, aventaram alguns.

Áquella impudica curiosidade se não associára um moço de vinte e tres annos, que vivamente se sentira impressionado por um olhar fortuito e ca-
sual de Isabel. Pois era elle dos mais ardentes propugnadores das aventuras do principe D. João,
dos seus duellos cada noite, dos escandalos na

cidade, das touradas sanguinolentas, de tudo.

É que para elle fôra o olhar de Isabel como centelha electrica, que o assombrára, ou como iman que lhe apontára um norte, a elle, bussola vacilante nos mares de uma existencia encapelada de fugaces prazeres, eriçada de parceis, tempestuosa de fugitivas e ruins paixões.

Sentiu-se escravo de uma escrava, talvez, mas de uma escrava senhora.

Affastando-se da turba de curiosos, o mancebo collocára-se á entrada da rua dos Escudeiros, calculando que ella por alli passasse, e podendo ver a direcção que seguisse quando por outra rua fosse. Aquelle olhar gerára uma paixão.

Isabel saiu com a mãe, alguns minutos depois, e tomou na verdade a direcção d'aquella rua.

A turba de curiosos acercára-se das duas mulheres dirigindo a ambas, mormente á negra, perguntas indiscretas, remoques, e chufas grosseiras mesmo. Isabel caminhava adiante de olhar no chão, envergonhada da improriedade dos ditos, que não tinha ouvido, e suspirando por se affastar de tal gente.

'Nisto, ouve-se um estalido agudo, como de estalar de espoleta. Isabel volta-se rapidamente e vê sua mãe curvada para diante tentando tirar á pressa o sapato de um pé, e mais adiante um peralvilho cobrindo o rosto com as mãos, enquanto

os demais acompanhavam com uma casquinada de riso o estalido vibrante, que outra cousa não fôra se não uma tremenda bofetada, que a preta lhe estampára no rosto, em troca de uma moeda de grosseiro cobre com que o alfenim offendera a negra e a filha. Não satisfeita com a bofetada, Jacintha preparava-se para o correr a chinello. Envergonhados, por fim, todos aquelles homens retrocederam, deixando que a preta, a pedido da filha, seguisse seu caminho.

Entraram na rua dos Escudeiros, onde o mancebo as esperava.

A serenidade d'aquelle moço bem vestido com meias de sêda e calções de risso, vestia e casaca de sêda, espada á cinta e chapeu bem armado, curvando delicadamente a cabeça ás duas mulheres deu nas vistas a Isabel, que por segunda vez para elle ergueu seus olhos de uma formosura virginal.

A commoção e estremecimento íntimos que os dois podessem sentir, deixo que apreciem o leitor ou leitora que sejam ou já fossem novos, e que hajam pago aquelle agridoce tributo á natureza, que ninguem isenta, nem mesmo ao que, pautando suas accões externas pelas normas de um viver asceta, quizer impor ao coração, virgem de affectos, uma isenção impossivel.

E se alguem houver que não accele esta dou-

trina, por Deus ! que o não faça sem a mão na consciencia, sempre viamente vendar a candida verdade.

Amar ! Lei eterna imposta por Deus ao homem como á pomba, ao reptil e á fera ! Condição de sequencia vital, senão a propria vida, quem ha ahi que a desconheça ? Quem, que uma vez ao menos na vida a não presentisse no subito córar das faces, no rapido estremecer do coração ? Ninguem ; que o contrario fôra até um insulto ao Creador, fôra uma offensa á Divindade.

O amor é o sopro vivificador do Creador na creatura ; o movel dos seus mais preclaros feitos ; o estimulo para os mais audaciosos commettimentos. O que seria o mundo sem o amor ?

Vulcanisado globo em que nem desabrochasse a mais pequenina flôr, nem vegetasse a mais rasteira alga ; sem brisas, sem orvalhos, sem aromas. O que seria o mundo ?

O mancebo seguira a distancia as duas mulheres, por modo que d'ellas não fosse presentido. E lá se foram na direcção das Janellas Verdes e do bairro de Mocambo. Viram-se terceira vez ainda 'naquelle dia, depois avistaram-se mais, e fallaram-se, e amaram-se, em summa.

Quatro annos havia que aquelle moço freqüentava a casa de Isabel, da formosa morena que por elle se apaixonára tanto, tanto que lhe caíra nos

braços rendida. Quem seria, porém, este homem feliz? Este seductor e amante? Hemos de saber-o.

Por emquanto, retomemos o fio da narração.

Entrementes que a negra Jacintha cerrando de todo a porta, se assentára em um dos velhíssimos tamboretes resando as camaldulas subira o homem, pé ante pé, aquella escada para a sobreloja. A espada que tomára na mão esquerda, por não o denunciar batendo na parede, solta mal pozera o pé no ultimo degrão, fizera realmente ruido tocando 'nella. O vulto de um mancebo aparecera erecto á porta; Isabel corria a lançar-se-lhe nos braços, e pela janella que dava para a travessa, aberta com instantaneidade grande, sumia-se um vulto e se precipitava na calçada, deixando após si o leve ruido dos passos, de quem se affastava correndo.

III

Heroismo de mulata

Desligando-se com rapidez dos braços de Isabel, mal o vulto se precipitára da janella, o mancebo, porque era um homem novo ainda, galgára de um salto a breve escada, corrêra á porta por onde

entrára 'naquella casa, abrira-a com violencia e saíra para a rua, no encalço de quem quer que fosse. Era, porém, tarde: a pessoa que se precipitara da janella nem já do ruido de seus passos deixára sequer vestigios, tal fôra a rapidez da corrida.

Perplexo este homem, entre a ideia de correr tambem, após o que fugira, e a de voltar a pedir explicações a Isabel, optou por esta, e reentrou.

O marido de Jacintha, que acordára com o estrondear do salto e com a descida rapida da escada, e perguntára á mulher pela causa, com uma resposta tranquillisadora d'ella recompoz-se no grabato, em que dormia, e lá se ficou a curtir a *camueca*, como a negra chamava á usual embriaguez de esposo.

Attonita, Jacintha encommendava-se aos santos.

— Então, negra do diabo, estava lá em cima ou não estava um homem?

— Mê sioro, espleta no saber. Espleta dormir. San Furunando, Santa Antono, Deuso do celo!

O homem, deixando a negra a encommendar-se aos santos de sua negra devoção, subiu á sobreloja. Isabel aguardava-o anciosa estendendo-lhe os braços.

— Perdão! estou innocent: não tenho culpas, dissera ella.

E não tinha. O sujeito que saltára da janella,

aproveitando o dormir da negra assentada á porta, passára por ella e subira ao andar superior, onde Isabel trabalhava, talvez esperando ao seu amante.

— Quem estava aqui? perguntou de mau modo o nosso desconhecido.

— Um homem que não conheço.

— A que veiu a esta casa?

Isabel não respondeu, deixando cair levemente a cabeça sobre o peito.

— Muito bem! Condemnada pelo seu silencio é uma mulher desleal a que me jurára fedilidade eterna! Filha de uma raça venal e pervertida, quer seguir as pisadas de seus maiores no caminho do vicio e da prostituição infamissima e degradante! disse com sarcasmo, continuando: Mas é que não sabe, porém, que a punição pende sobre sua cabeça criminosa! E caminhando a Isabel, e tomando-lhe com violencia o braço direito com empuxão arrebatador que lh'a prostou aos pés, continuou exaltadissimo: Mulher infame e criminosa! confessa o crime, e dize-me o nome d'aquelle homem.

A linda Isabel, avergada pela força muscular aos pés do amante; inocente, porém, e forte com a consciencia do dever que não protrahira, ao ver-se de tal modo tratada, ella, que fascinada pela presença d'aquelle homem se lhe entregará com um coração virgem em corpo immaculado, levanta-se instantanea, desprende-se vigorosa e resoluta do

braço que a vergára, defronta-se com elle sublime na attitude, inspirada na linguagem :

— Mulher infame e criminosa não sou eu, fidalgo illustre ! Infame é o homem que desce á morada do pobre para o deshonrar e para lhe cuspir depois no rosto ! Infame é o homem que se apodera de um coração puro para o envenenar depois da posse ! Criminoso é o homem branco que vem buscar a filha da negra para seus impudicos appetites, sem se lembrar que o coração della sente como o seu, e é capaz de tanta, ou mais elevação do que aquelle que a perdeu ! Infame é o homem que seduz a uma mulher e a vende mais tarde !

— Calla-te, maldita, ou te mato ! Exclamára o homem levando a mão punho da espada, que meio desembainhára.

— Sois incapaz disso, por que sois fraco ! porque sois covarde !

Desnorteado o homem com tão affrontosos epithetos ia para tirar da bainha inteira a lamina da espada, talvez para com ella devolver a Isabel os doestos bem nascidos de justa indignação, quando esta corre ao aggressor, e com a mão direita força a delle a metter na bainha o ferro da espada !

— Á traição me podereis matar, de outra sorte não ! exclamara. E dando dois passos para traz, Isabel, hirta e magestosa como a mythologica Medêa, sublime como o dever offendido, poderosa como a

innocencia opprimida, leva a mão direita aos seios donde a retira armada de um punhal e aponta-lhe com a esquerda para a escada, bradando raivosa :

— Fóra, e já !

Ao cimo da escada apparecêra a negra Jacintha attrahida pela voz erguida de sua filha.

Quadro notavel !

Isabel, a filha de branco e negra, a formosa mulata estava totalmente desfigurada pela cholera ! Do selvagem d'aquelle raça negra, que a procreára, havia 'nella um olhar feroz ; estremeciam-lhe terrivelmente os musculos ; espumava pelos cantos da bocca, tinha os cabellos erguidos como juba de leão mal ferido ! O homem temera-a. E se bem que tomado de grandissimo desespero por se ver vencido de uma mulher, sentiu que um pensamento, por ventura nascido de susto, que o salteou instantaneo, viera dar rumo novo a suas ideias de mal sofridos ciumes. Sentiu que podera ter sido cruel, sobre injustissimo, e desafivelando da cinta a espada, por ventura virgem, arremeçou-a aos pés da amante, exclamando :

— Isabel, minha Isabel ! Perdoa-me !

— Ah !! Foi a unica resposta da bella mulata, occultando precipite no peito o punhal, e correndo a se lançar nos braços do homem supplicante.

Desapparecêra a fera, transformára-se o tigre da Hircania na donzella que dera áquelle homem o

seu virgem coração e a quem amava com todas as veras de sua alma mestiça, com o ardor da mulher selvagem, capaz de o matar ou de por elle sacrificar a vida.

Isabel nos braços do amante cahira desalentada e enfraquecida, pendidos os braços, tombada a cabeça, exanime o corpo.

Era a mulher!

A mãe de Isabel, depois de contemplar sombria aquella scena final, descera a escada, deixando os dois a sós.

Saibamos agora, por cousa essencial a esta historia, que Isabel explicára ao amante o como lhe entrára de repente na casa um homem novo, dizendo que muito a amava e bem lhe queria, desde que a vira um dia no Rocio com a mãe; que por esta soubera onde morava, não por que o perguntasse, mas por conhecer aquella negra de sua casa, onde costumava ir havia muito, e onde lhe disseram a morada d'ella; que sabia dos seus amores com outro homem e lhe vinha propor a acceptaçao dos seus, em troca do que ella ambicionasse; que elle como fidalgo rico, que se dizia ser, lh'o daria promptamente, e que terminára tentando violental-a.

Esta narraçao levára ao animo do amante a verdade, recordando-se, em harmonia com ella, das sombras que vira prepassar no foco de luz da parede do muro quintal, quando entrou na loja, que

outra causa não seriam senão a breve lucta entre Isabel e o intruso. Trouxe-lhe mais ao espirito a quasi certeza de que o homem seria o filho mais velho do senhor de Murça, unico, além do infante D. Francisco, que sabia d'aquelles amores. A esta parte da narração de Isabel respondera o amante, que sómente sua Alteza, sabia de taes relações, e que não era crivel tel-as elle participado a outrem.

Isabel acreditava-o.

Que homem era, porém, este que tanto vae avultando na tella da narração? Apresentemol-o ao leitor.

Homem que não teria vinte e cinco annos então, era gentil de corpo e de agradavel presença. Instruido e bem fallante, conhecia algumas linguas da Europa, que manejava destramente. Com certa vivacidade e entusiasmo, era amigo de aventuras amorosas, de bons cavallos, e de touradas, segundo o costume do tempo. Havia um anno que entrára para o serviço do infante D. Francisco, irmão de el-rei D. João v, de quem era mui querido por seus bons ditos, e por se prestar de boa mente, e com prazer até, ás extravagancias de seu amo.

O seu moral carece de descripção por melhor se conhecer e apreciar o homem. Educado n'uma escola licenciosa, que então havia em Lisboa, se

por indole mesmo não tombava para a corrupção, o seu pendor para ella era grande, por effeito de educação e dever de seita. Não punha duvida nenhuma em envenenar o sacrario íntimo da honra do amigo, que o recebia em sua casa, se 'nella havia quem, por fragilidade, se prestasse a seus ruins desejos e criminosos intentos, aparentando affeição honesta, amizade, que não tinha, ao amigo, caracter, emfim, cuja dobrez muito era para receiar. Discípulo da escola cynica, punham em duvida os que de perto o tratavam se para elle haveria alguma cousa sagrada.

Assim foi que apoderando-se do coração de Isabel, que d'elle se sentira escrava, em vez de responder com inocente amor aos estros do coração d'ella, que o estremecia, este homem mercadejava os affectos da amante em proveito proprio! Ao vilanissimo chatinar alludira Isabel, pouco tempo ha, como o leitor ouviu na sublime apostrophe, que o levou a arrancar da espada para ella!

No decorrer da narrativa apreciaremos melhor o caracter do homem e pesaremos em balança justa o fim que tiver, não erguendo por agora mais nenhuma dobra do manto tenebroso.

— Isabel, minha Isabel! dizia elle á amante, recostada no leito, em que mister fôra repousar das fadigas da extrema excitação, a que a imprudencia d'elle a conduzira, perdôa-me o que disse e

fiz. Sou um louco que te prezo muito, Isabel! A ideia de um rival amoroso tresloucou-me a razão. É porque te adoro, bem vês; é porque te idolatrio!

E mentia como um negro depravado, fallando assim. E ella acreditava-o, a pobre rapariga! Vêde que singular influencia exerce na mulher o poder dos affectos intimos, a força do verdadeiro amor! Como é casto e puro, assim pensa, assim crê que deva ser aquelle a que tem direitos, aquelle de que se julga senhora! Illusão grande, miragem seductora, illusoria ventura! Paulo e Virginia não foram os paes do genero humano.

O coração é abysmo insondavel que ninguem mediu ainda, é voragem por sondar, é mar de brisas leves, de galernos de feição, de parceis traiçoeiros, e de syrtes espantosas!... Balsac não o conhece, a physiologia sabe-lhe a estructura, descreve-lhe a fórmula, explica-lhe o功用, mas não o conhece! A sphinge da antiguidade grega symbolisa o coração humano: falta o Oedipo para lhe adivinhar os enigmas!

Como nem só para as tempestades da natureza ha na bonança contraposição, no espirito de Isabel, que tão turvado vimos, raiará a manhã da serena alegria com aquellas mentirosas palavras do amante.

Uma hora depois de amorosos colloquios, de

ternas expressões e de mais seductor as promessas, aquelle homem, como relembrando casualmente um assumpto de que muito afastado parecia, mas que na memoria trazia sempre, exclamou com aquelle contentamento que acompanha a satisfação de uma lembrança feliz :

— Lá me fallou hoje outra vez em ti sua Alteza o senhor infante, mostrando ardentes desejos de te conhecer.

— Essa leviandade te não perdôo eu, respondera Isabel. Fallar em mim a sua Alteza ! Tornal-o conhedor das nossas relações... Para quê ? Para elle desejar agora conhecer-me, e admirar a minha belleza, que lhe encareceste, terminou ella a rir, como zombando de sua formosura.

— Sua Alteza é tão meu amigo que me atrevi, é certo, a communicar-lhe nossos amores ; mas por simples vangloria minha, desculpavel em quem teve a felicidade de te possuir o coração, minha formosura !

— Pois sim ; mas eu não vou lá. Se o senhor infante me deseja conhecer que venha aqui um dia e vendo-me satisfará a essa curiosidade.

— Que lembrança, minha Isabel ! Pois o senhor infante havia de vir a esta casa ? Não pôde ser, Isabel. Os reis não descem, e felizes os vassallos que podem subir até junto d'elles.

— Mas elle não é rei, e que o fosse, não se diz

por ahí que o irmão, o senhor D. João V, entra cada noute em casas tão pobres como a minha?

— Isso não é assim. Que sua magestade entre 'num ou 'noutro convento, onde sua piedade o leva por mera devoção, talvez que aconteça; quanto ao mais não creias, Isabel.

— Não o juro, respondeu ella.

— Nem eu; mas, como é mais de meia noute, e a vizinhança e a cidade são dormentes, porque não has de tu ir em minha companhia até ao Côrte Real, onde sua Alteza te verá, acabando 'num momento esta demanda, em que mais não pensaremos? Pois não te sentes orgulhosa com esta honra? Quantos nobres fidalgos a desejaram!

Isabel era mulher, e nova e bonita, na verdade. Se não fôra a côr que tinha seria uma das principaes bellezas da Lisboa de então. Ella sabia-o e até na propria côr fazia consistir o seu maior orgulho, por ser unica em tão formoso rosto. Pareceu hesitar ficando pensativa.

Eva comêra a maçã; Isabel olhava para o infante.

— Vamos até lá? exclamou elle de repente, erguendo-se de um salto e com entusiasmo.

— Vamos; mas, com duas condições, disse Isabel.

— Ou com tres, respondeu elle satisfeitissimo, como quem se considera feliz com a victoria que alcançará.

— Pois sim, com tres condições: acceito a lembrança. Não deixarás de me acompanhar nunca: só me demorarei um quarto de hora, e...

— E quê? perguntára o amante ao ver aquella paragem, ou suspensão de Isabel.

— E levarei esta arma, concluiu ella risonha, tirando do peito o punhal com que ha pouco o ameaçára, e mostrando-lh'o.

O amante ficou assombrado com semelhante ideia, porque nem pela mente lhe passava ainda que fugitivamente, a lembrança do punhal com que pela primeira vez vira Isabel armada. Por modo tal o escondera sempre ao amante, que o espanto deste foi maior 'naquelle momento, em que a sangue frio fitava a ideia de ter uma amante Lucrecia Borgia, do que quando, pouco havia, o tinha visto relampear na mão d'ella.

— Tu, armada de um punhal! Para que tens esta arma, Isabel?

— Para me defender escrava de um só homem a quem amo, respondeu rindo muito com o espanto d'elle. Acceitas a condição?

— Acceitaria... sim... se preciso fosse; mas, não é.

— Quem sabe?

— Acceito, respondeu por fim o amante, subordinando aquella resposta a um pensamento íntimo, talvez tanto como aquelle que levou Isabel a dizer que trazia consigo o punhal *por se defender es-*

crava de um só homem, amabilidade que elle lhe não agradeceu e que não expressaria talvez a verdade.

E a formosa mulatá, vestindo saia e roupinha novas, enfeitando de fitas a cabeça e tomado uma capa em breve se aprontou.

— Partamos, exclamou ella, com grande vivacidade.

— Vamos! respondeu o amante, com um sorriso forçado, que bem deixava transparecer uma certa apprehensão muito íntima.

E descendo á loja, onde Jacintha já não estava por se ter ido deitar, a filha abriu a porta, saiu com o amante, fechou-a por fóra, arrecadando a chave, deu o braço ao amante e partiram ambos.

Aquelle homem novo que o leitor já conhece de vista e por suas prendas descriptas, chamava-se Pedro José Suppico de Moraes, auctor de uns grossos breviarios de *Apophlegmas* insulsos, ainda hoje delicias de sachristães, e de alguns professores de instrucção primaria jubilados.

IV

Sint ut sunt, aut non sint.

D. Marianna d'Austria, a filha de Leopoldo I, havia já dois annos que era rainha de Portugal.

D. João v, o imitador de Luiz XIV, ainda não tinha successão legitima: parecia esteril a rainha. Desgostoso vivia o monarca quando lhe ocorreu a ideia de fazer uma promessa a Santo Antonio para que este milagroso amigo dos portuguezes fuscasse a rainha. Era isto por março de 1710. Deus attendera á supplica do grande thaumaturgo, e D. Marianna dava a luz em novembro de 1711 a princeza D. Maria, primeira da serie de filhos com que a Providencia garantia a independencia portugueza.

É singular este uso de fazer promessas a Deus e aos santos. Especie de contracto implicitamente proposto á Divindade, no qual com a offerta se paga um serviço recebido, ou para receber, este uso deve ser forçosamente gentilico ainda, que o Fundador Divino da religião da luz nas trevas do erro, Jesus, bem claro disse que *o seu reino não era o d'este mundo!* D. João v, porém, fizera a promessa, e por intercessão do santo fôra ouvida a sua supplica no tribunal do Altissimo. Preciso era cumprir, e depor a oblata no altar de Deus.

Surgiu Mafra á voz do infante amoroso, e rei christão. Ergueu-se aquella molle immensa, gateada de vergas de ouro, cimentada de bagas de pranto de um povo constrangido, e violentado pela prepotencia do rei freiratico. E lá campeia aquella inutilidade offerecida a Deus, a quem mais grato fôra a fundação de hospitaes, e misericordias, e albergarias e asylos, para a miseravel humanidadedoente, e pobre, e sem lar e sem pão !

A promessa cumpriu-se com magestade em tudo regia. Quarenta e oito milhões de cruzados consumidos em sinos e em marmores alli zombam dos seculos e dos homens, e D. João v, no seio do Eterno, deve gosar a bemaventurança perpetua por tão assignaldo serviço.

Mas deixemos a *semsaboria de marmore*, na phrase incisiva do grande historiador portuguez dos nossos cinco primeiros reis, e entremos em S. Roque collegio da Companhia de Jesus, onde nos esperam alguns conhecidos e outros estranhos.

Na cella do Provincial dos Jesuitas, sentado em famosa poltrona junto a uma grande mesa, conversam com elle Simão dos Santos, Luiz Gonzaga e Antonio Stieff, confessor da rainha, sentados em simples escabellos em volta de grande mesa de pão preto com pés torneados, no primeiro dia de março de 1710, seriam onze horas da manhã.

Sobre a grande mesa, com muitos papeis, car-

tas, livros e um grande tinteiro de prata, avultavam mappas geographicos, e o *Theatrum orbis terrarum* de Blaeu, aberto na parte que trata da America do sul, vastissima região da corôa portugueza.

— Chegaram letras da America, disse o Provincial. Antes, porém, de vos dar conhecimento de seu contheudo, preciso é que vós, Simão dos Santos, e vós Antonio Stieff, me digaes o estado de vossas conquistas nos animos de vossos confessados. Está ou não resolvido o sr. infante D. Francisco a aceitar o plano que lhe propomos?

— Concede-nos apenas o Wraguai.

— Esse temos nós: do que precisamos pelo menos, é do trato de terra abraçado pelo rio Wraguai desde o seu nascimento, ou, melhor, da provincia do Rio Grande do Sul, de modo que nos unamos ao Paraguai com a navegação do rio Iguaçu. Empregae, pois, boa vontade e diligencia, que certa será a victoria.

Como se deprehende d'aquelles golpes largos, dados no mappa geographicoo da America do Sul, os jesuitas, não contentes com a posse do Wraguai e do Paraguai, ambicionavam a provincia do Rio Grande do Sul, para deste modo formar alli um vasto e já bem poderoso estado theocratico, completamente independente dos governos de Portugal e da Hespanha. Com aquella condição de ce-

dencia propunham-se auxiliar e promover a independencia do Brasil sob o governo do infante D. Francisco, lançando mão de todos os meios, desde o brando, até á revolta dos indios. Para isto mettiam em linha de conta o poder da Inglaterra, que a troco de algumas feitorias, que lá podesse ter, auxiliaria esta causa e ficaria sua aliada, não só para os lucros do commercio, como para mutua defensa, especialmente contra a França.

O vasto territorio do Brasil prestava-se famosamente áquelle plano de divisão, consentindo em si o poder theocratico da Companhia, cedendo mesmo algumas terras aos inglezes e dando ainda um imperio formidavel ao infante D. Francisco.

Planeava a Companhia, para o conseguimento do fim, collocar no Brasil o infante como vice-rei a principio, e acclamal-o absoluto e independente depois. Era preciso, portanto, levar D. João v a consentir na nomeação do infante, para o vice-reinado, persuadindo-lhe as grandes vantagens que ao reino adviriam de um governo com immediata superintendencia na administração publica d'aquelle vastissima região, sem que preciso fosse dar de arrematação muitas fontes de receita publica, como a cobrança de tributos de toda a especie, a recepção dos quintos das minas, que por passarem por muitas mãos, especialmente pelas dos rendeiros, chegavam aos cofres do estado notavelmente cerceados,

mas serem percebidos por empregados de imme-diatâ nomeação do vice-rei.

Esta era a summa do plano jesuitico, para cuja execução iremos conhecendo os meios empregados por elles.

— E vós, Antonio Stieff, que progresso haveis feito no animo de sua magestade e no do marquez d'Alegrete?

— Algum, ainda que pouco, respondeu com es-trangeira accentuação o confessor da rainha, con-tinuando: — Sua magestade vive desgostosa com el-rei, não só por causa das leviandades delle no tocante a mulheres, como tambem por não dar suc-cessão ao reino, o que lhe pode acarretar maiores dissabores.

— Tudo isso havemos calculado, sem conside-rarmos o reino sem successão. Dado que se mani-feste a esterilidade, como parece certo, conduzire-mos as cousas para dar o throno ao senhor infante, não só com fundamento 'nessa falta de força ger-aadora, mas tambem nos desperdicios faustosos cuja tendencia tanto se vae manifestando em el-rei, com grave prejuizo da nação. Já é por esta ideia uma parte da nobreza, offendida com a dissolução de seus costumes delle. Do sr. infante sabemos nós que pôde ser pae, especialmente, vós, Luiz Gon-zaga, que tutellaes ha cinco dias a uma creança por elle gerada.

O castigo de um pae criminoso vem muitas vezes ferir a descendencia delle. *Ego enim sum Dominus Deus tuus : Deus accumulator, reddens iniquitatem patrum super filios in tertiam et quartam generationem.* Pôde succeder a el-rei o que aconteceu a seu tio, e a sua magestade a rainha o mesmo que á princeza de Saboia. Mas, porque não é tarde ainda para tanto cogitar, o que precisamos por agora é ter por nossa banda a rainha, no que respeita ao projecto do vice-reinado do Brasil, e pela sua della o sr. D. Francisco, para o caso mais grave de formal incapacidade de el-rei. Assim, preciso é que o infante visite mais bastas vezes a sua magestade a rainha.

'Nesse ponto instarei, respondeu Stieff, mas dei-nos agora que novas chegaram da America, pois que nol-as annuciastes.

— De todo o Brasil nos vieram cartas, e Deus louvado, que favoraveis são aos nossos intentos ! Ramifica-se prodigiosamente a ideia de independencia, graças a nossos irmãos, e sobre tudo no Wraguai. O padre Lourenço Balda, diz positivamente que é já nosso não só todo aquelle territorio mas a maior parte do Rio Grande do Sul, que preciso é seja nosso. Portanto, meus irmãos em Jesus, carecemos de empregar muita diligencia, todas as armas e o maior segredo, para o conseguimento do nosso fim.

Sint ut sunt, aut non sint, é a nossa divisa, bem o sabeis.

— «Onde não houver peccado, devo fazer a vontade de meu superior e não a minha, escreveu Bartoli — *Della vita di S. Ignatio*, disse Simão dos Santos. Receio, porém, que o conde de Avintes...

— Nada temais, redarguiu Gonzaga, pois que Manuel de Sá diz que a rebeldia de um sacerdote contra o monarca não é um crime de lesa-majestade; por que o sacerdote não é subdito do rei, mas sim do Papa. Por este lado, dado que o conde divulgasse o segredo...

— Por modo nenhum convem que transpire o intento que temos, accudiu o Provincial. Vêde lá bem, e se não achardes o conde firme, antes propenso a fallar, livrar-nos-hemos delle, como ordena Antonio de Escobar. Conheceis sua doutrina: «É tambem permittido matar aquelles que nos perdem juncto aos principes e ás personagens de distincção. »

— Não será preciso lançar mão de tão energico meio, disse Stieff; mas, se o for, não tenha vossa paternidade receio, que delle nos livraremos imaculados, como adverte Tannerus: «É permittido aos ecclesiasticos e aos religiosos matar, ainda não só para defenderem sua vida, como tambem sua fortuna, ou a de sua communidade. »

— Folgo em vos ver tão lembrados das santas

maximas de nossos grandes homens, disse por fim o Provincial. Preserverae 'nellas e ide em paz, que què eu vou responder ao padre Balda.

Em quanto estes illustres filhos de Santo Ignacio assim tratavam do reino do ceu, seguia caminho da Bemposta uma carruagem da casa do infante D. Francisco, completamente fechada. Saíra do Côrte Real e levava dentro o infante D. Francisco e Pedro José Suppico de Moraes.

Quando a carruagem chegou ao paço da Bemposta já o conde da Ribeira Grande, D. José Rodrigo da Camara esperava a sua alteza em companhia do estribeiro-mór, D. Rodrigo de Lencastre.

Apeado o infante e o Suppico, subiram os quatro.

— Já chegou o cardeal da Cunha? perguntára o infante.

— Haverá meia hora que espera, respondeu o conde da Ribeira Grande.

— Chegou tambem o conde de Aveiras e Christovam de Mello? continuou perguntando.

— Foram os que primeiramente chegaram.

— Pois não os façamos esperar mais tempo, respondera o infante, entrando no palacio e subindo a seus aposentos por uma escada especial para serviço de sua alteza.

Um quarto de hora depois, o sumilher da cortina, Christovam de Mello, dava entrada ao infante

na grande sala, onde passeavam o Cardeal da Cunha, os condes de Aveiras, dos Arcos e o de Avintes.

Feitos os comprimentos do estylo, disse o infante para o cardeal e para os demais :

— Relevae a demora a que vos obriguei involuntariamente. E, porque maior não seja, procedamos á ceremonia, se ninguem falta para ella.

— Ninguem : aguardavamos a vossa alteza, disse o cardeal.

— Christovam de Mello, convidae a condessa d'Aveiras e suas damas a entrar, disse o infante.

— A senhora condessa espera a vossa alteza na capella.

— Vamos, pois, disse D. Francisco, encaminhando seus passos para a capella do palacio.

Effectivamente alli aguardavam a chegada do infante a condessa de Aveiras, tres de suas aias e madama Duverger, com uma creança nos braços.

Paramentado o cardeal pelo capellão da real capella e pelo monge de S. Bento, Estevam Cotrim, tratou-se do baptismo da creança trazida por madama Duverger, franceza das affeições do infante por sua politica hostil a D. João v e por ser avó do infante D. Miguel, seu legitimado irmão.

— Que nome quer vossa alteza que tenha o menino ? perguntou o conde de Aveiras.

— Da vossa escolha será, respondera o infante.
É prerrogativa dos padrinhos.

— Costuma ser assim; mas diga vossa alteza,
é melhor.

— A madrinha que escolha, dissera risonho o
infante para a condessa de Aveiras.

— Perdoe-me vossa alteza, respondeu ella, es-
cusando-se.

— Se vossa alteza permitte, accudiu o cardeal,
e me dá poderes para a escolha...

— Certamente que sim, disse D. Francisco. O
ponto está em que os padrinhos concordem.

— Sem duvida !

— Pois não ! responderam quasi a um tempo os
condes padrinhos.

— Será, pois, João este menino, prosseguiu o car-
deal. Terá o nome dos antepassados seus avós e
de seu tio, el-rei.

E o cardeal da Cunha baptisou com a etiqueta do
estylo o menino que lhe apresentára madama Du-
verger com o nome de João, lavrando-se um ter-
mo em que se dizia ser elle filho natural do in-
fante D. Francisco e de mãe desconhecida.

Mãe desconhecida ! Mentira convencional, com
que a nobreza do reino affastava a mulher, que
violentára muitas vezes, remettendo-a ao esqueci-
mento e prohibindo-lhe o poder pronunciar o doce
nome de filho ! Variante nova de escravatura, em

que os negreiros, muitas vezes da honra, arrebavam ás mães o fructo da violencia, da fragilidade ou do amor ! E para que ? Para que ao longo kyrio de appellidos honrados : Alardos, Barrigas, Sapatas, Encerrabodes, Gralhos e outros centos, se não viesse accrescentar algum Pinto, Fernandes, Rodrigues ou Cachudo, obscuros e ignorados dos linhagistas portuguezes.

Bem fizeste, tu, ó abade de Jezente, quando escreveste :

Qualquer homem como eu tem quatro avós,
Este quatro, por força, dezeseis ;
Sessenta e quatro a estes contareis
Em só quatro gerações, que expomos nós.

Se o calculo procede, espreitae vós
Que pela prôa vem cincoenta e seis,
Sobre dozentos mais que lhe dareis,
Qual chapeu de cardeal, que espalha os nós.

Se um homem só dá tanto cabedal
Dos ascentes seus, que farão mil ?
Uma provincia ? Todo o Portugal ?

Por esta conta, amigo, nobre ou vil,
Sempre és parente do marquez de tal,
E tambem do porteiro Affonso Gil.

Mas fôra, moda aquillo. Fraco rei era o que não deixava bastardos, ruim fidalgo o que não tinha filhos naturaes !

Bemdita moda, humanitario costume, que salvava das rodas a muitas criaturas, embora orphandas de mãe desde o nascimento !

Deixemos, leitor amigo, estas considerações, cujo assumpto seria para largo discorrer, e para interminaveis glossas da Academia dos Anonymos, ou da dos Luzidos, e vejamos de quem seria filho aquelle menino baptisado com o nome de João. Teremos de retroceder um pouco e volver ao anno de 1708, em que á uma hora da madrugada de 15 de agosto uma galeota, vogando Tejo acima, abicára com dois vultos dentro ao palacio do Corte Real, em que vivia o Prior do Crato, filho segundogenito de D. Pedro II e de D. Maria Sophia, sua segunda mulher.

Deixemos, pois, á tardinha d'aquelle dia primeiro de março de 1710 o paço da Bemposta, e sigamos com a soberania do nosso pensamento a dois d'aquelles homens, que assistiram ao baptismo do filho natural do infante D. Francisco, e que a cavallo volvem a Lisboa. São elles Christovam de Mello e Suppico.

Era noute quando aquelles homens chegaram ao campo de Sant'Anna. Descidos ao Rocio alli se apartaram. Christovam de Mello tomando para a

rua das Arcas e Suppico pela dos Odreiros e da Ourivesaria para o Terreiro do Paço.

Não ha nada inutil no mundo. Aquelles dois homens, que seguem caminhos desencontrados, são dois vultos essenciaes a esta historia. Sabel-o-hemos mais tarde, indo no encalço de cada qual.

V

Eva tentada

Sabido é de todos como são declivosos e escorregadios os caminhos dos máos habitos e dos ruins costumes. Aquelle a quem resvalar um pé precipita-se quasi sempre no sorvedouro, pára unicamente no abysmo.

Precisa ter uma vontade tenacissima, uma energia de reacção grande o que, dado o primeiro passo, sustem a maromba em equilibrio ; e, se não pode sair do plano inclinado, 'num prefixo ponto se sustem e fica naquelle maroma.

Ha tantos, tantos exemplos funestissimos ! Convido o leitor a conhecer mais um.

Do palacio do Côrte Real, uma das habitações do poderoso infante D. Francisco, sairam á uma

hora da manhã do indicado dia 15 de agosto de 1708 os dois jezuitas, e os condes de Avintes e dos Arcos.

O infante despedira-se d'elles e chamára de parte ao secretario, Antonio Vaz Castello Branco, a quem dissera que sem demora lhe fosse abrir o *quarto da campainha* e lhe accendesse 'nelle uma vela. Castello Branco partiu a executar as ordens do amo, enquanto este, tomando por uma galeria que dava sobre a Ribeira das Naus, e chegando á extremitade d'ella, em que havia na parede um grande panno de raz, representando em seus painéis a saida da expedição do moço rei para o captiveiro e sepultura d'Alcacer-Quibir, e desviando-o com a mão esquerda para aquelle lado, tocando no mecanismo de occulta porta por ella entrou, descendo em seguida uma escadaria regular em lanços de oito degraus, que parecia tornear no prolongamento a uma clara-boia quadrada, por onde a luz desceria ás casas terreas do palacio. No patamar de cada lanço ardia uma véla em bugia com reflector de metal pulido.

Quando o infante chegou ao ultimo degráo deu volta á chave da fechadura da porta estreita, pela qual penetrou. Entrára em uma sala quadrilonga, mobilada de contadores antigos de pau preto, tamboretes com lustrosa pregaria, retractos dos reis da segunda e terceira dynastias pelas paredes, e no

topo fronteiro um relogio grande sobre elevada torre de madeira dourada.

Dois vultos tinham entrado 'nella por diversa porta, minutos antes do infante D. Francisco, que para elles caminhou. As janellas d'esta sala, que davam sobre as aguas da Ribeira das Naus, estavam fechadas, e sómente abertas as que olhavam para as aguas do Tejo. Apenas um candelabro de seis lumes allumeava aquella casa, posto sobre uma mesa com pedra marmore, sobre a qual se elevava um esguio espelho de Bohemia, emmoldurado em festões de flôres, com arte trabalhadas em madeira de castanho, duplicando no seu reflectir os seis lumes do candelabro.

— Feliz é vossa alteza, exclamou um dos vultos, indo ao infante, e conduzindo pela mão ao outro. Apresento a vossa alteza a minha amada. E beijou-lhe a mão, acto repetido logo por Isabel, que, como o leitor já suspeita, outra não era aquella mulher, como aquelle homem Suppico de Moraes.

— Sinto muita alegria em vos conhecer, formosa Isabel, de quem Suppico me tem fallado com tanta verdade, dissera o infante, estudando sorrisos e compondo amabilidades.

— Suppico! Quem é Suppico, senhor?

— O vosso amante, minha lindeza.

— Vasco de Menezes é o seu nome; não é assim? perguntára ella ao amante.

— É sim, mas tambem Suppico é um de meus appellidos, respondera o amante, descontente com a descoberta do engano.

— Suppico de Moraes, é verdade dissera o Infante; mas vinde cá a cima, que melhor vos quero contemplar admirando vossa belleza.

Isabel, se não fôra trigueira em demasia, estaria fula de desespero, ao antever um engano d'aquelle ordem no amante idolatrado. Depois de o fitar de alto a baixo com significativo olhar, voltou-se para o infante D. Francisco, a quem respondeu:

— Desculpe-me vossa alteza; mas eu não passo daqui, antes peço licença para sahir.

— Demorai-vos um pouco mais; e, pois que não quereis subir, sentai-vos algum tempo e depois ireis. Para que eu vos conhecesse viestes, e mal parece que tão fugitivamente me deixeis ver vosso rosto encantador.

E o infante dispunha-se a tomar assento em cadeira proxima, convindando assim Isabel a imital-o.

Duas horas da manhã soaram 'naquelle instante, no relogio do topo da sala, succedendo-lhe as harmonias do minuete dentro executadas por mecanismo proprio, e 'numa varanda da torre delle dançado por oito pequenos automatos, surgidos ao terminala ultima d'aquellas horas. Isabel voltou'para a alli o corpo, e contemplára pela vez primeira um relogio como nunca vira nenhum.

Aproveitou Suppico aquelle ensejo para fazer comprehender por gestos ao infante que não convinha instar com Isabel para que ficasse. Volveu ella sem dilação a despedir-se. O Prior do Crato, antes de lhe dar a mão a beijar, e accedendo ao movimento significativo de Suppico para que não instasse com ella, apenas lhe disse:

— Pois ide, morena formosa; mas, quizera antes fazer-vos mercê. Nada me pedis?

— Nada preciso, senhor, respondeu ella.

— Nem vossos paes? ouço que são pobres.

— Esses de tudo precisam.

— Vasco de Menezes, disse o rico senhor para Suppico de Moraes, cohonestando com a falsidade do nome a mentira d'este, ordenae que se dê em meu nome ao pae de Isabel um dos melhores logares de Guarda da Bemposta.

— Senhor! dissera Isabel, commovida, correndo a beijar-lhe a mão. Obrigada por elles.

— A Deus! e que não seja para sempre, terminou o infante. Voltareis, não é assim?

Isabel, um tanto enleizada, não pôde responder. Suppico de Moraes saiu com ella, e o infante, depois de dizer áquelle seu famoso servidor que ficava esperando por sua pessoa, começou a passeiar na sala, visivelmente contrariado.

E tinha razão aquelle opulento senhor de villas e de castellos e de jurisdições até! Entrar-lhe em

casa uma formosa moça e não poder constrangel-a a ficar, só porque Suppico o advertira de que não convinha! Pusillanimidade grande fôra aquella, de que o infante se sentia envergonhado. Pois que reação lhe poderia oppor a elle, irmão e filho de reis, uma fraca mulher? Estas e outras considerações tardiamente feitas, o faziam passeiar inquieto, de espaço a espaço consolado com a ridente e esperançosa ideia de futura posse, para a qual começára a trabalhar, ordenando fosse empregado no paço da Bemposta o pâe d'ella.

« São as dadiwas chave com que se abrem corações — lhe dissera um dia o seu mestre de matematica, Luiz de Gonzaga, citando-lhe o moralista Amador Arraes, na occasião em que o combatia para d'elle alcançar um donativo pecuniario, para o collegio de Santo Antão.

Depois de passeiar obra de meia hora, incomodado com o remorso de ter na mão a presa e de a deixar fugir, Suppico de Moraes entrava na sala pela porta por onde o fizera o infante.

— A ponto chegas. Como explicar o vir aqui tua amante para tão cedo me deixar? perguntára aquelle guerreiro Prior do Crato e cavalleiro de Malta.

— Isabel viera com essa condição, a que eu não podia faltar sem empregar a violencia inconveniente.

— Inconveniente? Porque? Seria a primeira vez que se constrangesse 'nesta casa uma a mulher?

— Não era, senhor. Porém, Isabel é uma mulher singular. Corre-lhe nas veias um sangue selvagem, e eu não quizera expôr vossa alteza a nenhum perigo. Ella se renderá: esperemos mais algum tempo.

— De que perigo fallas?

— Tres condições me offereceu Isabel para se mostrar a vossa alteza; que viria acompanhada por mim; que pouco se demoraria e que viria armada de um punhal. Já vê vossa alteza...

— Armada de um punhal! exclamou o infante irascivel. Pois caso era esse para a violentar, e violentada será! Traze-me Isabel quanto antes.

Ahi tem o leitor uma de muitas scenas dialogadas entre moço e amo, entre o potentado da terra e o agente de seus ruins appetites.

Moço da camara do infante era Suppico Moraes, e 'nesta qualidade, como se vae vendo, excellentes serviços prestava a seu senhor, sacrificando-lhe seus brios e dignidade pessoaes, agenciando-lhe prazeres e deleites e sendo um dos principaes agentes da embryonaria conspiração, que o faria rei ou imperador do Brasil. Mas era, em compensação, privado de um grande! Tal honra, adquirida por aquelles meios, o nobilitava a elle, ao

menos no seu fôro intimo. De nada mais carecia.

Depois de ter promettido ao infante que brevemente lhe traria Isabel, os dois subiram. Pouco depois um mordomo do palacio apagava os lumes d'aquelle sala e escadaria reinando alli o silencio e as trevas ás tres horas da madrugada.

Decorridos alguns dias era empregado no serviço do infante o pae da mulata, e esta e sua mãe e seu irmão deixavam a casa da travessa do Pé de Ferro, acompanhando-o para o palacio da Bemposta, onde tinham residencia. Melhorára de condições aquella gente.

Suppico de tudo sabia, e tudo regulara por ordem de seu amo. Isabel estava mais perto do infante, ia ter mais um adorador.

Por onze horas da noite d'aquelle dia em que essa familia deixára a casa do becco para ir viver na Bemposta, um vulto perpassava alli, parando á porta, onde ora escutava, ora tentava abril-a. Convencido, quem quer que era, de que ninguem demorava dentro, e sem a visinho nenhum querer perguntar por Isabel, ou por seus paes, o embuçado ia retirando, quando uma conversação que ouvira na loja de proxima casa o demovera a parar, a se aproximar da porta e a ouvir o que se dizia dentro.

— E digam lá que não é fortuna ter formosura ! observava uma voz masculina.

— Fortuna ou perdição desgraçada, quem sabe lá ! respondia outra.

— O que é certo é ter Isabel por amante a sua alteza o senhor infante D. Francisco.

— Qual ! Pois sua alteza descia agora á casa de gente tão miserayel ? O que ha de ser é ter ido ella com os paes para estar mais perto do tal creado do senhor infante, que alli vinha ha tres annos.

— Deus a faça feliz, accrescentava uma voz feminina, que é boa rapariga apesar da sua falta.

— Boa como as mais da sua laia, respondia a primeira voz.

— Lá isso *bitoserio*, sustentava a voz de mulher. Ninguem conhece outra falta a Isabel.

— Não ? ! Mas que embuçado seria um que lhe saltou da janella ha poucos dias ? Eu não fui, estou bem certo d'isso, respondia o homem.

— Nem eu, dizia outro. Talvez já fosse o senhor infante, que faz como o irmão, segundo se diz.

— Não digas tal, accudia a voz feminina. É melhor calar, que as paredes teem ouvidos, concluia a mulher.

— Santa palavra. Não fallemos mais 'nestas coussas. Que nos importa a nós que a negra Jacintha com o homem e com os filhos fossem para a Bemposta ? Seu proveito.

— É isso mesmo. Sua alma, sua palma, concluia a voz feminina.

Fôra feliz o embuçado com aquella conversação, pois que por ella soubera o destino da formosa mulata, por quem buscava.

Era, pois, aquelle embuçado um terceiro adorador e pretendente á formosura de Isabel. O mesmo era a quem alludira uma voz fallando do salto, que o leitor lhe vira dar da janella de Isabel para a rua, quando alli perto, na casa d'ella, entrára o amante.

Saberemos quem é.

O logar ou emprego que se dera ao pae de Isabel no palacio da Bemposta foi o de guarda da quinta, com superintendencia nos trabalhadores e jardineiros, a quem relacionaria e faria as ferias cada semana. Morava mesmo na quinta em casa que alli havia.

Este homem, chamado Bento Figueiredo, não sabia lêr, e era dado em demasia ao vicio do vinho.

Na mudança de logar e posição cohibira-se a pedido da filha, mas não se emendára completamente: tinha seus descuidos. O filho sabia lêr e escrever mas era um vadio, um mandrião das ruas das Gaveas e da Cotovia, onde passava a maior parte do tempo por casa das loureiras dos marujos; das quindornas da ralé, a quem tocava na guitarra lun-duns variados e cantava modinhas, ora frescas ora

salgadas. Isabel era quem arrolava os trabalhadores da Bemposta, e quem lhes fazia os pagamentos.

Decorreram semanas, meses. O infante D. Francisco, o poderoso senhor de grandes haveres já conhecia mais de perto a Isabel. Suppico de Moraes desviára-se !

O leitor ha de estranhar a precipitação destes acontecimentos, considerando-os porventura desnaturaes : não são.

Observe bem a sociedade ; estude o jogo das paixões, e das fraquezas, e das miserias da humanidade ; e obterá por fim, da divisão que fizer de tão maos attributos, um quociente possivel.

Os paes e o irmão de Isabel foram, naturalmente, após o bem estar que lhes advinha da mudança de posição, e ella, ella, a perdida mulata, a formosa enganada do amante, a mulher que via ao espelho o poder de suas formas e feições, e que, fidalga com a sua cõr formentina, e orgulhosa de ser admirada de grandes, admirou-os tambem, fascinou-se no brilhar dos europeis, inebriada de venturas ficticias, deslumbrada dos resplendores da nobreza ! Isabel provára o fructo prohibido.

Eva reproduz-se ; e, como a phenix mythologica sae do fogo mais perfeita e juvenil, semelhante ao ouro mais acendrado do cadinho, á essencia mais fina do alambique, assim lhe succede.

Faceis são de prever algumas consequencias dos novos amores do infante. Suppico de Moraes para dar inteira e perfeita posse de Isabel a seu poderoso senhor, sumira-se da amante ! Despenhando-a no lodaçal d'impudicas affeições não mais pensou 'nella, desde o dia em que a vendera ao infante. Que lhe importava a elle que a pobre moça da mão do infante passasse á de outrem, e assim fosse descendo até á vasa mephitica da mais repugnante devassidão ? Senhoreando-lhe coração e corpo, Suppico entregava a pobre á perdição total, depois da posse, sem pensar um instante na mulher despenhada com o coração golpeado de dores acerbissimas, e sem se lembrar da gotta d'agua crystalina que lançára na lama da desgraça, immortalizada em nossos dias por Victor Hugo na queda e na possível conversão da mulher, 'nella symbolisada :

Como na folha
A gotta d'agoa
Pura scintilla,
E, sacudida,
Persiste e lucta,
Treme e vacilla :

E, linda perola,
Ao sol brilhando
Se nos mostrou,

E é lodo apenas,
Se desprendida
Ao chão tombou :
Assim foi ella !...
.....
Mas esse lodo
A gotta d'agoa
Conserva ainda,
E, p'ra que possa
Deixar a terra,
Ser pura e linda,

E como perola
Mostrar nm dia
O seu 'splendor,
Carece, a triste,
De um raio ardente
De sol, de amor !

Que tempestade se desencadearia entretanto no peito da bella mulata ?

Entregue pelo desprezo do amante e por força de circumstancias tentadoras ao infante D. Francisco, o amor que tão virgem votára ao mancebo elegante convertera-se em odio feroz e selvagem.

VI

O senhor D. João da Bemposta

Era o dia 24 de fevereiro de 1710, em que a egreja resa de S. Mathias apostolo do numero dos setenta e dois escolhidos por Christo, o qual parece que pregára na Capadocia e fôra martyrisado na Colchida.

A casa da travessa do Pé de Ferro, em que vivera Isabel, não se arrendára a outra gente, porque nella dormia uma noite por outra Paulino, o filho da negra Jacintha, e irmão da bella mulata.

Por onze horas e meia da noute, escura e chuvosa que ella era, presentira a visinhança o vagaroso correr de um coche na travessa e fixára-lhe a paragem á porta da casa, que já conhecemos, onde habitára Isabel. Aquella visinha, que não ha muito ouvimos fallar em bem da mulata, a quem appellidára de boa rapariga apesar da sua falta, levada da propria e natural curiosidade, erguera-se do pobre catre em que jazia e fôra deitar a cabeça a um postigo da janella, admirada, e com razão, de visitas de carroagem a uma casa, onde só ia dormir algumas noutes o vadio Paulino, irmão de Isabel. E vira ella o seguinte:

Do coche, que lhe parecera grande, apeiára-se

um vulto, que se parecia com um frade, e logo outro que seria o de uma mulher. À porta da loja, onde a negra Jacintha dormia, quando alli fomos a primeira vez, a mesma negra apparecia com um lampeão acceso. Os dois vultos entraram, e a porta fechou-se. O coche affastára-se para a extremidade da travessa e parára no cimo da rua das Trinhas, segundo parecia.

Assistamos ao que 'naquella casa se passar: entremos com as regalias que temos de historiador.

Uma cadeirinha de braços envidraçada jazia na loja, aberta a porta d'ella. Era um d'aquelles comodos trastes que ainda existem na cidade da Virgem, em que podemos com todo o regalo, ás costas de dois semelhantes, nascidos em Tuy, percorrer distancias sem sermos vistos nem incomodados.

Em cima, perfilados á entrada da porta da sala mal allumiada, estão dois homens fardados com libré da casa do infante D. Franscisco, e 'naquella alcova em que Isabel tinha o leito, o mesmo existe com sua antiga possuidora, meio sentada 'nelle. A negra Jacintha de um lado da filha, ampara-lhe no braço esquerdo a cabeça, e do outro uma senhora já de edade e um jesuita praticam a menos de meia voz.

A um gemido de Isabel, prolongado desde o ai mais breve até ao grito agudo e afflictivo, o je-

suita sae para a casa de fóra puxando sobre si as duas meias portas do quarto, ou alcova, e começa a passeiar 'nella.

Sucedem-se dentro os gemidos, expressão incoercivel de grandes dores physicas e por vezes moraes, intercalados de silenciosas pausas.

É decorrida uma hora. O jesuita continua a passeiar, parando d'espaco a espaco junto á janela fechada, que olha para a travessa, e pondo-se a escutar, retomando o seu passeio instantes depois.

Ouvindo o rodar de uma carruagem na entrada da travessa, o filho de Santo Ignacio vem a um dos homens, a quem ordena que desça á loja para abrir a porta.

Chegava o mesmo coche de dentro do qual sairam duas pessoas: um homem e uma mulher, que entraram e subiram. O jesuita foi-lhes ao encontro comprimentando a um homem já de alguns annos, vestido com aceio á moda do tempo, envolto em felpudo capote, e logo á mulher, que teria vinte e quatro annos, quando muito, e a qual convidou a assentar-se.

— Então, chego a tempo para ser preciso, ou fora d'elle para dispensado? perguntou o recem-vindo.

— A tempo para serdes preciso, respondeu o jesuita.

Mal estas palavras eram ditas, ouve-se na alcova um gemido maior, um grito prolongado e soturno e logo em seguida um vagido de infante que nasce.

O recemchegado, abrindo as portas da alcova, e entrando 'nella, deixou fóra ao jesuita, á mulher e aos dois homens de librè, encostando as portas como fizera Luiz de Gonzaga, que outro não era aquelle solipso.

Decorrrera outra hora. Prestados ao recemnascido os soccorros da sciencia pelo physico da casa do infante, aquelle homem de edade que chegára com a mulher nova, soccorrida Isabel que o dera á luz, o jesuita, a senhora que com elle viera e o medico sairam no coche que os esperava, e os dois creados com a cadeirinha. Ficaram na casa tres mulheres : Isabel, a mãe e a que viera com o physico.

A formosa mulata era mãe de um filho do infante D. Francisco.

A chuva, que caíra torrencial durante horas, não deixára que a vizinhança suspeitasse do nascimento de uma creança 'naquelle casebre.

Antes de romper o dia parava á porta d'aquella casa outro coche, do qual se apeára Christovam de Mello e um mordomo do infante. Subindó, o su-milher da cortina apresentára uma ordem do infante para que o menino fosse levado para o pa-

lacio da Bemposta nos braços d'aquelle mulher que viera com o physico, ama de leite previamente escolhida para tal fim.

Isabel caíra em prostração e não tomára conhecimento da ordem. Jacintha obedeceu, e o menino levado pela ama entrava no coche com Christovam de Mello, ficando o mordomo para prover do necessário commodo e conforto aquella gente, por ordem de seu amo, o infante.

Assim era que a nobreza procedia com as mães de seus filhos illegítimos. Quando não despresava aos dois, arrancava dos braços da mãe desventurada o filhinho, sem avaliar a intensidade da dôr, que lhe rasgaria os seios d'alma !

Lamentavel manifestação da prepotencia humana era aquella, que murchava despiedada as flores do amor materno, que derruia até aos fundamentos o altarsinho erigido pelo amor ás reciprocas e santas affeições da mãe e do filho ! A companhia, o amparo, o sol da alegria de um peito de mãe de repente mudados na solidão do desconforto da saudade, nas trevas de uma ventura entreaberta e malograda ! Crueldade grande, deploável procedimento !

Um berço vasio, viuva uma alma !

É que a stirpe fidalga do bastardo de Pedro I e da filha do Barbadão, não consentia em sua prosapia honrada enxertos de plebeismo !

Dez filhos de D. Antonio não têm mãe, como fôra desconhecida a sua delle, se a ambição de ser rei portuguez o não levasse a dizer-se filho legitimo da Pelicana e do Infante D. Luiz !

Humanas miserias.

O leitor já assistiu ao baptismo d'aquelle menino, que se ficou chamando João, na historia conhecido, quando homem, por *D. João da Bemposta*, casado com a viuva do Marquez de Abrantes, D. Maria Margarida de Mello e Lorêna, depois de legitimado por el-rei D. João V, conselheiro de estado e guerra, e general das armadas reaes e galeões de alto bordo. Já sabe que D. Francisco entregara a creaçao delle ao cuidado do jesuita Luiz de Gonzaga, ignorando, porém, o que continuaremos a narrar.

O infante D. Francisco ordenára que Isabel não voltasse para a Bemposta, persuadindo-a a ella de que mais tarde iria ; e, por se desfazer d'aquelle gente, enganando ainda a mãe abandonada, removera-lhe o pae para um logar que vagará no Limoeiro, o de carcereiro d'aquelle prisão do estado, logar mais rendoso do que o de guarda do jardim da Bemposta.

Dados estes esclarecimentos, assistamos agora a scenas de outra ordem componentes, ainda assim, d'esta breve historia.

Christovam de Mello, o sumilher da cortina do

Infante, despedira-se de Suppico de Moraes no Rocio, cortando para a banda do Theatro das Arcas, e aquelle tomando a direcção do Terreiro do Paço.

Foi isto em o primeiro dia de março de 1710.

A um canto da Praça da Palha, pequeno largo assim chamado, havia uma casa ou armazem terreo, repartido em varios compartimentos atabicados, onde reuniam como em algumas casas de pasto da Lisboa d'hoje, grande numero de individuos das mais baixas camadas sociaes, e alguns mesmo das medias e das mais elevadas, cujas bolsas eram magras como a comida que alli se vendia.

Tinha uma unica porta a loja, que para a direita alargava consideravelmente, contendo d'aquelle lado uma serie de cubiculos com mesas e bancos e cada um alumeados escaçamente por uma lanterna pregada na parede do fundo. Fóra das entradas para aquellas casinhas ou cellas, havia uma sorte de corredor entre elles e um comprido balcão coberto de pratos, copos, picheis e outros objectos.

A cosinha fumegava lá no fundo pelas boccas de muitas panellas de cobre em ebuição.

Por onze horas da noute um sujeito encapotado parára á porta d'aquelle loja; e, lançando um olhar observador por sua prolongada extensão, e prestando o ouvido como quem deseja descriminar

uma phrase, uma palavra, um simples monosyllabo naquelle Babel confusa de sons, saidos de cada cubiculo, onde diversas pessoas ceiavam e depois da comida conversavam animadamente, se retrahia um tanto, volvendo, instantes depois, á mesma observação.

Convencido de nada poder ouvir, o individuo, vencida certa repugnancia, entrou na loja e penetrou no primeiro compartimento, onde ninguem estava.

Envolto n'um gabão com a gola forrada de pelleis de lontra, na cabeça um chapéu de abas largas que lhe ensombrava o rosto, este homem era Christovam de Mello.

Mal elle tinha entrado no cubiculo tinha a seu lado um creado que servia aos freguezes, gallego de provincia, cara de paschoas, robusto e forte, que lhe perguntava o que queria.

— Vinho bom, respondera Mello.

— Pero no hay hausted alguma hambre ?

— Não.

O creado partiu. O sussurro era grande, sobressaindo n'elle a elevação de algumas vozes lá para o fundo da loja, vozes que lhe chegavam indistintas aos ouvidos, e que pareciam chamar-lhe mais a attenção. Emquanto o creado correu a lhe buscar o pedido vinho, Christovam de Mello saira d'aquelle compartimento e passára ao immediato,

por melhor poder ouvir algumas fallas que se alteavam ao côro soturno e abafado da maioria dos contubernaes do convivio. Estava n'aquelle quarto um homem de mais de meia edade, completamente envolto no capote, sentado á mesa, em que pelos modos acabára de comer. Encostava a cabeça á mão do braço direito apoiado na mesa, e com a do esquerdo levava á bocca de tempo em tempo um cachimbo de madeira acceso e fumegante. Pousado o chapeu n'um banco de madeira que lhe ficava á parte esquerda, aquelle homem mostrava uma cabeça bem encabellada de compridos cabellos grisalhos e amarellados, e n'um rosto intelligente uma barba quasi branca, apenas cortada nas faces.

— Boa noute, disse Mello, entrando, e sentando-se á mesa do lado direito do estranho.

— *Bonne nuit*, respondeu aquelle, na mistura de palavras das duas linguas.

Pela porta passava então o creado levando o vinhho.

— Para aqui, exclamou o sumilher da cortina, ao vel-o.

O creado entrou, e deixando-lhe sobre a mesa uma garrafa de vinho do Porto e um copo, saíra.

— *Voulez-vous, monsieur, me donner le plaisir d'accepter un petit verre du vin?* disse Christovam de Mello para o sujeito que fumava e pare-

cia meditativo, ao conhecer que elle era francez.

A lingua franceza não tinha n'aquelle tempo a vulgaridade d'hoje, de modo que o homem, ao ouvil-o fallar assim, mostrou logo contentamento intimo, ergueu a cabeça, perfilou-se e agradeceu :

Oh! merci bien, mon bon monsieur. J'ai déjà prenē ma petite réfection.

E Christovam de Mello, provando o vinho, continuou a dirigir a palavra em franceza ao estrangeiro, que respondia parcamente, mas com delicadesa.

Um francez delicado n'aquelle casa despertará no servidor do Infante um desejo ardente de saber quem elle seria.

O fim com que alli viera, se bem que um pouco differente nos elementos, estava cabalmente preenchido na essencia, pois que topára um francez na occasião em que buscava portuguezes, e quando Portugal pouco affeiçoado a França os não tratava muito bem. Fôra até melhor encontrar um estrangeiro do que uns creados de el-rei D. João v que alli costumavam cada noute, segundo fôra informado, dizer cousas do Infante, que bem era se conhecessessem.

— Animada vae para alli a conversação, dissera o nosso para o francez, tentando familiarisa-lo com-sigo.

— Assim é, e pena tenho de não comprehendêr

bem o que dizem uns, pois me parece interessante, respondeu.

— Conversa de moças, talvez... dissera Mello, a palpitar, a sondar.

— Exactamente, de moças e de moços de elevada posição.

— Temos na dança alguns fidalgos, talvez...

— Os primeiros do reino.

— O primeiro é el-rei, e não é possivel que se atrevam a arrastar seu nome pelo balcão d'esta taverna...

— Não é, dizeis: pois ouvi; prestae alguma atenção.

— Será possivel, continuou Christovam de Mello, no seu proposito de explorar os sentimentos d'aquelle homem. Será possivel, porque a idéa de imitação do grande rei...

— Idéa de impossivel aclimação em Portugal, acudiu o francez, sem deixar concluir a Mello. A falta de meios...

— Exactamente. Não somos nós os portuguezes para vans ostentações. Temos uma decente media-nia, e d'ahi não podemos passar.

— A nação não é do rei, é do povo! exclamava um stentor popular em um dos quartos imediatos.

— Ouvis? disse o francez.

— Com toda a certeza, dizia outra voz. E que

a pôde dar a quem sua vontade seja, concluia.

— Aquillo é verdade, ponderou Christovam de Mello; porém, parece-me arriscada expansão, por muito temporan.

No breve dialogo, como se viu, já o francez concedeu alguma cousa, deixando transparecer a idéa de animadversão ao rei, e o servidor do Infante de proposito confirmára a opinião do popular, de que a nação é do povo, que a pôde dar a quem melhor a governe.

— Com effeito, sua magestade, dissera o francez em voz mais baixa, vae tendo alguns pontos de semelhança com seu infeliz tio, e quem sabe, quem sabe!..

O homem deixára-se colher: não era affeigoado a D. João v, e, portanto, devia sel-o a seus contrarios. Anteviu por conseguinte o sumilher da cortina n'aquelle homem um adepto que poderia ser muito util no futuro. O caso estava em conhecer-lhe a posição social e o valimento. Homem muito ordinario lhe não parecia elle; mas isto era pouco. Preciso era explorar mais e mais, mas não d'aquella vez, a fim de nada suspeitar o estrangeiro. Instou de novo para que lhe acceitasse um copo de vinho do Porto, ao que o francez annuiu satisfeito, talvez por julgar ter encontrado um homem que tambem lhe conviesse a seus planos. Veiu outro copo e os dois beberam ás relações contrahidas e á futura amizade de ambos.

Conversaram mais, e mais beberam, demorando-se passante de duas horas.

A casa tinha ido ficando deserta com a saida dos convivas, mesmo dos inconvenientes palradorres, a quem a leviandade poderia custar caro.

Bebida a garrafa, estabelecidas talvez de parte a parte as bases de mutua conquista, Christovam de Mello perguntou-lhe :

Vindes ámanhan ?

— Não sei ; mas aqui me encontrareis cada sábado, e extraordinariamente uma vez ou outra.

Sairam, deram-se as boas noutes, e cada qual tomou para seu lado : o francez para a Mouraria, e o nosso para o Terreiro do Paço.

VII

Amante e irmão

Onde actualmente existe em Lisboa a *Taverna Ingleza* ao Caes do Sodré ou alli perto, havia nos principios do seculo passado uma progenitora da actual, com a diferença de que, com raras exceções, só era frequentada de inglezes, dos nossos fieis aliados, por sua conveniencia delles desde o principio da monarchia, a bem dizer. De todas as

esteiraſ sociaes os recebia o seu dono, que para uns e outros lá tinha logares.

Em quanto, pois, um agente do Infante D. Francisco, perscrutava, como sabemos, uma taverna portugueza na Praça da Palha, outro penetrava na ingleza ás dez horas da mesma noite.

Era Pedro José Suppico de Moraes.

Fallando deſtramente a lingua ingleza, Suppico entrára na occasião em que lá para o fundo da casa, em compartimento especial, alguns folgavam depois de ceia. Alli penetrou elle dando as boas noutes a todos.

— Não está aqui Lord Thomas Lefevre?

— Eu sou, respondeu um delles.

— Preciso falar-vos. Podeis sair?

— Certamente, respondera o inglez alegre.

Sairam, e entraram n'outro compartimento, onde ninguem estava. Sentaram-se a uma mesa um defronte do outro.

— *America*, dissera Suppico de Moraes.

— Ah! Muito bem, respondeu o inglez, ouvindo aquella senha.

— Fallastes a Milord Galloway?

— Fallei, e contente ficou elle com a nova. Acha, porém, diſſiculdades de custoso remover...

— É certo que as tem a empresa; mas superar-se-hão. Sua alteza o senhor Infante D. Francisco determinou hoje que eu partisse para Londres, a

fim de combinar com Lord Wigh, o melhor modo de proseguirmos na começada obra. Porque o negocio por modo algum transpareça, não acha elle prudente confiar já do papel o que só mais tarde faremos e por ajustada cifra. Assim, carecemos de letras de apresentação de Milord Galloway para Lord Wigh.

— Ámanhan, se já as quizerdes, se vos darão.

— Sua alteza deseja também conferenciar com Milord Galloway, e deste modo convidae-o a dizer quando poderá ir ao Corte Real.

— Muito bem : ámanhan vol-o direi, quando vos der as letras de que precisaes. Quando tencionaes partir ?

— Quando do Tejo sair o primeiro navio para Inglaterra.

— Onde nos encontraremos, portanto, ámanhan ?

— No Corte Real ou aqui, como qaizerdes.

— O mais seguro logar é aqui, disse o inglez; porque assim embuçado não sereis conhecido nem mesmo suspeitado de portuguez por meus compatriotas, tão bem fallaes vós a nossa lingua.

— Aqui virei : marcae a hora.

— Á meia noute, n'este logar.

Despediram-se. Suppico saiu, e o inglez voltou para os companheiros.

Escura estava a noute, e como Suppico saía de um recinto illuminado para a rua, que o não era,

ao descer um degrão que na porta havia não viu um vulto, que estava da parte de fora cozido com a hambreira, e deu-lhe um forte encontrão, por modo que da cabeça lhe cairá o chapeo. Não disse palavra o sujeito que estava, nem se desviou do posto, parecendo ter mesmo preparado o encontro, pois que permanecera firme como se fôra um marco ou frade de pedra.

Em quanto Suppico resmoneando imperceptiveis fallas se abaixára por erguer o chapeo, deslisára o vulto para o lado dos Remolares, sem se deixar conhecer. Suppico não attentára bem no caso, sem embargo de notar que o homem, quem quer que era, indo para entrar, como entendera, o não fizera e se desviára.

Mal pensaria o agente do Infante que semelhante encontro lhe seria funestissimo por consequencias ulteriores !

Aquelle vulto era o de um homem que o leitor já viu no Rocio, quando Isabel e a mãe alli entraram em certa loja.

Era um inimigo de Suppico de Moraes, sem elle o saber, desde que a negra Jacintha lhe dera uma bofetada em pleno Rocio, quando dirigira á filha um gracejo de rapaz. D'isto se deve lembrar o leitor. O mesmo era que vimos saltar da janella de Isabel para a rua, ao começar esta historia, e de quem Suppico não descobrira vestigios na de-

scripção que delle lhe fizera Isabel, n'aquelle celebre noite, se bem que pela mente lhe passasse então fugitivamente o nome do senhor de Murça, com quem tratava relações de amizade, ao menos social, e a quem fallára dos seus amores com a mulata, sem, contudo, lhe dizer onde ella morava.

Este homem, não só enamorado de Isabel, que era formosa, como sabemos, desde que a vira, mas estimulado ainda pela offensa e vexame por que o fizera passar a mãe d'ella, seguira-a tanto por caminhos indirectos, que lhe descobrira o paradeiro na travessa do Pé de Ferro, onde chegára a prestar-lhe homenagem, evitando somente o voltar-lhe em torno quando soubera ser ella amante do Infante D. Francisco.

Aquelle hydra do ciume brutal, espumante de sanha, chispante de traições e mortes no olhar medonho, symbolo de um sentimento que nos equipara ao irracional, enroscara-se-lhe no coração, insoffrida por cingir em seus anneis vigorosos ao rival venturoso.

O novo senhor de Murça, porque era elle, ao saber que o Infante deixára a mulata, volvera determinadamente sua attenção para ella e para o amante feliz, que a entregára a D. Francisco.

A vingança d'elle e a posse d'ella poderiam saciar seu peito, assolado do monstro, annos havia.

De tudo bem informado na posição que tinha

no paço, o senhor de Murça espiava cauteloso a Suppico de Moraes, e pairava em volta de Isabel, com o mesmo cuidado.

Achando-se no Rocio quando por alli passou o rival, vindo da Bemposta, seguira-o de longe, vira-o entrar no Corte Real, e sair pouco depois para a banda dos Remolares, continuando a ir-lhe na piugada até á taverna dos inglezes, como vimos, e a cuja porta, por bem tomar conhecimento de sua entidade, lhe preparára o choque que tiveram.

Isto sabido para inteira comprehensão da novella, olhemos para a conspiração embryonaria.

A prestava-se para uma viagem a Londres Pedro José Suppico de Moraes, enquanto Chritovam de Mello tomára a seu cuidado observar a taverna da Praça da Palha, onde os criados do rei constava fallarem livremente do Infante seu senhor e amo. Preciso era tomar conhecimento do que diziam ou faziam.

Em S. Roque e Santo Antão adiantada ia já a sapa dos jesuitas. Por desaffectos á conspiração haviam conseguido substituir os condes dos Arcos e de Avintes pelos gentis-homens conde d'Aveiras, Luiz da Silva Tello, mestre do campo general e governador do Minho, e pelos da Ribeira Grande, D. Duarte e D. Vasco da Camara, bem dispondo por sua parte ao marquez d'Alegrete, sem, comtu-

do, lhe communicarem ainda o desenho da em-
presá.

A falta que notára o conde d'Avintes no Infante D. Francisco ia desapparecer agora.

Corria já abril e na capella real em sete d'aquelle mez era armado cavalleiro, cálçando-lhe a primeira espora o marquez de Niza e a segunda o de Tavora, segurando o prato em que ellas vinham o conde de S. João, filho d'aquelle ultimo.

Em 3 de maio professou na ordem de Malta, da qual já era grão Mestre desde os cinco annos de edade.

Com lentidão vae caminhando, pois, a intriga politica. Deixemol-a andar.

Pedro José Suppico de Moraes, depois que o Infante D. Francisco se armára cavalleiro e professára na ordem de que era Grão Mestre, saira, de facto, para Inglaterra com a primeira missão de seu amo, levando cartas de apresentação tanto do Embaixador Galloway e do Secretario Lefevre como do consul Geral, John Milner.

Escusado é dizer ao leitor que Suppico de Moraes nem pensára ao menos em se despedir de Isabel. Para quê? Se a pobre rapariga, por elle perdida, lá ia rolando ladeira a baixo da perdição formal, donde nem sei se haverá esperança ao menos de salvação! ardente fé na conversão da peccadora de Magdala !

Carcereiro, ou guarda do Limoeiro era o pae de Isabel, tendo por ajudante ao filho, e ella com sua mãe vivia na mesma casa da travessa do P  de Ferro mais ao abrigo de priva es, com a protec o do rico Infante, que durou um anno inteiro. Ao cabo delle suspendera-se a mensalidade, com o futil pretexto de novos amores de Isabel, com um homem rico da c orte. Era o pretexto para n o mais soccorrer a pobre mãe do senhor *D. João da Bemposta!*

E pretexto era, na verdade, pois que a linda mulata se conservá fiel ´ saudade de seu filho, e não consentira j amais em sua casa ao unico homem que a buscava apaixonado, o novo senhor de Murça, Luiz Guedes de Miranda Henriques.

Os mezes foram decorrendo, e a preciso apropria o se d'aquellas mulheres, uma das quaes, Isabel, contrahira necessidades novas, que não tinha quando era esparavelheira, e a que n o podia ocorrer. O pae l  consumia mais o filho o que ganhava, sem pensar 'nellas, que julgava protegidas do Infante.

Quando ´ porta bate a necessidade s e pela ja nella a virtude, diz o nosso povo. E quando esta razão não desculpasse o futuro proceder da mulata, outra ha, com fundamento na natureza humana, conhecida e explanada de moralistas e casuistas, que a absolveria.

Azpilcueta Navarro, no seu *Manual de confessores* diz deste modo, *mutatis mutandis*: — «É mais facil conservar e defender a virgindade, do que a castidade vidual.» Assim, não é muito que Isabel, a duas vezes abandonada, buscasse nos braços de outro homem os carinhos a que tinha incontestáveis direitos a sua belleza singular.

O senhor de Murça entrára-lhe em casa de comum acordo com a mãe, que não sabia quem era o requestante, nem mesmo a filha, conhecendo elle de vista a negra de casa de seus paes, onde como dito é, tivera entrada noutro tempo.

Era por dezembro de 1712: chovia. Lisboa em noute chuvosa e, por isso, sem luar, era de uma escuridão grande nas ruas, e, maiormente, nas travessas.

Pouco depois das trindades dois homens se aproximavam da casa de Isabel: Paulino, o irmão d'ella, e o senhor de Murça, a quem aquelle aplanará difficuldades perante a irmã.

D'aquelle Paulino não gostarão sem duvida, os leitores. E teem razão; mas, não conhecerão acaso nenhum, que mercadeje com a sua a honra dos seus?

Infelizmente, para vergonha do genero humano, ha por ahi muitos Paulinos.

Este homem, batendo á porta e dando-se a conhecer á mãe, esperou que esta a abrisse para,



em seguida a um breve comprimento, lhe apresentar o seu amigo, o senhor de Murça, que as duas mulheres não conheciam.

Luiz Guedes entrou, retirando Paulino, sem ao menos pela irmã perguntar.

Este moço era logico, quando menos. Como não era a primeira vez que alli entrava, Luiz Guedes subiu prestes a escada para o primeiro e unico andar, onde estava Isabel.

Se de um modo abrupto o senhor de Murça se lhe apresentára em tempo, desta vez ia mais polido nas fallas, mais cortez nos modos, mais delicado, enfim.

Assentados junctos, aos requebros do moço comegou ella por agradecer os encarecimentos de formosura, que elle lhe dispensava; e achando ensejo para de si fallar e de seus infortunios principiou a narração d'elles, desde aquella fascinação por Suppico até ao rapto do filho, que não mais tornará a ver.

Aquella historia de infortunios é commum nos labios da mulher perdida, sem que ao certo se possa dizer se aquillo é uma sentida expansão de verdadeiros males, se calculado laço em que deva ficar mais preso o ouvinte. Fique a decisão do ponto aos historiographos do coração na parte subjectiva, que aos conhecedores do material d'aquelle orgam não compete o sentencial-o.

Horas durou a conversação, terminando pela acquiescencia de Isabel ás propostas de Luiz Guedes, que por sua amante a ficaria considerando.

Contractos d'aquellea ordem costumam ser selados com amplexos mutuos, bem nascidos de amoraveis sentimentos e de imponderaveis effluvios tentadores da pobre carne.

Depois de abraçar a bell a mulata, quando com vistas chamejantes prescrutava sem collo no decotado vestido, que docemente arfava nos estos de intimos desejos, Luiz Guedes recúa um passo, transtornadas as faces, espantado o olhar !

Como o ledo caminhante, que, sem o suspeitar, topa de repente de baixo dos pés o sapo asque-rosa, a cobra assustadora, e que permanece amedrontado em quanto não retoma o turbado sangue frio, assim ficára o senhor de Murça diante da linda mulata.

Isabel, estupefacta com o espanto do prometido amante, ergueu-se instantanea e perguntou-lhe pela causa de tão subita e singular mudança.

— Isabel ! Dize, dize-me depressa que medalhinha é essa que trazes no seio.

— É uma prenda de meu padrinho de baptismo, o senhor de Murça, que Deus haja, respondeu ella, não menos espantada agora ao ver a causa da transformação do moço.

— O que tem dentro essa medalha, Isabel ?

— Nada. Não se pode abrir.

— Oh ! mostra-m'a, linda Isabel, mostra-m'a já, pedira elle.

— Pois sim, dissera a mulata, volvendo meio corpo, e tirando do seio aquelle objecto, que tão sobresaltado tinha ao seu novo amante, a quem o entregou.

De um cordão de troçal pendia uma medalha de ouro com a forma de um escudo de armas no qual se viam, de facto, abertas as do senhor de Murça, João Guedes de Miranda Henriques.

Com assombro de Isabel, o seu promettido amante, depois de contemplar a medalha alguns segundos e de a voltar nos dedos, fizera pressão em occulta mola, que, seguidamente a um leve estalido, erguera a tampa della patenteando o interior.

Isabel estava admirada ao ver aberta uma medalha que supunha não se abrir, e o novo senhor de Murça, retrocedendo mais dois passos, e encarando muito e muito attentamente aquella prenda, ficara-se a scismar, cravada 'nella a vista meditabunda.

— Que tem dentro essa medalha, perguntára anciosa Isabel, indo para o mancebo. Dae-m'a cá.

Luiz Guedes, fechando-lhe rapidamente a tampa, promptamente lh'a entregou, dizendo apenas :

— Isabel ! peço-te por tudo o que para ti for sagrado, que sejas d'ora avante uma honesta mu-

lher, a quem eu darei todo o auxilio e amparo que possa, sem que hajas privações e mais necessidades.

— Meu Deus ! mas eu enloqueço ! O que tem dentro essa medalha ? Porque a fechastes ? Que quer dizer tudo isto ?

— Não o podes saber já, minha... amiga. Não queres tu ser minha amiga em vez de amante ?

— Luiz Guedes, respondera Isabel, que já sabia seu nome, por elle lh'o haver dito na larga conversa que tiveram, eu não posso estar mais tempo sem saber o que significa tudo isto, sem conhecer a causa de tal mudança, sem ver, como vós, o que tem dentre esta medalha. Ou vós m'a abris promptamente ou eu a desmanchisei por força.

A contrariedade a seu justo cuidado, em tão notavel conjunctura começára a acordar na bella mulata os instictos da raça negra, selvagens e abruptos em sua manifestação. Quando ella pedira a Luiz Guedes que lhe abrisse a medalha, se não que ella a desfaria, já mostrava nos modos e no olhar o de quanto seria capaz, se exasperada.

Diz algures Heitor Pinto que vontade sem liberação gera muitas vezes o arrependimento. Nos modos, no olhar de Isabel viu claramente Luiz Guedes que 'nella havia deliberada vontade, e resolveu ensinar-lhe a abrir a medalha, que des-

de menina trazia ao peito sem conhecer o que dentro contivesse, sendo certo, como recordára, que só lhe dissera o nome e que, por isso, Isabel ficaria ignorante ainda do que elle tanto parecia querer occultar.

'Neste presupposto, e por que o leitor tambem desejará saber o que tem dentro uma medalha que viera aguar antevistos momentos de prazer, dir-lhe-hemos que o senhor de Murça, tomando de novo a medalha a abrira de modo que Isabel o podesse fazer tambem, entregando-lh'a aberta.

Isabel, tomando-a sofrega, vira dentro um circulo de brilhantes e lera em letra miuda dentro delle : *Pode ser minha filha — Protejam-na.*

— Que vejo! exclamou a mulata.

— Vez que podes ser filha do senhor de Murça, minha Isabel, dissera o mancebo, e proseguira perguntando: Teu padrinho não era teu amigo em quanto viveu? E ao dizer taes palavras notara Isabel que os olhos de Luiz Guedes se marearam, e que duas mal contidas lagrimas escorriam delles vagarosamente.

— Foi, sim ; porém, que querem dizer essas lagrimas, Luiz Guedes? Ah!... João Guedes foi meu padrinho ou meu... Será possivel!

— É possivel; sim, Isabel; é possivel que sejas minha irmã! Estas lagrimas são a saudade do pae, o prazer desgosto do irmão e a esperança de

reparação futura em ti, desgraçada moça, que tão baixo nasceste para seres infeliz.

— Ai ! mas é que não podemos ser irmãos ! exclamára Isabel, desatando a chorar.

— Não o podemos ser para o mundo, mas selo-hemos para nós. Não chores, Isabel ; guarda no íntimo de teu peito este segredo, que tão singularmente descobrimos, de modo que de outrem não seja conhecido. Crê na minha amizade, que d'oravante será tua, e confia na minha protecção.

E abraçou a irmã o novo senhor de Murça, com a effusão de um peito bondoso e magoado com tão imprevisto e nem ao menos sonhado acontecimento !

VIII

Proesas de Suppico

O senhor de Murça comprehendera logo e perfilhára a recommendação do pae, por sua letra escripta na medalha. Era uma apellação para seus descendentes, dado que um dia se descobrisse o que na medalha escrevera. Em quanto vivo dispensará á mãe e filha alguma protecção e por in-

dicação d'elle a Jacintha fôra que Isabel aprendera a ler.

Abrir-se mais lhe não convinha a elle, fidalgo da côrte de D. João v. Dizer-se pae da mulata seria pouco fidalgo proceder, visto que descera, tanto a mesclar seu sangue. Escrevera, comtudo aquella recommendação para os que d'elle legitimamente ficassem. Peormente podera ter procedido.

Luiz Guedes de Miranda Henriques, cuidou logo de dar cumprimento áquella especie de codicillo de seu pae. Saindo da casa da irmã alli deixou dinheiro para Isabel accudir a suas necessidades, recommendingo-lhe segredo para todos, até para a mãe, e viver honesto e recatado.

Transformára-se-lhe a terrena paixão em culto á desgraça, os desejos de posse em projectos de vindicta.

O infante D. Francisco, inutil cidadão, fôra cruel e deshumano, como parece ter sido costume seu. Sem nobreza de sentimentos, sem elevação de espirito, sem brio de fidalgo da brigantina estirpe acceitára da mão de Suppico de Moraes a bella mulata, a quem encadeiára a relutância com dadivas e larguezas, com enganos e promessas. Pequeno favor não era o conservar-lhe a vida, pois que lh'a podera mandar tirar, porque seu filho não tivesse tão baixa e tão vil e tão desnobre mãe...

Pedro José Suppico de Moraes nem ao menos uma circumstancia attenuante encontra, que lhe minore o crime vilanissimo de vender a amante ao irmão de um rei !

Filiado na escola do infante, seu amo e senhor, Suppico não punha duvida alguma em praticar os mais indecorosos actos, as torpezas mais rasteiras e abjectas. Licencioso na phrase, Suppico soltava frequentes insultos tanto contra homens como contra mulheres. Era o libertino devasso sem crenças nem fé, para quem nada existe de sagrado na terra. E foi um homem assim o que sentira viva impressão de amores por Isabel, e quem d'ella recebera em escambo uma paixão ardentissima, como a labareda aurirubra saída do forno encandescido, vomitada da cratera em chamas !

Que transformação se terá operado no peito e nos sentimentos de Isabel para com aquelle homem ? Sabel-o-hemos mais tarde, e entrementes narremos.

Suppico de Moraes saira para Londres, por onde se gastára mezes, e de lá embarcára para a Haia, onde fôra tambem com fins conspiradores. Alli adoeecera em casa de um mercador judeu, portuguez de origem, chamado Samuel Pinto, para quem levára do reino cartas de recommendação.

Tinha Samuel Pinto por unica familia um filho e uma filha, orphãos de mãe, a quem dispensava

os perdidos carinhos maternos uma irmã de Samuel. Esther se chamava a filha de Pinto, judia de dezeseis annos, formosa como Sara e como as filhas de Labão. O irmão d'ella era creança de sete annos.

Aquellez nevoeiros, humidades e frios da Holanda geraram em Suppico uma catarral violenta, com febres agudas e quasi constantes. Samuel Pinto, porém, ao ver gravemente ferido de doença o seu hospede, empenhou suas forças e influencia para lhe restituir a combalida saude, já chamando-lhe os melhores medicos judeus, já proporcionando-lhe o conforto de que tanto carecia. Esther fôra a enfermeira de Suppico.

Por seis dilatados mezes se estendera a doença de Suppico, ao cabo dos quaes entrára em convalescência, que fôra de tres mezes.

Este homem, que, pela pintura que d'elle se tem feito, não considerava sagrada a casa do amigo, a honra d'elle e dos seus, olhára para Esther, não como para a virgem filha do seu hospedeiro, mas como para a mulher esbelta, e linda, e inexperiente, a quem poderia escravizar o coração, armando-lhe laços traiçoeiros nas fallas, seductores nos modos, em tudo fallazes.

Já antes da doença havia começado a sua obra infamissima, e durante ella, especialmente na convalescência, dera-lhe a ultima demão.

A affeição de Esther para Suppico nascera, como natural é, do trato e convivencia, crescera durante a doença d'elle e agigantára-se na convalescência, em que o vil maculador jogára a já facillima arma de manejar, a do renegado que abjura suas crenças religiosas, para haver a posse de um bem fugitivo em troca da morte de duas almas.

Ao carinho hospitalario de Samuel Pinto, á ternura de irmã de Esther, á solicitude maternal da irmã de Samuel retribuia o birbante com brutal procedimento, com infamissima nodoa na honra d'aquelle familia !

E completou a obra o seductor, sem se lembrar que o Deus d'aquelle povo disperso, que o adora e lhe dirige as preces do nosso velho codigo de leis religiosas, ouve no seu throno invesivel tanto os gemidos do christão como os lamentos dos filhos de Heber !

Enganada na promessa de casamento do falso apostata, Esther, a nova victima, occultou no intimo peito aquelle segredo, abafou 'nelle os ais doloridos do infortunio quando Suppico fugira áquelle casa e aforrado se passára a Portugal.

O Deus de Abrahão e de Isaac tambem o é de Israel proscripta. Treme de seu castigo, miseravel !

Este escuro episodio do viver do confidente do infante D. Francisco ennobrecera Suppico a seus

olhos, orgulhando-se com o seu talento oratorio, com que vencia e convencia !

Proesa de invejar, galhardo feito fôra aquelle para em Lisboa narrar a seu amo !

Ponha-se ponto ' neste discorrer e entremos na taverna de Thiago Venegas, na Praça da Palha em Lisboa.

É sabbado : corre com apparencia de lentidão rapidissimo o mez de fevereiro de 1713. São dez horas da noute. Lá dentro, no segundo compartimento onde já vimos Christovam de Mello e aquelle francez que não conhecemos, os mesmos conversam de costas voltadas para o corredor, que fôra existe, sentados á mesa como dois amigos velhos.

E, realmente, um anno havia que os dois alli se viram a vez primeira, e tanto estreitaram relações que se consideravam verdadeiros amigos. Não o eram : reciprocos instrumentos para seus fins, isso eram elles.

— Pois, sim, respondia Christovam de Mello a um reparo feito pelo francez, mas depois da batalha de Almanza são manifestos em toda a Europa os symptomas da paz. A vossa propria França está exhausta...

— Nunca ! interrompeu o estrangeiro. A França como a Gallia é viveiro perenne de soldados valentes. Parece que dos cadaveres de uns se levantam instantaneos outros. Vede como tem um exer-

cito formidando por Carlos d'Anjou e como cospe desembarques na America.

— Perdão, meu caro, essa pirataria não honra a França culta, equipara-a aos pechelingues e corsarios tunezinos. Pois achaes vós legal procedimento da França para com Portugal, esse pairar traiçoeiro e caír de chofre sobre o Brasil para lhe empolgar, como abutre do direito das gentes, os gados, os assucares, tudo? É a força do milhafre contra a pomba.

— Abutre do direito das gentes chamastes á França. É injustiça grande que lhe fazeis, accudiu o estranho. Ora dizei-me cá, o que entendéis por direito das gentes?

— Não estudo definições de direito; mas entendo ser a segura garantia que uma nação qualquer deposita no respeito e protecção das outras, aos seus haveres, ás suas legítimas conquistas.

— Legítimas conquistas! Eis ahi o fraco do vosso raciocínio e modo de ver as cousas. A conquista é o roubo, e a rapina o estado natural.

— Por Deus! que blasfemaes politicamente, disse Mello.

— Como em campos oppostos militamos agora! Verdade mais orthodoxa não ha, continuou o franzez. Observae bem e vereis o roubo na institiva natureza, e mais ingente, e mais formidavel quando seguido da força. Desde a aranha mais solerte ao

abutre e ao leão, nos irracionaes, e desde o mais debil humano ao mais forte e indomavel, não vedes uma escala de violencias e de roubos ? Existe, lá está, velada com a mascara da justiça, consentida á sombra das leis. Vós mesmo, filho de uma nação pequena pelo numero, mas grande por seu esforço, dizei-me cá: — como vos constituiastes em nacionalidade ? Tomando as armas, batendo ás portas das povoações dos mouros, que havia mais de tres seculos tinham a posse do occidente da Europa, e intimando-lhes á ponta da espada despejo immediato em nome do direito de conquista e sob o falso pretexto, ou, quando menos, futilissimo de melhor religião ! A religião do direito não vejo eu que outra seja senão a verdade. A dos povos, mais ou menos despida de sensualismo, é o culto ao Ente Supremo, que todos elles respeitam, adoram e temem. Assim, a pirataria de que fallaes, o abutre do direito das gentes que vedes na França, vós o haveis sido, Portugal o está sendo na America, na Africa e na Asia.

— Para longe me chamaes ! Com essa doutrina baqueia a legitima propriedade adquirida com o suor do rosto do trabalhador ! Por esse modo defendeis vós umas doutrinas dos vossos, que nos poderão levar a uma anarchia grande, fatalissima até !

— Ou a um melhor e mais hodierno modo de

sentir e pensar; á pura liberdade, interrompeu o francez.

— A pura liberdade, meu caro, ha de vos acarretar a vós, os francezes, grandes males ainda, vel-o-heis. Os vossos pensadores começam a agitar os animos com suas novas doutrinas, sem pensarem nas consequencias da terrivel expansão. Mas, vindo ao ponto. Se ninguem contesta á França a propriedade que tem, como explicais vós o proposito tenacissimo de nos querer roubar parte das conquistas, se não todas elles?

— Em nome da religião de Christo, da humanidade escrava e bronca conquistaram os nossos os vastos territorios que têm por esse mundo. Levaram o bem estar da familia, e do amor, e da caridade, a povos que o não conheciam: civilisaram. Os vossos, desbravado o caminho, pretendem trilhal-o para nos privar de uma legitima posse. Vede que diferença!

— Sinto haver de vos contrariar tanto, disse o francez, e de não virmos a um accordo. Mas, força é contrariar-vos, pois que aggredis violento. Conquistastes para a humanidade, para Deus até, dissesse. E para o proprio interesse tambem, digo eu. Sem embargo de ser pouco conhecida a historia de Portugal em França, eu tenho-me dado algum tanto á leitura d'ella. As matanças no animo de todos, as crueldades de Affonso d'Albuquerque

na India, ai! meu amigo, que poucos parallelos lhe topo na historia! As vossas praças da costa mauritana saccudiram uma apôs outra o jugo portuguez, baldas de defensores, que a sede das riquezas do oriente arrastava para tão remotas regiões. Ora vedes ahi os serviços a Deus e á humanidade, que os vossos fizeram?

— Meu caro amigo, redarguiu Christovam de Mello, haveis de acceitar, pois que lido vos dizeis na minha historia, a par de uma aberração ou de outra, sensuravel sempre, serviços valiosissimos prestados por este povo á humanidade, como vós outros os francezes os não tereis melhores.

— Só por si as conquistas e as descobertas notoriamente, bastam a mostrar a todas as gerações o muito que Portugal lidou em volvidos dias de esplendor nacional pela causa do progresso e da civilisação. Os serviços dos missionarios portuguezes, em que pese a alguns, são tão grandes, tão importantes e consideraveis que não ha ahi, na historia dos mythos, semelhança nos trabalhos de Hercules. Desde o Estreito, por toda a costa africana onde pojavam as náos portuguezas até aos rincões da China e Japão, no outro emispherio, as doutrinas do Martyr da Cruz foram prégadas pela bocca de verdadeiros martyres da santa ideia, os missionarios portuguezes. Quem traçou nos virgens mares a primeira rota das Indias foi Portu-

gal, como elle foi quem aos conhecimentos scientificos e geographicos do velho mundo accrescentou nada menos do que um mundo novo !

— Essa gloria é do genovez Colombo, disse o estrangeiro.

— Não é, combateu Mello. A gloria é de um obscuro nauta portuguez, que na ilha da Madeira soltou o ultimo alento do peito oppresso de magoa e de trabalhos do mar, e da mão febricitante nas de Colombo a primeira noticia das ignoradas terras da America, com a immensa gloria que o au-reolou depois. Nos vastos annaes do valor portuguez e de seus feitos immortaes, ha cousas que não devereis conhecer ainda, e esta se me afigura uma d'ellas. Crede, meu amigo, que não me dareis volta no campo em que estamos. O melhor será voltarmos ao ponto em que tomámos por esta vereda.

— Desejaes o accrescentamento da França ; louvavel me parece ; mas por meios mais leaes e mais amigos. A vastidão d'aquellas terras dá com larguezas para que muitos alli trabalhem e desbravem sertões e homens. Annui de vez ao nosso plano, saí para França com a missão proposta, que ulteriormente assentaremos nas vantagens que se poderão conceder.

— Deliberar-me de vez o não posso eu fazer sem me avistar com o senhor infante D. Francisco.

— A meu cuidado fica essa approximação. É-vos indiferente o dia?

Depois de pensar um instante, o francez respondeu:

— Só de hoje a outo dias apparecerei.

— Á mesma hora e 'neste ponto? perguntou Christovam de Mello.

— Sim, respondeu seccamente o francez.

Mas, quem seja este homem, almeja o leitor saber-o, sem duvida.

Era um genovez ao serviço da França. Fôra talvez por esse patriotismo que tinha que, não havia muito, pretendera reivindicar para um compatriota a gloria da descoberta da America.

Este homem vivia em Portugal na qualidade de agente secreto da côrte de França, visto que desde 1707 se achavam interrompidas as relações diplomáticas das duas nações. Chamava-se Vinanego, e era quem, conjunctamente com madama Duverger, traziam o governo francez bem informado das cousas portuguezas.

Duverger era das relações da casa do infante D. Francisco, e fôra ella quem assistira ao nascimento do filho de Isabel e o levára nos braços á pia baptismal na Bemposta, como se recordará o leitor de uma senhora já de annos, que lá viu.

Vinanego nas praças e ruas, nas tavernas e hospedarias, e Duverger nos palacios por onde an-

dava, colhiam quantas novas verdadeiras ou falsas circulavam, e para França as transmittiam.

Ninguem suspeitava de Duverger, e menos de Vinanego, que era francez aqui, genovez alem, catalão mais adiante.

Com elle atára e bem travára relações Christovam de Mello, como vimos, por antever 'nelle um homem fino, sem comtudo, determinar o fim com que andava entre nós, sem embargo de o haver suspeitado já, especialmente depois que o vira inclinar-se á ideia da conspiração.

Conhecido, pois, o homem e sabido o fim que tem, deixemos que decorram oito dias e voltaremos a encontra-los, seguindo agora para onde ao leitor aprouver.

Se o ir ver a bella mulata lhe não desagrada, apesar de adiantada ir a noite, cheguemos até sua casa, que bem merece ella as affeições dos leitores, por sua desgraça e sua formosura.

IX

Mais proesas de Suppico

Antes de irmos a casa de Isabel, da formosa despresada, somos de parecer que visitemos Amsterdam na Hollanda, e tomemos conhecimento com

Samuel Pinto e com sua filha, a victima do desalmado Suppico de Moraes.

Tão rapidamente viu elle a queda da virgem Esther, que naturaes serão seus desejos de melhor conhecer os trabalhos preparatorios de Suppico para aquelle conseguimento.

De um comerciante de Londres trouxera Suppico para Amsterdam uma carta de recommendação a Samuel Pinto, como já se disse.

Occultando sempre o fim que o levára a Holanda, Suppico, hospedando-se em casa de Samuel Pinto, onde estava Esther, a virgem filha do judeu, cuidou logo de se lhe insinuar no animo, de achar entrada em seu virgem peito.

Tres dias depois de hospedado, era á hora do jantar, perguntava ingenuamente Esther a Suppico:

— Tem gostado d'esta cidade, sr. Marcos da Costa?

— Certamente, menina Esther. Não tem ella, como Lisboa, collinas em que repouse ; mas, como aquella cidade linda, não só se retrata nas aguas, se não que n'ellas vive, fresca como violeta orvalhada, dissera Suppico.

— Lisboa ! Ai ! que saudade tenho eu da cidade em que nasceram meus avós ! disse o judeu, Samuel Pinto.

— E onde poderam viver ainda seus netos honrados, acudiu Suppico, por agradar a Pinto. Os

maus conselhos, se não a imbecilidade de el rei D. Manuel, foram a causa de tão impolitica medida, sobre ter sido deshumanissima. Misera adulaçao foi aquella a Fernando e a Isabel, por lhe casar com a filha !

— O Deus de Jacob lhe amaldiçõe eternamente a memoria ! exclamou Samuel.

— Que diz, meu bom pae ? Deixemos em paz a memoria d'esse rei *venturoso*, como lhe chamam, creio eu, que julgado já deve ter sido e condemnado no infallivel Tribunal. Nós já não somos portuguezes, dissera Esther.

— São, sim, formosa Esther, respondera Suplico. Sem embargo de haverem nascido na Holanda nebulosa, ainda pensaes n'aquelle eden perdido, ainda é portugueza a vossa synagoga sumptuosissima.

— Pois já a visitastes ? disse a judia. Não pensava que um christão penetrasse aquelle templo !

— Porque não ? Acaso não lêem christãos e hebreus por esses venerandos livros sagrados, monumento da sabedoria de Deus e dos homens divinamente inspirados ? Não diliciam nossas almas os threnos de Jeremias, os psalmos do musico rei santo, e, mais que tudo, o amoroso cantico dos canticos ? Ha nada mais bello do que isto ? «Sou trigueira, mas formosa, ó filhas de Jerusalem, bem como as tendas de Cedar, como os pavilhões de Salomão.»

— É do livro de minha predilecção, respondeu Esther. Mas, dizei-me cá: fostes á synagoga? Como déstes com ella em uma cidade tão retalhada de canaes e pontes?

— Vagando ao acaso de rua em rua, de praça em praça. Tinha eu chegado ao caes do *Meiedergragt*: caminhei para occidente e entrei n'uma praça onde, defronte da Gafaria, vi um bello edifício quadrado, destacando e elevando-se acima de uma quadra de edificios magnificos com um soberbo portico. Perguntei, como natural era a um estrangeiro, que edifício era aquelle. Apenas soube ser a synagoga portugueza, não houve em mim forças para evitar a entrada. Um parnassim me conduziu delicado á grande bacia em que lavei as mãos, entrando em seguida a porta principal da synagoga, sobre a qual se lê o versiculo: *Ego autem in multitudine misericordiae tuæ introiбо in dominum tuam.* Já vêdes, linda Esther, que fui á synagoga, dissera Suppico!

Esther, ouvindo por segunda vez chamar-lhe formosa aquelle mancebo, córou muito, e tão subitamente, que bem se podéra comparar seu rubor á labareda de explosiva affeição no peito d'ella.

A filha de Samuel, desfarçando como poude aquelle incommodo estranho, que começára a sentir,olveu a Suppico em tom de pergunta:

— Iremos lá no sabbado, não é assim? Apesar

de christão, aquella casa rēcebe a todos os cren-
tes, e não poucos tem já chamado a seu gremio... .

Era intencional aquelle fallar de Esther. A linda judia fazia a primeira tentativa de levar Suppico a renegar suas crenças, para crer ainda na vinda do Messias, e d'este modo poder amar ao homem por quem sentia irresistivel attracção, cada vez mais violenta.

— Querem ver minha filha disposta á conver-
são do sr. Marcos da Costa ? ! disse Samuel, ri-
sonho e contente.

— Meu pae ! Eu não tinha intenção nenhuma de...

— E que muito podéra isso admirar ? accudiu Suppico. É tão pequena a diferença que nos se-
pára ! Nós acceitámos o filho de Maria como o Messias promettido dos Prophetas e Levitas, e vós ainda o esperaes. Tal é a diferença, que no mais, lêmos os mesmos livros, crêmos no mesmo Deus, e tanto é sublime para uns como para outros o da-
dor do Dacalogo, Moysés, a estatua viva do Sinay em fogo, o grande vulto aureolado da divindade !

— Perdão, sr. Marcos da Costa, respondeu Sa-
muel Pinto. Chamaes pequena diferença á que nos sepára ? É grandissima. O Nazareno é para vós um Deus, como filho do Eterno Pae, e para nós não passa de ser um homem.

— Homem e Deus o consideramos, que ter elle

só natureza humana repugna á grande obra coroada no Golgotha, á emancipação do genero humano, no escravo, na mulher, em tudo !

— De Confucio e d'outros muitos são as doutrinas delle, a que chamaes divinas. Deu-lhe o Nazareno uma forma, talvez melhor, e eis tudo, dissera Samuel Pinto.

— Seja como quizerdes, respondeu Suppico, que em materias de religião a controversia é interminável.

— Ainda o senhor Marcos da Costa, disse Esther, ha de professar a nossa religião : tenho cá um presentimento...

— Não me atrevo a contrariar-vos, linda Esther. Quando o apostolado se confia aos anjos a sua vitória deve ser infallivel.

— Iremos sabbado á Synagoga, não é assim ?

— Iremos, certamente, terminára o falso Marcos da Costa.

O jantar acabára. Samuel Pinto descerá ao escriptorio, onde as transacções bancarias com Harlem, Leiden e Vesop lhe chamavam as attenções. Esther e seu pequeno irmão, e Suppico de Moraes ficaram passeando em uma varanda contigua á casa de jantar, que olhava sobre as aguas do Y, em centos de canaes misturadas com as do Amstel.

— Ai que lindeza, formosa Esther, que tem es-

ta cidade ! A amplidão do Tejo, coalhado de navios ; Veneza, banhada no Adriatico, nada são como este prado amenissimo em que vegetam donai-rosas boninas como vós, formosura sem igual, dissera Suppico, tomando-lhe a mão e osculando-lh'a instantaneo.

Esther, a innocenté judia, nem a mão retirára no enleiamento d'aquelle beijo ! Córada como o fructo.

«... que da patria Persia veio
Melhor tornado em terreno alheio,

Esther era deslumbrante de belleza.

Escultural de formas delicadas, era um modélo d'aquelles typos hebreus que ainda hoje assombram ao viajante no oriente, meio veladas em sedas, em alvissimos pannos de linho mais que fino. Dava a lembrar a formosura de Rachel, a de Sara, a da filha de Magdala, enfim. Dirieis que as doze tribus reaccionarias ao mundo novo viam representada a belleza de suas mulheres na filha de Samuel Pinto.

Cada feição era um primor dos sonhados de Praxiteles na grega antiguidade, de Miguel Angelo, de Celini nos modernos tempos. Pairava-lhe no rosto seductor um ar constante de serena felicidade, de celestial ventura, que, mais que a propria belleza, a tornava verdadeiramente adoravel.

A posse de um semelhante thesouro de graças entrou logo nos planos terrenos d'aquelle seductor encartado, que, já por experientia conhecedor da feminina fragilidade, e armado de sorrisos fallaces na expansão, de louvores e gabos, mentirosos na origem, pelo alvo que miravam, começára a combater a innocentemente menina, unico enlevo e felicidade do pae.

Facil seria a victoria, com apparentes juramentos de apostasia, e de casamento. Suppico de Moraes empregára taes armas, como por costume havia.

— Ai! Marcos, que me incommóda assim! disse Esther, levando a mão direita á fronte e a esquerda ao coração, e encostando-se a uma columna da varanda.

Arfavam-lhe os seios, redondos como papo de pomba reflecta e satisfeita ; era a imagem da virginal castidade sustida ainda ás bordas do abysso seductor, era a avesinha a bater as asas de susto ante o milhafre propinquo.

— Então, anjo adorado, disse Suppico, olhe para mim. Por que assim occulta seu rosto angelico?

— Ai, Deus do ceu, nem eu sei bem porque ! disse Esther, desencostando-se da columna e fitando serena e pacificamente aquelle açôr de sua virgindade.

O pequeno irmão de Esther brincava pela varanda, e a penumbra da tarde descia sobre Amsterdam cortejada de um tenue nevoeiro das aguas. Suppico, inflammando de máos pensamentos, tomára de novo as mãos de Esther nas suas.

— Oh ! deixe-me, deixe-me que não posso mais com uma dôr que sinto no coração, disse a bella judia, retirando as mãos e começando de se afastar.

Sairam da varanda. Esther, ferida no coração, Suppico, triumphante de esperanças.

Chegára sabbado, o dia de descânço d'aquelle povo hebreu. Como Suppico havia promettido a Esther, acompanhou-a á Synagoga, com Samuel e sua irmã.

Saindo de casa, tomaram pelo caes *Muidergragt*, passaram pelo cemiterio de Santo Antonio, deram volta pela rua *Muiderstraat* e chegaram á praça em que se defronta com a gafaria e Synagoga. Entraram o vasto portico de marmore, atravessaram o corredor em columnas, na extremitade do qual cada um abriu sua torneira e lavou as mãos, dirigindo-se á Synagoga, cuja entrada ficava em frente do atrio do portico principal.

Tres portas dão entrada na Synagoga : grande uma dellas, é encimada pelo versiculo de que falára Suppico, e duas aos lados d'aquelle são mais pequenas.

A grande abobada do templo é sustida por columnas de pedra: d'ella pendem quatro lustres com lampadas de vidro, em que ardia a luz perpetua. Perto da entrada elevava-se uma tribuna quadrada e alta: diante d'ella via-se a cadeira do gran-rabbi, ou chassan, e aos lados os assentos dos outros rabbis, ficando mais afastados os dos parnassins. O resto da Synagoga, estava cheio de bancadas com gavetas em que os hebreus guardavam seus livros, veos e albornozes, separados de duas galerias mais elevadas, uma por banda, destinadas ás mulheres.

Quando Samuel Pinto entrou, já muitos hebreus alli se achavam.

Suppico de Moraes, não podendo passar da entrada, alli permaneceu de pé em respeitosa posição, em quanto Samuel conduzindo primeiro a filha e a irmã á galeria da esquerda tomou depois assento em seu banco.

Por mais de tres horas se estendera a prece, ou ceremonia religiosa dos judeus. Suppico, se não fôra Esther que alem via defronte de si, a ler em seu livro, teria saído da Synagoga, tão entasiado e cançado mesmo se sentia de ter estado tres horas de pé no mesmo ponto.

Parece que terminárá a oração, porque observou Suppico de Moraes que os homens fechavam os livros nas gavetas de seus bancos, e via descer

o gran rabbi da cadeira e da tribuna, e dirigir-se para a parte oriental da Synagoga, em cuja nave, encostado á parede havia um altar, resguardado de uma balaustrada de *sacredan* dentro da qual Suppico distinguia uma elevação, ou tablado de madeira, em que os padres officiam. Dezouto grandes candieiros ou tocheiros de cobre sustenta a balaustrada, os quaes ardem defronte de um armario de *sacredan* em que se guardam em cinco compartimentos os livros de Moisés, escriptos em rolos de pergaminho.

Para alli viu Suppico dirigir homens e mulheres, muitos dos quaes se descalçavam ao aproximar-se.

Esther, de olhos sempre no chão, foi das que se descalçaram juncto do altar tão venerando. Suppico de Moraes, que della não tirava os olhos, ao ver-lhe os pés brevissimos pousados no chão sagrado sentira calafrios de amorosa febre e encostára-se á parede.

O culto de respeito aos livros de Moisés foi rapido e a função terminou, começando a sair aquella gente.

Samuel Pinto foi dos ultimos. Suppico esperava-o fora, na grande quadra entre a Synagoga e seus seminarios, onde, ao modo de Lisboa, se colocára por ver de perto aquellas bellezas judaicas, nenhuma das quaes chegava á perfeição de Esther Pinto, a rainha d'ellas.

Sairam, e antes de ir para casa passeiaram bastante pela cidade, de ponte em ponte, de praça, em praça, de caes em caes. Estiveram no *Texel*, e no *Laag*; viram a famosa *Camara municipal*, na praça de *Dam*, e partir para Anvers alguns barcos de perto da torre de S. João. Visitaram no trajecto o *Hospital das velhas*, o dos *velhos Lutheranos*, das *orphãas romanas*, no caes do *Spuy*, o grande edificio da *Bolsa*, junto á *Ponte-nova*, e os *arsenaes* de marinha, *alfandega*; e outros muitos edificios excellentes d'aquellea cidade erguida sobre estacas, sobre a vasa dos mares, e cercada de tantos canaes como ruas, de tantos lagos como praças, de tantos *praamen* e *booten* como de grandes e pequenas habitações.

X

Batalha de Buikslot

Pedro José Suppico de Moraes adoeccera, dias depois, de uma congestão pulmonar, com muita febre. Chamado logo um medico por Samuel Pinto

começou elle a tratar do doente com verdadeiro interesse.

As noites humidas de Amsterdam occasionaram aquella doença, que subitamente o prostou no leito.

Samuel, o velho judeu, não só por ser portuguez aquelle seu hospede, mas porque, em verdade, gostára do moço, dispensou-lhe os maiores cuidados que podera dar aos seus.

Esther, a incomparavel belleza, que já o amava, talvez mesmo sem saber em sua candidez e virginal pureza, que amor era aquelle agridoce sentir, aquelle permanente pensar e cuidar de Marcos da Costa, foi a enfermeira zelosa, a irmã disvelada, o anjo da guarda d'aquelle homem perverso.

Quando a febre em delirio o arrastava para o mundo de mentaes absurdos, Esther sentava-se a seu lado, vigiava seus movimentos inconscientes, fallava-lhe, soffria, emfim com elle, como se aquella doença a ferira tambem.

Em um accesso de agitação febril Suppico pronunciára 'num dia o nome della.

— Tambem pensa em mim ! disse ella, contente e satisfeita com aquella paga de tantos carinhos. — Oh ! o Deus de Abrahão e de Isaac te salve, meu amigo !

Por alguns mezes se estendeu a gravidade do mal: por fim declinou, capitulando com a edade e

com os medicamentos. Fôra-se a febre, deixando apenas seus crueis estragos.

Quando Marcos da Costa cada manhã abria os olhos ao dia ; quando despertava de mal dormidos sonhos provenientes de fraqueza e debilidade, topava com Esther, de pé, risonha e linda, como a aurora de cada dia, sorrindo-lhe affectos, animando-o nas fallas, insuflando-lhe vida e alento com sua presença celestial.

— Esta noute dormiu mais socegado. Marcos, não é isto verdade ? perguntára Esther.

— Sim, é verdade, meu amigo, graças a teus carinhos.

Oh ! Deus t'o pague ! respondera Suppico. Mas como o soubeste, formosura ?

— Vindo aqui algumas vezes a diversas horas da noute, e achando-o a dormir tão descansado que cheguei a crer vel-o já livre da doença, e até feliz em sonhos. Sorria em uma das vezes por modo... e dizia umas cousas...

— Sonhava contigo, minha belleza peregrina. Via-te em sonhos formosa, como acordada, estrela brilhante que me dás alegria na luz de teus raios, iman que me attrahes para o polo da ventura de teu amor. Porque tu amas-me, não é verdade ? E tomava-lhe as mãos delicadas.

— Sim, para que hei de eu occultar esta verdade amarga ? Se o que eu sinto por ti desde que

vieste para esta casa é esse amor de que fallas, amo-te e quero-te muito. Mas...

— Mas, verdade amarga disseste? Porque chamas amarga à verdade de teu amor?

— E perguntas-m'o? Porque não poderemos ser felizes; porque nos separa a religião, respondeu Esther.

— Não separa, meu anjo, é engano manifesto. A religião do amor nos attrahe e une: somos um do outro.

— Seremos, sim, quando a religião de meus paes sanctificar a do amor. Antes, ou de outro modo é impossivel.

— Ha de sanctificar, minha Esther. O que é preciso para isso? Professar eu o culto hebraico? Professo, sim, anjo meu, professo tua religião e casarei contigo, se teu pae consentir 'nesta união.

Suppico de Moraes estava sentado no leito e a filha de Samuel Pinto, em pé, encostada a elle, com as mãos presas nas do seductor.

— O que dizes?! exclamára ella ao ouvir a promessa da abjuração do amante. Será possivel?

— É certo. Sou e serci teu em crenças religiosas e no muito amor que te dou, respondeu Suppico.

— Obrigada! Começo a ser feliz! dissera a pura Esther, consentindo em se deixar cingir pelos braços do falso renegado, que para si puxára seu corpo delicado.

'Naquella felicidade d'alma, Esther tombou sobre o leito caindo nos braços de Suppico, que lhe cobriu de beijos o rosto formoso.

Despertando, porém, d'aquelle rapido e amoroço deliquio, Esther ergueu-se prestes, tomando a primitiva posição de anjo velador da saude de Marcos da Costa, e accrescentando:

— Que fraqueza a minha! Acho que delinqui!

— Não, não delinquiste. És a mesma virgem formosa, enlevo de minha alma, delicias do meu viver.

'Nisto chegava o medico judeu.

Ester ouvindo-lhe os passos foi ao seu encontro.

— Então, como está o seu doente? dizia o physico hebreu a Esther, antes de entrar no quarto.

— Muito melhor, respondia ella.

Entraram. Depois das observações costumadas, foi o physico do aviso de que devia Suppico erguer-se pela vez primeira depois da doença, sem, contudo, sair ainda do quarto. E saiu, deixando os dois.

A doença passára rapida, e a convalescência for-a-o tambem.

Quinze dias depois lembrava Samuel Pinto para o completo restabelecimento de seu hospede uma saída para o campo.

Proximo de Buiksloot, pittoresca aldeia de perto de mil habitantes, para onde de Amsterdam sae

um canal, tinha Samuel Pinto uma quinta de recreio. Para alli assentou conduzir Marcos da Costa, acompanhado de sua irmã e filha, ficando elle com algumas creadas e com o filho.

Dias depois, ao nascer do sol, vogava nas aguas do Y um barco conduzindo aquellas pessoas, e entrando no canal de Buiksloot, horas depois aproava á quinta de Samuel Pinto.

Era uma vivenda rica aquella do opulento banqueiro judeu. Todas as commodidades da vida tinha alli reunido Samuel Pinto.

Suppico de Moraes, 'naquelle pequeno Eden era, realmente, feliz. Acompanhado de Esther, que o amava com um primeiro amor, separados de Samuel, os dois amantes poderiam alli gosar dias venturosos, e Marcos da Costa concluir a obra diabolica.

O hebreu, por sympathia para com aquelle portuguez, por hospitalidade amiga, da que dispensava a todos, conforme a seus usos, e por ver na filha grande affeição ao estrangeiro, deixára-a ir acompanhada da irmã e de uma creada, mal suspeitando das intenções infames do seu hospede.

Foram passando os dias e as semanas. Em passeios pela quinta, acompanhados da velha tia de Esther, ou da creada, os dois amantes estavam deveras apaixonados um do outro, com a diferença unica de que o amor de Esther era puris-

simo, e o de Suppico mais do que impuro, estupido e brutal.

Hebreu se dizia já havia tempos, e 'naquelles protestos do renegado acreditava ella, a candida Esther; porque facil é a todos crêr no que desejam.

Uma tarde, era quasi posto o sol, sentados os dois debaixo de uma copada arvore, Suppico jurára casar com Esther, se consentisse seu pae. Promettia voltar a Portugal, para vender os bens que allí possuia, e casar no regresso. Ajustaram convidar Samuel a vir passar um dia á quinta, para lhe fazerem ambos o pedido.

'Nestes colloquios, thema de cada dia, apossára-se Suppico da alma da judia. Esther tudo acreditava. Ao seductor só faltava a posse material da sua conquista. Facil lhe seria o tomal-a.

Samuel Pinto, accedendo ao convite da filha apareceu um dia na quinta de Buiksloot.

Depois de jantar, andando a passeiar no jardim, Samuel perguntou:

—Está, pois, quasi restabelecido o meu hospede, não é assim?

—Graças a vós e a vossa filha, senhor Samuel Pinto, que tem sido para mim mais extremosa do que uma irmã, tanto como esposa. Oh! Se eu ativesse um dia, o céu permitisse que fosse Esther!

A filha de Samuel cárrou, baixou os olhos e o

rosto, em que o pae attentára de proposito, já suspeitos de amores, respondendo este a Suppico:

— O céu pôde permittil-o se minha filha quizer. Que diz ella?

— Eu! Que obedeço a meu pae, dissera Esther toda pejo e vergonha no enleio, com que a custo respondera d'aquelle modo.

— Fazes bem: mas, em negocios do coração a obediencia deve ser voluntaria. Marcos da Costa tem verdadeira affeição a minha filha? É livre em Portugal para poder mudar de estado?

— Amo loucamente a formosa filha que o céu vos deu, e sou completamente livre.

— E tu, creança, que já queres ser mulher, o que dizes tu?

— Oh! meu pae, meu pae!... respondera Esther, beijando-lhe a mão, córada como a rosa de Alexandria aberta ao sol nascente.

— Está bem. Pensaremos 'nisso quando a saude voltar como d'antes, e d'aqui forem para a cidade, o que me parece brevemente será.

— Eu já me sinto bom, e podemos voltar todos.

— Não, não, mais oito dias no campo, que bonita vae a estação, e voltae depois. Quero-vos rijo e forte como um hollandez, respondera Samuel.

O hebreu voltará á noite a Amsterdam, ficando Suppico, Esther e sua tia.

Depois da breve conversação dos tres no pas-

seio do jardim, já o leitor deve saber como Esther andaria contente e dictosa, e como Suppico, orgulhoso de uma posse que, tanto havia, anhelava usufruir, e de que tão perto estava. De occasião era apenas para o seductor aquella gloria. Já se dizia hebreu, já Manuel Pinto implicitamente dera o seu consentimento para o matrimonio de ambos: que mais argumentos precisava Marcos da Costa para render a vacillante judia, a fascinada menina que tanto tinha luctado?

Dois dias depois amanhecerá adoentada a tia de Esther. No dia seguinte era sabbado, o dia sagrado dos hebreus.

Suppico e Esther, acompanhados da creada, que levaram de Amsterdam, sairam para Buiksloot, a fim de assistir ao culto na synanoga d'aquella villa. Atravessaram a quinta, em cuja extremidade oriental havia uma porta com saida para a estrada da villa, que demorava a quinhentos metros. Era um passeio.

Depois do culto retrocederam, seriam tres horas da tarde.

A parte mais elevada da quinta era um bosque lindissimo de frondosas ramas, de sombras deliciosas, de recessos encantadores. Suppico de Moraes, pretextando mui naturalmente o ardor do sol áquella hora, lembrára a Esther a conveniencia de tomarem por uma avenida toda verdura e som-

bras. Acceitára a judia, dando o braço ao amante.

— Sentemo-nos um instante, disse o falso amante á candida donzella, ao chegarem a um sitio verdadeiramente encantador.

— Pois, sim, respondera ella. Não deveremos, porém, demorar-nos muito por causa de minha tia: estou com cuidado 'nella. Talvez peiorasse...

— Se te parece bem, minha linda Esther, Melitina que vá indo, que nós em breve seremos com ella o com tua tia.

Esther annuiu, e disse á creada que partisse adiante em quanto ella descansava um pouco.

Ella foi e os dois ficaram.

Era o sitio em que estavam um circuito arborizado, cuja folhagem tão densa era que, além de vedar as bancadas de madeira que em volta havia, toldava o recinto de um docel de ramos, por onde a custo o sol penetrava, e vinha repintalgar de luz o solo atapetado de musgo.

— Formoso thalamo de passarinhos que é este logar! exclamára Suppico no mais amoroso tom.

— Sim, é. Como elles são mais ditosos e felizes do que nós! dissera a meiga e formosa Esther.

— Como elles o podemos nós ser, meu anjo idolatrado, 'nesta habitação de seus amores...

Um rouxinol entoava 'naquelle instante uma aria de paterno sentimento e de amoroso cuidado,

junto ao ninho de seus filhinhos, sobre a cabeça dos dois amantes.

Dissereis, ao ouvir-lhe aquelles trilos apaixonados, serem elles a versão moderna:

Dors,
Dors,
Dors,
Ma douce amie,
Amie,
Si belle et si chérie.
Dors en aimant,
Dors en couchant
Nos petits
Petits
Petits
Petits
Petits enfants.

Uma hora se demoraram os dois amantes alli, naquelle habitação de rouxinoes. Depois, a bella Esther, dando o braço a Suppico de Moraes, com a formosa cabeça levemente encostada ao peito d'elle, vagarosa e languida, foi acompanhando o amante querido até á casa apalaçada da quinta.

Depois... mais nada. Decorridos alguns dias, era quinta feira, ás oito horas da noite, pela porta de Leiden saía de Amsterdam para aquella cidade

o correio de Hespanha, e com elle deixava a Holanda Pedro José Suppico de Moraes, que do porto de Haya largava dois dias depois, em navio mercante para Portugal.

Escusado é dizer que de ninguem se despediu aquelle vencedor de Buiksloot, onde viu a seus pés rendido o debil e fraco inimigo.

O desfecho d'este episodio dramatico já o leitor conhece anteriormente. Samuel Pinto tomára conhecimento da falta da filha, inquirindo a causa da profunda melancholia a que se entregará, depois da fuga de Suppico, melancholia e tristezas taes para que não achou a medicina remedios nem ao menos na prescripção de novos amores.

XI

Suppico e o senhor de Murça

Ha noites em Lisboa de amedrontar a nervosos e a timidos. Surgem ás vezes da banda do mar uns enormissimos róllos de nuvens negras, encontrando-se de espaço a espaço nos ares com fragor,

ou roçando apenas suas fimbrias com phosphorencias fugazes.

Parece acastellar-se sobre a capital uma grande tempestade, tão morosas veem vindo aquellas nuvens. Mas, de repente o vento de oeste começa de soprar fresco, e vae levando de encontro aos cumes do Monte-junto essas nuvens, deixando o ceu de Lisboa varrido d'aquellas tempestuosas ameaças.

Assim estava a noute quando os dois sairam da taverna de Thiago Venegas, na Praça da Palha.

Antes de irmos a casa de Isabel, informaremos ao leitor de algumas circumstancias que melhormente lhe farão comprehender a scena que vae presenciar.

Como sabe, Suppico voltára ao reino e Isabel era já irmã do senhor de Murça. Isto, porém, não sabia elle. Decorridos annos, a imagem de Isabel, que não mais tornára a ver, surgia-lhe subitamente no pensamento, como um phantasma do remorso, mas formoso e seductor ainda. Repellindo a principio aquella imagem, acabára por ter saudades d'ella, sentira que a devia procurar, vel-a, fallar-lhe.

É natural aquelle ter saudade de um bem perdido, ou abandonado. A auzencia e separação cercam as imagens dos objectos, e mormente das pessoas queridas, de um certo nimbo de encantos e

graças que parece ao homem ou não existirem antes, ou, quando menos, não terem a formosura que lhes imprime a saudade d'aquelle separação.

Suppico quiz-se aproximar de Isabel, que o infante D. Francisco por mercê repudiara; depois que lhe dera um filho.

Por mais de uma vez a buscára na Travessa do Pé de Ferro, não logrando entrar 'naquella casa, porque Isabel o não recebia. Mas teimava, sendo-lhe facil admittir 'nella um modo de sentir como o seu, e necessidade semelhante de com elle se avistar.

Assim foi que, por meia noute d'aquelle dia, em que o francez se despedira de Christovam de Mello, um vulto se aproximava da porta de Isabel e 'nella batia de modo que parecia conhecido e combinado. Era Suppico.

Ao bater segunda vez, a porta abriu-se. O seductor entrou 'naquella casa.

Com certa admiração notou elle que ninguem tivesse vindo abrir a porta, pois que ninguem estava na loja. Sem, contudo, se demorar na admiração e antes ancioso por se aproximar de Isabel, subiu prestes a conhecida escada.

Ninguem estava tambem alli ! Mas na alcova havia luz e alguem conversava, e Suppico mais admirado de tão fria recepção caminhou para aquella porta.

Quando dava os primeiros passos 'naquelle sentido, abrem-se as duas meias portas da alcova em que nascera o *senhor D. João da Bemposta*, e sae por alli, não Isabel, a sua amante de outr'ora, mas um homem, a quem Suppico não conheceu logo, logo.

— Isabel, a mulher que perdestes, encarregam-me de vos receber, senhor Suppico de Moraes. O que pretende o seductor de Isabel? disse a grave e muito serio aquelle homem.

Suppico de Moraes, ao conhecer nas fallas e depois nas feições aquelle individuo, esquecendo que perdera alguns direitos que teria tido, e sentindo-se instantaneamente ferido de tão saccudidas palavras de um seu presupposto rival de outro tempo, e agora senhor de Isabel, como se lhe antolhava, exaspera-se subito, estende o braço esquerdo para o homem, que outro não era senão o senhor de Murça, e brada-lhe fortemente, indicando-lhe a janella:

— Fóra! E por aquella janella outra vez!

O senhor de Murça retrahira do corpo o bastante por se não deixar tocar ou agarrar, volvendo á carga de uma grande bofetada no rosto de Suppico, que, não a esperando, ou não a podendo evitar, a soffreu inteira e completa, e bem soante.

— Fóra villão! digo eu, exclamou Luiz Guedes.

— Mal aprumára Suppico o corpo cambaleante

no desequilibrio, leva a mão á espada furioso, arranca meia lamina e ruge :

— Vingança ! . . .

Não tivéra tempo o vendedor de Isabel nem de mais palavras soltar, nem de arrancar da bainha a espada, porque o senhor de Murça, rapido como a onça, que espreita bem, e mede, e calcula os movimentos da presa, lhe cairá em cima agil e rapido, como se fôra aquella fera ! e lhe prendera violentamente os braços atraz das costas, exclamando :

— Isabel, minha irmã ! Aqui tens agrilhoado o leopardo de tua honra. Arranca-lhe da cinta esta espada e crava-a no monstro ! bradára Luiz Guedes, tendo manietado adiante de si aquelle Suppico estrebxante e enraivado, como nas garras do milhafre se debate inutilmente a gallinha exanime na agonia.

Isabel viera de dentro ao chamado do irmão. Mal avistára os dois, parára subitamente a contemplar o grupo.

Era sublime aquella mulher !

A trança de cabellos ondeados erguera-se como juba de leão mal ferido : o olhar scintillava raiva e furia, contrahidas a cada instante as faces, e dilatadas as azas do nariz.

Depois de fitar o seu primeiro amante, talvez com mixto olhar de amor e de odio, Isabel foi

para elle de um salto, arrancou-lhe precipite a espada, e, com uma força superior á musculatura feminina, pousa no chão a ponta della e no meio da lamina o pé esquerdo e força-a com a mão direita a quebrar pelo meio com um estalido vibrante, arremegando-lhe aos pés os copos que na mão sustinha, bradando sublime :

— Covarde !

Luiz Guedes, com um empuxão grande, arremegou para juncto da janella ao desarmado Suppico ; e, como a irmã offendida e deshonrada, trouu altivo e ameaçador :

— Fóra d'aqui, miseravel ! E por essa janella ! Chegou tua vez de saltar, villão !

Suppico de Moraes perdera a razão no vexame e 'naquella afronta : nada via nem ouvia no desespero que o tomára. Ao parar do empuxão que o levára até juncto da janella, investe furioso contra o senhor de Murça, de mãos abertas como garras de abutre. Luiz Guedes, mais robusto e forçoso, encurta-lhe a carreira, corre para elle, toma-o estrebuxante nos braços musculosos, levanta-o, e rapido o precipita da janella, por onde em tempo saltará para o evitar a elle.

Fechando depois a janella voltou á irmã, a quem disse, sobresaltado ainda :

Socega, minha irmã, que não mais aqui voltará aquelle indigno.

— Socégo ; mas a humilhação foi grande e temo alguma vingança...

— Nada receies, Isabel. Cauteloso serei com elle.

— Mas o poder do infante é grande... tem assalariados... objectou Isabel. É mau de natureza...

— O poder do infante é menor do que sua mal-dade. E depois... se eu conseguir observar, descobrir uma cousa que não conheço ainda, mas que me chamou, mezes ha, toda a attenção, esse poder e... A meu cuidado.

Callára-se. Isabel não ousou fazer perguntas ao irmão.

Luiz Guedes vira entrar para a taberna do caes do Sodré a Suppico de Moraes 'naquella noite em que elle alli se fôra avistar com Lord Thomas Le-fevre, esperára-o á porta e provocára-o encontro que o leitor conhece, por bem se certificar de sua entidade. Depois d'aquella noite, entrára na taverna algumas vezes disfarçado, mas não mais vira 'nella a Suppico, conhecendo, contudo, que alli apareciam inglezes de alta posição. Suppico partira para Inglaterra, como sabemos, e nunca mais o topárá lá. Ouvira, porém, uma noite certa conversação a dois filhos da nossa querida Albion, em tom mysterioso, e o desejar saber o que diriam cuidado era que o trazia preocupado.

A este cuidado, a esta preocupação alludia nas fallas á irmã, antevendo 'num vago e indeterminado horizonte alguma cousa de grave, muito de importante.

Mas não precipitemos desfechos. O senhor de Murça, depois de ter inflingido a Suppico aquelle castigo que vimos, e que muito havia esperava ancioso, saíra de casa da irmã e descera a calçada de Castello Picão, coordenando na mente uma segunda parte da vingança, que premeditára.

Suppico de Moraes não lhe apparecera no caminho. Maltratado talvez na queda seguiria para o Corte-Real.

Oito dias depois destes acontecimentos, na varanda dos Caetanos passeavam e convergavam dois homens, um já de bastante edade, caidas e rugosas as faces, pendido o labio inferior á parte esquerda, outro mais vigoroso ainda: era aquelle velho, o laboriosissimo Raphael Bluteau, o primeiro lexicographo que tivemos, este segundo, o erudito academic D. José Barbosa. Practica de letras era a sua.

Seriam onze horas da manhã. Pouco depois delas um terceiro conviva se aproximára delles e os saudára. Era Pedro José Suppico de Moraes.

— Bem vindo seja o diligente collector de bons ditos, o ledor infatigavel dos nossos e dos estranhos, disse D. José Barbosa.

— Demasiado me gabaes, senhor D. José Barbosa : agradeço o que justamente me caiba.

— Avultada collecção deveis possuir, pois muito ha vos topei em Jesus cercado de Anacreonte, de S. Bernardo, de S. Gregorio e das obras de Pythagoras e de Seneca, disse Bluteau. Quando daes comêço á publicação ? Que titulo lhe pondes ? perguntou ainda.

— O dar-lhe publicidade não está para tão breve, e quanto ao titulo estou ainda indeciso. Vós, senhor Bluteau, sois quem me poderia baptisar o filho de meu curto engenho, sendo padrinho D. José.

— Então dizei lá, D. José, como se ha de chamar o menino, dissera Bluteau risonho, para o padrinho, indicado por Suppico.

— Eu sei ! *Collecção moral de sentenças, approvaes ?*

— Que responda o pae, dissera Bluteau.

— Não me destoa o titulo, porém, se fora mais heleno...

— Para isso aqui tendes Bluteau : mais asada occasião não ha, respondera Barbosa, *Collecção epicosmóloga* me ocorre ; mas, que diga Bluteau, que é mui competente.

— Não me parece mal formado titulo, dissera Rafael Bluteau ; comtudo, tambem se pode dizer *collecção moral de apophthegmas memoráveis*.

— Agrada-me ; porém, não são todos moraes, tambem os ha politicos, respondera Suppico.

— Pois mui bem : chamae politicos a uns e moraes a outros, consoante o forem.

— Acceito e vos agradeço,

— Nada haveis que me agradecer. No convivio de letras, a que nos damos, o mutuo serviço, a reciproca coadjuvação deve ser o timbre de nosso brasão scientifico, disse Bluteau. Não sois como os ricos ignorantes que não conhecem o que lhes falta, no dizer de Aristippo. De suppor é que já apontasseis o bom dito do philosopho, que, na verdade, tem sal attico e verdade indubitavel.

— Não, não o conheço, mas notal-o-hei.

— Pois aproveitae o pensamento inteiro, que só é complemento de uma resposta dada a Dionysio de Sicilia, o que ora me lembrou.

— Bem disse desses homens aquelle rei de Hungria: *Non videre sibi homines esse, qui literas ignorant*, disse D. José Barbosa.

— Tambem é aproveitável para a collecção, accudiu Suppico.

— Apontai-os, sim, porque é um verdadeiro bem a sabedoria, no dizer de Socrates: *Unicum est bonum scientia, malum contra unicum, inscitia*, disse Bluteau.

— Boa memoria haveis ! Como vos é prompto e facil esse recordar conhecimentos ! disse Suppico.

— E, comtudo, nada mais difficult do que calar o que se não deve dizer, como prescreve Aristoteles, respondeu Bluteau.

— Esse poder tendes vós, que derramais hoje sobre mim copia de sentenças, guardando o que deveis guardar.

— Apophthegmas, dizei antes : empreguemos o termo adoptado, disse o sabio velho.

— É verdade, não me occorria ! Mas confessavos que vossa memoria é uma verdadeira Scylla de idéas !

— Será por isso que o estomago nunca me foi Charybdis da vida, respondeu, a rir, o theatino erudito. É de Diogenes a idéa.

— Telvez que por isso tanto vivesse : sabeis que morreu de noventa annos ? disse D. José Barbosa.

'Nisto, entrava na varanda, em que se achavam os tres, Luiz Guedes de Miranda Henriques, e se diriga ao grupo.

Depois de comprimentar a Barbosa e a Bluteau o senhor de Murça, pedida venia aos dois litteratos, dissera para Suppico de Moraes :

— Careço de vos fallar.

O auctor dos *Apophthegmas*, dorido com as fallas de quem o lançara da janellla da travessa do Pé de Ferro, sentira-se instantaneamente irado ao vel-o e ouvil-o ; mas, refreando instinctos da carne, Suppico não quizera, diante dos dois litteratos,

destoar em maneiras cortezes, em polidas attenções, e respondera seccamente :

— Eu vou.

Separados a seis metros de distancia de Barbosa e de Bluteau, que passeiando e conversando começaram de se afastar, Suppico, de sobrolho carregado, perguntára :

— Que pertende o senhor de Murça ?

— Convidar Pedro José Suppico de Moraes a pagar uma dívida de honra, a esposar a mulata Isabel, a... respondera Luiz Guedes, retrahindo-se.

Uma cynica gargalhada de Suppico respondera á proposta de Luiz Guedes, com este additamento sarcastico :

— Perdeu acaso o siso o cortezão de el-rei ? o tresloucado amante do refugo de concubinas mulatas ?

— Cautela nas respostas !

Nas veias d'aquella mulher corre sangue mais puro do que o vosso, fidalgo da casa do nobre infante irmão de el-rei. Cautela ! respondera o senhor de Murça.

— Sangue de Caim maldito a nobilitará como ao paladino de sua nobre prosapia, respondeu a Luiz Guedes o offendido Suppico.

— Mau ! escancára-se o abysmo ! Suppico de Moraes ! ou haveis de aceitar por

esposa minha irmã Isabel, a mulata, a victima que fizestes, ou um repto de Luiz Guedes de Miranda Henriques. Escolhei breve.

— Raça de escravos ! É feita a minha escolha. Odio eterno á mulata, e desprezo ao falso irmão.

— De vagar, Suppico, devagar ! respondera o senhor de Murça, meio irado com as respostas do seductor de Isabel. Vamos, pagaes ou não pagaes o que deveis á filha de meu pae ?

— Já respondi, redarguiu Suppico, voltando-lhe costas, e dirigindo-se aos dois theatinos, que afastados conversavam.

Mal dera o primeiro passo e já rodava como um pião sobre si, forçado da mão vigorosa de Luiz Guedes, que o tomára por um braço !

Na rapida volta Suppico levára a mão á espada, que tinha quasi arrancada, quando se defrontou com o adversario. Não lhe deu Luiz Guedes tempo a usar da arma. Como se uma força electrica lhe agitara o braço direito, o senhor de Murça tirou da cinta a sua espada que arremessou fóra, correu instantaneo a Suppico a quem agarrou pelo pescoço com força grande, e foi-o levando de encontro á parede da varanda 'num asfixiar crescente de suas musculosas mãos.

Chamára a attenção dos dois academicos o tintinulo rolar da espada de Luiz Guedes, os quaes, voltando-se logo e correndo aos luctadores, com dif-

ficuldade grande os conseguiram separar, livrando de morte certa a Suppico, cujo pescoço, como se fôra n'um torniquete, se deprimia nas mãos de Luiz Guedes.

Vencido por segunda vez, Suppico saiu dalli, alem de vexado, resolvido a tomar vingança do senhor de Murça e a desaggravar-se da mulher que amára, e que lhe partira a espada com soberano desprezo e bem nascido odio.

XII

Reunião de conspiradores

Desde 7 de novembro de 1712 se achavam suspensas as hostilidades entre a França e Portugal. Prorrogada aquella suspensão de armas em 10 de fevereiro de 1713 e em o primeiro de março do mesmo anno, esperava-se a paz geral, cansada a Europa de luctas e de guerras.

O plano dos conspiradores por D. Francisco era o de preparar e dispor as cousas de modo que antes da paz, que se aproximava, enquanto Portugal

a braços com a Hespanha e com a França não podesse accudir á America, esta se proclamasse independente com o auxilio da Inglaterra, elevando a um throno virgem o poderoso infante D. Francisco.

São decorridos oito dias. Christovam de Mello não falta á taverna de Venegas, onde o genovez ao serviço da França, promettera aparecer. Alli entra ás dez da noute e lá topa ao estrangeiro, sentado a uma mesa, bebendo e fumando em seu cachimbo.

Emquanto os dois se comprimentam vamos nós, leitor, indo para o Corte-Real, onde esta noute o infante recebe a alguns amigos.

Acha-se illuminada aquella sala em que já estivemos com Isabel, mas fechadas suas portas das janellas, tanto as que davam para a Ribeira das Naus como as que abriam para a corrente do Tejo. Alli passeiam alguns homens em conversação a meia voz. São elles os jesuitas nossos conhecidos, os condes de Aveiras e Ribeira-Grande e Antonio Vaz de Castello Branco, secretario do infante.

São onze horas. À porta do fundo tem apparecido o infante D. Francisco acompanhado de Supico de Moraes.

Foram ao encontro do projectado rei aquelles homens, a quem comprimentaram e beijaram a mão.

— Ora havei boa noute, meus amigos, disse

D. Francisco Christovam de Mello ainda não chegou?

— Ainda não, saiba vossa alteza, respondeu Castello Branco.

— Virá com elle esse tal Vinanego? perguntou Manoel Dias, jesuita mui querido na corte e que já estava pelos conspiradores.

— Sim, virá, disse o infante.

— E Lord Galloway? perguntará Gonzaga.

— Tambem o espero, respondeu Suppico.

— Pois emquanto não chegam esses, parece-me bem que me informeis dos progressos que tendes feito, conde d'Aveiras, e vós, D. Alvaro da Camara.

— Só podemos contar com a não Conceição e com a charrua Penha de França, disse o conde d'Aveiras.

— A guarnição da Santa Rosa é desaffecta a el-rei, e muito de vossa alteza, desde que vossa alteza a commandou ha pouco tempo 'naquelle exercicio de tiro.

— Pois então por nós será tambem, disse o infante.

— Senhor infante, disse Luiz de Gonzaga, a occasião raras vezes se mostra aos mortaes. É meu parecer que a temos á porta, e mal avisados andaremos se a despedirmos des cortezes.

— Quereis dizer que é preciso operar já, não é

assim? Muito bem. Mas dizei-me o que teem feito vossos padres cá, e lá na America, perguntára o infante.

— Aqui não teem podido muito; mas no Brasil, tudo é por elles, e d'elles. O meu parecer é que vossa alteza delibere quanto antes a saída de Lisboa.

— Prompto estou, mas sem que Inglaterra nos dê a mão não será possível.

— Convenho que do seu auxilio precisemos, mormente de forças navaes, que nos escorram as costas e sacudam e enxotem os que tentarem perturbar vossa aclamação; porém não podemos nós esperar eternamente por sua resolução d'ella. Creia vossa alteza que se não aproveitar o ensejo, outro não terá tão prestes. Se deixar fazer a paz, para o que se encaminham as tendencias europeas, tardivamente encontraremos melhor occasião. Para conduzir a vossa alteza ahi temos dois vasos no Tejo. De nada mais carecemos, porque a força está lá na America, que nos espera.

— Como estão as negociações com a Inglaterra?

— Por ultimar, disse o infante. Esperamos aqui esta noite o Lord Galloway para nos dizer o que ha de novo.

— Vossa alteza já se avistou com elle? perguntou o conde da Ribeira Grande?

— Ainda não: Suppico é quem o tem conferenciado. Mas, porque é tal pergunta?

— É porque desconfio d'elle, dissera o conde.

— Não desconfieis, accudiu Suppico de Moraes. Sendo de muito interesse para a Inglaterra o haver predominio em parte da America do Sul, claro está que nem Galloway, nem inglez nenhum denunciaria um projecto que os favoreça. Apesar do secretario de estado d'Inglaterra Sauderland, ser um patarata que faz grandes barretadas e mente muito, eu não posso deixar de crer o que me diz na ultima missiva: que logo que se faça a paz, a Inglaterra mandará uma esquadra para nos auxiliar no Brasil.

— É isso o que nos não convem, disse o conde, antes nos favorecerá a continuaçāo da guerra, por tirar a Portugal recursos e forças que não teremos contra, quando definitivamente erguermos o brādo de independencia.

— Exactamente, reforçou o infante.

— Isso queremos todos, e tanto que não tardará aqui um agente de França, a quem encarregaremos de missão especial 'neste sentido.

— Sendo assim, não vejo razão para que a Inglaterra não destaque em nosso auxilio uma parte da sua grande esquadra, observou o conde.

— A razão, accudiu o jesuita Manoel Dias, está exactamente no receio que tem da França sua rival antiga. Quer ver em que param as cousas, e por isso cautelosamente anda ella.

— 'Nesse caso, disse o conde d'Aveiras, respondendo ao jesuita, convindo-nos a guerra ao plano que temos, e não vindo por nós a Inglaterra se não quando a paz se fizer, claro é que nos prejudicamos em ambos os casos. No de guerra, não podemos contar com a Inglaterra, no de paz, teremos contra nós Portugal e a propria França, com quem se pode aliar, a troco de algumas concessões no Amazonas.

— Mas o meu projecto, disse o infante, é esse mesmo : offerecer já á França a posse indubitavel e para sempre das Terras do Cabo do Norte, entre o rio Amazonas e o de Vicente Pisão, que elles nos disputam, e onde nos arrasaram já os fortes de Araguari e Massapá, contanto que não anuam ás considerações da paz que D. Luiz da Cunha e o conde de Tarouca projectam realizar.

— Mas ahi tem vossa alteza, continuou o conde d'Aveiras, um inconveniente, dado que a França aceitasse as condições alludidas. Não poderíamos contar com a Inglaterra, que ficaria espectante até ao fim da guerra.

— Em tal caso, disse Suppico de Moraes, temos por nós a esquadra de Malta, que o Grão Mestre porá ao serviço do senhor infante.

— Tendes vós a certeza de que D. Antonio Manuel de Vilhena annua ao projecto ? perguntou o conde ao facil Suppico.

— Isso tenho, respondeu o infante D. Francisco.
Quereis ler uma carta do conde Harrac ?

— Obrigado a vossa alteza ; não é preciso.

’Nisto, entraram na sala pela mesma porta por onde o fizera o infante, Christovão de Mello e Vinanego.

A conversação parou e todos se voltaram para os recem-chegados, cercando ao infante.

— Apresento a vossa alteza o cavalheiro de Vinanego, disse Christovão de Mello, beijando-lhe a mão, acto seguidamente praticado pelo agente secreto da França.

— Tenho satisfação em vos conhecer disse o infante. Quereis, pois, aceitar as propostas que vos fez o meu sumilher da cortina ?

— Aceito, senhor, se vantajosas para mim e para a França.

— Serão. Sabeis de que se trata. Jurai-me, pois, diante d'estes cavalleiros de minha casa e meus amigos, em como não divulgareis jámais este segredo, quer nós consigamos o fim, quer não consigamos.

— Eu o juro.

— Por sua alteza ! disseram os dois condes, Suppico e Christovão de Mello, desembainhando as espadas e cruzando-as sobre a cabeça de Vinanego.

— Por sua alteza ! respondeu o genovez.

— Sentemo-nos, disse o infante, tomado assento em grande cadeira de espaldar, e os demais em escabellos forrados de velludo carmezim.

— As vantagens que auferireis immediatamente serão dez mil cruzados em dinheiro de contado, disse o infante, e mais tarde, realizado o projecto, havereis no novo imperio logar rendoso. Quanto á França, cedo-lhe desde já as terras ao Sul da Cayena, e consinto em que os franceses possam commerciar no Maranhão, sendo-lhes permittida a navegação do Amazonas, comtanto que por fórmula nenhuma façam a paz que alguns desejam, em quanto o Brasil se não desmembrar de Portugal.

— Quanto a mim aceito, e com relação á França só posso prometter a vossa alteza que para alli partirei quanto antes, e empregarei os meios de que poder dispôr para que aquella potencia aceite a vossa proposta, disse o genovez.

— Está tratado. Ámanhã escreverei a el-rei de França, e Christovão de Mello vos habilitará com meios para partirdes o mais depressa que possa ser, respondeu o infante, levantando-se e fazendo todos o mesmo.

E o infante D. Francisco, dando a mão a beijar a Vinanego, o despediu. Pela porta por onde entrára saiu elle com Christovão de Mello, ficando os demais.

— Demora-se Lord Galloway ! Dissera o infante para Suppico. Ide ver se chegaria.

Suppico saiu, e a conversação continuou.

— Vossa alteza parece-me demasiado liberal. Conceder tanto á França não sei se dará mais tarde o arrependimento, dissera o conde da Ribeira Grande, D. Alvaro.

— Deixaes prometter e até mesmo dar, que tempo haveremos no futuro de recompor as cousas, para o que não faltarão causas ou pretextos. E não só poderemos reaver as terras que ora dermos, mas até as que a França alli tem desde 1604, porque não tem razão justificavel não ser nosso aquelle trato de terra insignificante, dissera D. Francisco.

— Felizmente toda a Guyana se acha devidida, e senhoreada por varios, que se constituisse um só estado, fôra visinho para muito nos inquietar, observou D. Alvaro.

— Poz-lhe Deus por balisas naturaes as correntes do Amazonas, disse Luiz de Gonzaga, de modo que essa muralha liquida tanto defende os povos de uma das margens como os da outra.

Suppico de Moraes entrava na sala áquelle tempo, e 'nella dava ingresso a Lord Galloway, que já encontrára entrando no Corte Real. Era mais de meia noute.

O infante foi-lhe ao encontro, satisfeito com semelhante visita.

Depois dos comprimentos do estylo, sentados todos, Lord Galloway, manifestando visivel inquietação, perguntára ao infante:

— A' porta do palacio de vossa alteza costumam vaguear mendigos a esta hora?

— Mendigos? Não. Porém...

— É que tão perseguido me vi por um mendigo, que o não parecia, quando me dirigia para aqui, que se não fosse o haver promettido vir ter com vossa alteza, por certo retrocedera, por não gerar suspeitas.

Suppico de Moraes! disse o infante, contrariado com aquella nova. Mandae já prender todo aquelle que se topar parado em volta d'esta casa. Não sei de que serve a guarda que me dá el-rei meu irmão!

Suppico e Castello Branco, tambem inquietos, sairam da sala, adejando-lhes na mente a ideia de espionagem, caso gravissimo, que bem convinha inspecionar.

— Alguem seria, volveu o infante a Lord Galloway, que não soubesse a que porta pedia esmola. Esta nossa Lisboa poderia ser melhor policiada se... Mas, dizei-nos, Lord Galloway, que novas recebestes d'Inglaterra tocantes ao assunto?

— A Inglaterra está prompta a coadjuvar a empresa, mas não já. A guerra não terminou ainda.

Apezar da batalha de Villaviçosa e da morte do Imperador José I assegurarem a coroa de Hespanha a Philippe V, a Europa está em armas, a Europa nada em sangue, e apezar dos animos se inclinarem á paz, uma qualquer circumstancia os pôde embravecer de prompto, e recomeçar a guerra, que tem assolado a maior parte d'ella. A Inglaterra precisa ser muito vigilante. A França pôde muito ainda e não olvida a liga que lhe promovemos na Hollanda, nem Guilherme de Nassau, seu implacavel inimigo, apezar de suas victorias importantes como a de Seneff, em mais retirados tempos, e a desfeita de Hoechstedt e a de Ramillies nos ultimos. Heinsius, Marlborough e Eugenio são nomes que não esquecem á França. Villars acaba de ser vencedor em Denain; a paz é inevitável. Deixe-a vossa alteza concluir e depois a Inglaterra cuidará de vossos projectos.

— Porém, disse o infante, a guerra ser-nos-hia conveniente. Ao seu ruido enorme ninguem ouviria os gritos de liberdade dos Americanos, e Portugal não iria em socorro d'aquellas terras.

— Não tema vossa alteza o poder de Portugal: oito a dez mil infantes e obra de dois mil cavallos, oito vasos de guerra com tres mil homens, com quatrocentas ou quinhentas peças pequeno poder é para se temer, respondera Galloway.

— Entretanto, accudiu Luiz de Gonzaga, Por-

tugal, que ora tem guerra com a Hespanha, pôde ámanhã com ella fazer a paz e em seguida uma alliança contra nós, pela cedencia do territorio e da colonia do Sacramento. Assim, conveniente fôra que se realisasse a empresa, por fórmula que quando a paz se ultimasse já não fosse muito facil o bater ás portas do novo imperio com mão armada.

— A Inglaterra não pôde, repito, em virtude de suas ultimas instrucções, que me foram transmittidas, entrar por agora na empresa: d'aqui a mais algum tempo, sim.

— Em tal caso, disse o infante descontente, esperaremos, continuando a chamar adeptos ao nosso partido.

A conversação ainda se prolongou até á uma hora da manhã, dispersando uns após outros, por cautela, e saindo Lord Galloway não por onde entrára, mas em uma galeota pelo Tejo.

Pelo que 'nesta reunião se passou verá o leitor como era fraca a politica do infante e dos seus, na facilidade com que sonhavam victorias e temiam derrotas.

XIII

D. João V e seu projecto

Assignára-se a paz de Utrecht entre D. João v, rei de Portugal, e Filipe v rei de Hespanha, no dia 5 de fevereiro de 1715. O conde de Tarouca, e D. Luiz da Cunha, por nossa banda, e o duque de Ossuna pela de Hespanha sellaram aquelle documento, que trouxe a Portugal dias de tranquillidade, para se construir o Aqueducto das Aguas Livres, para se fundar o *Escurial* de Mafra, para se comprar a capella de S. João Baptista de S. Ro que, para se converter um arcebispo em patriarcha e os conejos em prelados, e para se gastarem sommas fabulosas nos casamentos do principe do Brasil com D. Marianna Victoria e do principe das Asturias com D. Maria Barbara.

Intentava D. João v sair do reino em devota romaria a N. Senhora do Loreto. Era por maio de 1715.

Nos grandes e espaçosos paços da Ribeira comunicava el-rei pela vez primeira o seu pensamento ao conde de Unhão, com quem passejava na comprida varanda, ou galleria que dava sobre o Tejo.

— Felizmente a paz está feita, meu conde, dizia o rei; mas os meus padecimentos aggravam-se mais e mais, e eu concebi uma ideia que te vou comunicar, de cuja realisação espero restabelecer-me, se não melhorar. Fiz um voto de visitar Nossa Senhora do Loreto: que te parece, conde?

— Parece-me bem, real senhor, disse o cortezão. Os novos ares, o prazer de visitar esplendidas côrtes certamente vos farão grandissimo bem. E tenciona vossa magestade ir só, ou com sua magestade a rainha?

— Irei só, isto é: contigo, conde, e com mais alguns amigos, sem que o meu viajar possa incomodar a meus primos el-rei de Hespanha e o de França: viajarei incognito. Quero, comtudo, levar uma guarda de oitenta homens, que a teu cuidado fica fardar e armar.

— Vossa magestade manda, respondeu o conde.

Ao fundo da galleria appareciam áquelle tempo os marquezes d'Abrantes, o de Fronteira e o d'Alegrete e o duque de Cadaval.

— A ponto chegam estes amigos, disse o rei. Dar-lhes-hei parte do meu plano e determinada resolução.

Os quatro caminharam para D. João V, sendo o ultimo que se aproximou e lhe beijou a mão o gordissimo marquez d'Abrantes.

— Chegaes a tempo, meus amigos para perfí-

lhardes um projecto meu, disse o rei. Espero que o não engeitareis.

— Os vassallos não costumam oppôr-se á vontade de el-rei seu amo e senhor, respondeu o lisongeiro marquez d'Alegrete.

— Assim é, accudira o duque de Cadaval; mas, casos ha em que a obediencia se manifesta na oposição.

— Parece-me nova essa doutrina, respondeu, sorrindo, D. João V. E por ver como obrais na prática, dir-vos-hei que tenciono deixar Portugal e viajar a França, indo vós commigo, e vós, marquezes d' Abrantes, Fronteira e Alegrete.

— Que diz vossa magestade?

— É possivel!

— Vossa magestade está brincando!

— Não o podiamos esperar!

Disseram quasi em côro aquelles grandes do reino.

— A minha saude anda combalida, e fiz um voto a Nossa Senhora do Loreto, que preciso é cumprir. A paz com a visinha Hespanha e com a França trouxeram remângos dias, que devo empregar em obras pias. Que dizeis, duque e marquezes? perguntára el-rei, mirando-os com certa alegria.

— Eu aprovo formalmente vossa deliberação, real senhor, disse o marquez d'Alegrete.

— Se o meu voto pôde servir-vos, real senhor, accudiu o de Fronteira, peço licença a vossa magestade para pensar no caso, que bem o merece, se me não illudo!

— Merece, sim, e muitissimo, repetiu logo o duque de Cadaval. Vossa magestade dispensar-me ha por agora de emittir meu voto.

— Associo-me tambem á reserva do duque, se vossa magestade m'o consente, disse, por ultimo, o obeso marquez d'Abrantes.

— Pois não ! respondera o faustoso monarcha, sorrindo menos francamente. A'manhã ao meio dia me dareis vosso parecer no Conselho de Estado, que para tal fim vou convocar. Adeus, meus amigos, até ámanhã, terminou el-rei, entrando com o conde de Unhão na grande sala dos Tudoscos e deixando aos quatro na galleria.

— Vamos ter oposição, não se te afigura, conde de Unhão ? dizia el-rei.

— Talvez, real senhor. Já eu vou imaginando pretextos que inventarão.

— Por exemplo ? dize lá.

— Grandes despezas... o reino exausto de meios... et cetera.

— É possivel, sim, observas e calculas bem, dissera o rei.

— Difficuldade na regencia... sua magestade a rainha só com os infantes... continuára o conde.

— A rainha, a quem Deus guarde, e Diogo de Mendonça Corte Real, com o conselho de estado á latterae regerão estes reinos até eu voltar. Inconveniente não haverá ahi.

— Isso mesmo me parece, real senhor.

E lá se foram entranhando pelo grande palacio.
Na galleria ficaram conversando os quatro.

— Isto não pôde ser! Sua magestade anda influenciado da doença que tem, e traz o espirito enfermo exclamou o duque de Cadaval.

— É um erro gravissimo, segundou o marquez d'Abrantes, por entre as barbeadas e nedeadas bochechas.

— Pôde trazer grandes males ao reino esta saída, que precisamos evitar, disse o de Fronteira.

— Temerosos vos vejo, amigos, respondera aos tres o marquez de Alegrete. Pois que males poderão vir ao reino agora que a paz se concluiu, durante uns mezes em que el-rei saía de seus estados?

— O marquez não vê bem as coisas na grande affeiçao que tem a el-rei. Tambem nós lh'a temos, como bons a leaes vassallos, que somos, e por isso é que nos opporemos ao projecto, respondera o duque de Cadaval.

— O reino está exausto com a guerra: onde ha de el-rei ir por dinheiro para semelhante viagem? perguntava o marquez de Fronteira.

— Ainda isso seria o menos: disse o d'Abra-
tes: dinheiro não faltará aqui ou na Hollanda; o
caso é mais grave pelas turbulencias do infante
D. Francisco e por suas solapadas ambições: se-
ria capaz de promover no reino tumultos contra o
irmão, 'naquelle desaffeição que desde creança lhe
tem, notoriamente depois que foi julgado herdeiro
do reino.

— Se fôra só o receio de tumultos, de barato o
dariamos; causas mais graves existem, que, pelo
que vejo, não haveis ponderado ainda, por não at-
tentardes 'nellas. Desejareis vós renovados?... Sus-
pendera-se o duque de Cadaval.

— Suspeitoso me deixa a vossa reticencia, accu-
diu o marquez d'Abra-tes. Acaso...

— Acaso temeremos nós, continuou o duque, ver
resuscitados em nossos dias os tempos de Af-
fonso VI? Não foi esta ideia, que pela incongruen-
cia se vos atravessou na garganta? Talvez. Tudo
é possivel. Mas a gravidade e o melindroso do
caso não são para publicidades.

— De facto; disse o marquez d'Abra-tes, depois
de pensar um pouco; pôde ser, porque as mocida-
des d'el-rei lhe inveteraram costumes, por certo
malquistas do regio thalamo. E depois, esta fra-
quissima natureza e miseravel humanidade... E
não concluira o pensamento.

— O que é certissimo já é ter ambições de go-

vernar sua alteza o infante D. Francisco, ter maus conselheiros, e dispôr de grandes meios.

— Mas, absurda me parece, disse o marquez de Fronteira, qualquer pretenção do infante, desde que o throno tem legitimo successor.

— De facto ; mas, quem sabe lá o que pensará o infante ! Quem conhecerá o plano da Companhia de Jesus, que tanto se tem introduzido em seu animo ? Estes jesuitas ! Quando nos veremos livres d'estes homens no paço e em nossas casas ? Jesus morreu pela humanidade, que redimiu entre dois ladrões no cume do Golgotha. Esta Companhia de Jesus... disse o duque de Cadaval, deixando incompleto o seu pensamento.

— A Companhia é logica. O Redemptor do mundo deixou-se pregar em uma cruz para homologar o triumpho immenso de uma ideia santa : a fraternidade do genero humano na adoração de um só Deus verdadeiro ; e a Companhia vota ao martyrio alguns dos seus por uma ideia congenere : unidade fraternal dos povos, na obediencia do Papa Clemente XI, respondeu o marquez de Fronteira.

— Estes jesuitas, se me não engano em minhas previsões, não se poderão sustentar no futuro. A marcha do progresso do espirito e do pensamento humano ha de passar-lhes um dia por cima ; e, se os não esmagar nas rodas de seu carro triumphal,

cuspil-os-ha para longe, como lama que nos salpica, dissera o duque de Cadaval.

— Tarde será, respondeu o marquez de Fronteira.

— Quando será não sei eu ; mas, antevejo que será 'neste seculo.

— Oxalá ; mas, a que devemos presentemente prestar a maior attenção, é á saida de sua magestade. Devemos oppôr-nos ámanhã com todas as veras, embora sem declarar causas da nossa recusa, a não ser alguma que ande no animo de todos, como despezas grandes ; murmurações do povo ; descontentamento da rainha e dos nobres ; et cetera. Sois d'este aviso no assumpto ? perguntára o duque.

Responderam que sim os marquezes, com exceção do d'Alegrete, que se declarou perplexo.

'Nisto passeava fóra na sala o ministro Diogo de Mendonça Corte-Real, o qual, vendo-os na varanda, lhes foi ao encontro.

— Estimo topar-vos aqui, para vos noticiar conselho de estado ámanhã. Aposto que o não sabiam ? dissera o energico ministro.

— Sabiamos, infelizmente, respondeu o duque.

— Infelizmente ! dizeis. O caso não é de perigo para a patria : a guerra não nos bate á porta, fechado o templo de Jano.

— Quem sabe, Diogo de Mendonça, quem sabe ? !...

— Os vossos receios fazem-me crer que não conhecéis a causa de sua magestade convocar o Conselho de Estado, dissera o habil ministro, occultando o seu modo de sentir particular, e querendo começar já a colher opiniões e votos.

— De el-rei o sabemos, que nos parece boa origem, disse o marquez de Abrantes, antecipando a resposta que se pedia ao duque.

— Pois o cumprimento de um voto não pôde ser causa para tantos cuidados e antevistas infelicidades !

— A'manhã vereis como o projecto será recebido, lhe disse o marquez de Fronteira.

— E como pensa o ministro no caso sujeito ? perguntou o duque de Cadaval :

— Os ministros teem a opinião de el-rei e a de seus conselheiros : propria, bem poucas vezes, respondera o cauteloso politico. Ainda ficaes por aqui ? Adeus!

E Diogo de Mendonça, sem mais prolongada querer a conversação, e sem d'elles receber resposta, partiu, murmurando : — El-rei não sairá do reino.

Horas depois o energico ministro mandava convocar o Conselho de Estado para reunir no dia seguinte.

E o enfermigo e teimoso D. João v, contente com o seu projecto, cuja realisação o mostraria

faustoso aos olhos da Europa, especialmente da França, com quem na grandeza competia, com detimento do reino, sonhava esplendores, imaginava pompas, inventava a corte que o devia acompanhar na viagem.

Mal Diogo de Mendonça Corte-Real acabára, no seu gabinete de trabalho, de mandar reunir o Conselho de Estado, já D. João v lhe entrava alli outra vez, seguido do conde de Unhão.

— Diogo de Mendonça, disse D. João v ao seu ministro, procure ao infante D. Francisco, meu irmão, e diga-lhe que me busque ámanhã depois do conselho de estado.

— Não quer vossa magestade que lhe diga o para que?

— E' escusado.

— Porém, como sua alteza pôde tomar em menos conta o convite de vossa magestade, talvez conviesse ordenar-lhe a vinda...

— Sim, não é mau, pondera bem. Intime-o em meu nome a vir aqui.

— E onde o quer vossa magestade receber?

— Aqui 'neste gabinete.

— Porém, eu lembraria a vossa magestade que o senhor infante pôde ver com maus olhos uma conferencia 'neste gabinete, por suppôr o não consideram consoante sua posição. Vossa magestade já sabe...

Sei que o senhor infante, meu irmão, me odeia, sim, sei, atalhára o rei impaciente. Ordene-lhe que venha a este gabinete, onde eu virei também.

— Cumprirei a regia ordem. Vossa magestade conhece a minha intenção. Eu não quizera presenceiar mais alguma scena que incommodasse a vossa magestade, e por isso...

— Fez bem, respondeu D. João v, alcançando o fim das rasões do ministro. O sr. infante D. Francisco precisa ter mais cautela comsigo d'ora'vante se quizer poupar-me a consideral-o como a qualquer subdito e vassallo. As prisões do estado são para todos os criminosos. Preso viveu meu tio os derradeiros dias de sua vida...

E depois de pensar um instante, disse para o conde de Unhão, que viera com elle e se conservara silencioso:

— Aguardarás ámanhã aqui ao senhor infante D. Francisco, meu irmão; e, quando chegado, conduzil-o-has ao meu particular gabinete.

— Esperal-o-hei, real senhor, e cumpridas serão vossas deliberações.

— Diogo de Mendonça, disse por fim D. João v, fazei o orçamento para a minha viagem, e vede como haveremos a precisa somma. Apesar de eu ir incognito, quero o preciso luzimento condigno de meu estado.

E despedindo-se d'elle, deu-lhe a mão a beijar e saiu com o conde de Unhão.

— Delicias sonha vossa magestade com promtidão, isso é verdade; porém o realisal-as mais custoso é. Os cofres do estado nem para pagamento da tropa teem o preciso, e os judeus de Amsterdam nem sempre estarão dispostos, dissera Diogo de Mendonça Corte Real, resolvido a nem sequer pensar em semelhante cousa, mal o rei voltára costas.

XIV

O que vae na corte!

Por outo horas da manhã do seguinte dia, saía dos paços da Ribeira um creado com a libré de el-rei, montado em um possante cavallo, e a trote seguiu a direcção de Bemfica.

Era que urn accidente, mais violento do que os costumados, assaltára D. João v 'naquella noute, e Diogo de Mendonça Corte Real, Secretario de estado, que tinha na vespera ido para uma sua

quinta em Bemfica era chamado ao paço a toda a pressa.

D. João v, havendo melhorado durante a madrugada, mandára chamar o ministro, a quem pretendia dar contra ordem para o Conselho de Estado, e saír para Azeitão quanto antes.

Por dez horas e meia chega a carruagem do ministro ao Terreiro do Paço, pára ao Arco dos Presos, e alli se apeia Diogo de Mendonça. Pouco depois estava com el-rei.

D. João v, acompanhado do conde da Ericeira e do Marquez d'Alegrete, estava assentado em uma grande poltrona estofada e forrada de veludo roxo. Envolto em grande capote bordado a ouro, o seu rosto estava pallido e abatido, e coberto por um veu de tristeza.

— Ha muito que o esperava, Diogo de Mendonça, disse o rei, mal avistára o ministro.

Diogo de Mendonça ajoelhou e beijou-lhe a mão, dizendo, condoído:

— Quem me dissera a mim tal fatalidade, que não saíra hontem! Mas vossa magestade está melhor, não é assim?

— Estou; mas quero ainda hoje sair para Azeitão. Previna o duque d'Aveiro para mandar já pôr á minha disposição a casa, e ordene contra ordem aos conselheiros de Estado. E note bem, Diogo de Mendonça, que se não espalhe e divul-

gue por enquanto a causa da reunião do conselho de estado.

— Sim, real senhor. O duque d'Aveiro está em Azeitão, de modo que vossa magestade pôde sair quando o desejar. Eu vou já despachar-lhe um correio a prevenir-l-o, e mandar sair para a outra banda um coche e cavallos, e atracar ao caes do Corte Real a galeota de vossa magestade, para embarcar sem sair de casa.

— Dê parte ao infante meu irmão.

— Sua alteza foi para a Bemposta; mas lá está o conde de Aveiras a quem vou prevenir.

Effectivamente o palacio do Corte Real comunicava com os vastos paços da Ribeira por um passadiço junto ao Arco dos Cobertos. Era commoda para el-rei a saída por alli. O Secretario de Estado saiu a dar urgentes providencias conforme a vontade de el-rei.

A' uma hora da tarde, a galeota real, com todo branco franjado de escarlate e ouro, remada por vinte remeiros e seguida de mais tres, em que se embarcaram alguns fidalgos de sua corte, largava do Corte Real para o Barreiro.

D. João V deixava o expediente dos negocios ao Secretario de Estado e partia melancolico, havendo-se despedido da rainha secca e friamente.

D. Marianna d'Austria ficára-se carpindo com a saída precipitada do esposo.

— Ah! marquezza, veja como sou desgraçada !... Sae el-rei de Lisboa por doença, e nem sequer uma palavra de amor e de affecto !... Foge á minha companhia ! O que se dirá no reino sabendo que el-rei doente parte para Azeitão e que eu o não acompanho ! Ao desamor d'el-rei virá juntar-se o dos povos...

— Não será assim, real senhora. Vossa magestade é querida dos portuguezes, e o que poderão dizer será que a propria natureza d'aquelle sua doença obriga el-rei á solidão, ao isolamento, respondera a marquezza de Santa Cruz, unica dama do paço verdadeiramente amiga da rainha.

— Não basta essa razão : é preciso divulgar e fazer crer que tambem eu adoeci, e por isso não acompanho a el-rei. É uma mentira evidente e um peccado necessario de que o meu confessor me absolvesse. Eu vou recolher-me á minha cámara e só recebo á marquezza. Traga-me a infanta D. Maria, para me consolar aquella creança.

Lamentava-se a rainha, e com razão. Nem ella podia ser amada, nem podia amar ao regio esposo.

Não julgue o leitor de leve aquella affirmativa ; attenda a estas razões :

Aquelle puro sentimento, que Deus implantou nos corações do homem e da mulher para escolhem companhia e para se amarem ; que tem feito heroínas na dedicação, e obrado prodigios de va-

lor constante no homem; que a antiguidade symbolisou em Pyramo e Thisbe e em Leandro e Hero, e que desde então até hoje attinge por vezes tragicas proporções, lamentaveis desastres, esse purissimo sentimento prohibem as razões do Estado ao moço que nasceu rei, á princeza que nasceu de reis !

Áquelle, busca-lhe a politica uma esposa, onde mais conveniente seja haver o estado ligações, a esta, ordena-lhe o dever paterno, deixe a patria, a familia, os ares e sitios em que se creou e vá lançar-se nos braços de um homem, que apenas conhicerá de vista em desbotado retrato ! Se lá tinha affeições intimas, se amava ternamente, eil-as, essas affeições desfeitas ! Eis-lhe morto o amoroso sentimento nascido apenas ! Um tumulo de affeçtos ! Uma victima !

Ao moço rei succede o mesmo. É constrangido pelas razões de Estado primeiramente, a casar, depois, a acceptar para sua companheira a mulher que lhe escolheram ! Não tem vontade propria. Ha de acceptar essa companheira, que nem a sua lingua sabe fallar muitas vezes, para maior estranheza, e tornal-a a confidente de seus intimos desejos, a consoladora de suas magoas, a mãe forçada de seus filhos !

Da homogeneidade de genios e sentimentos não curaram os estadistas. Deram-lhe uma mulher

para procrear e dar um successor ao throno. Salvára-se a patria, embora se perdessem dois corações!...

E que muito então que os reis deixem bastardos, havidos da escolhida de seu coração?

E que muito então que... Retrahe-a-se a penna por mais prudencial juizo.

No dia seguinte por onze horas da manhã, anunciava-se o infante D. Francisco á rainha.

D. Francisco, que ultimamente vivia retirado em Salvaterra e Samora, e que poucas vezes vinha á capital, mal a noticia da saida do irmão lhe chegou a Samora, onde estava, veiu logo a Lisboa comprimentar a rainha.

Ao meio dia o infante D. Francisco, acompanhado do jesuita Antonio Stieff, confessor de D. Marianna d'Austria, eram recebidos de sua magestade, em uma sala contigua á dos Tudoscos, riquissima em sua ornamentação.

A rainha manifestava evidentemente no rosto o pezar que tinha 'nalma, não obstante os sorrisos e graças ostensivamente mostrados. Acompanhava-a a marqueza de Santa Cruz.

— Mal a Samora me chegou a nova da saida d'el-rei, meu irmão e senhor, dissera o infante depois de beijar a mão á cunhada, e desfazendo-se em doces modos e melifluas palavras, corri a oferecer o meu pouco valimento a yossa magestade,

e dar-lhe o sentimento, que tambem tenho, da doença de el-rei meu irmão.

— Penhora-me vossa alteza, disse a rainha, convidando ao infante e ao seu confessor a assentarem-se.

— Sinto-me realmente magoada, não só pela doença de el-rei, mas ainda pela minha propria, que obstou a ir eu com meu esposo e senhor...

— Duplamente me sinto pesaroso, respondeu o infante, sem acreditar a mentira, por vossa magestade soffrer. Deus permitta que sejam só dores physicas, e que não venham as moraes associar-se áquellas. As physicas passarão com os remedios da sciencia e com a florente edade de vossa magestade. O peior será o cuidado dos negocios durante a ausencia de el-rei... A doença de vossa magestade...

— Felizmente não houve por bem el-rei meu senhor deixar-me o cargo d'ellas, interrompera a rainha, claramente desgostosa por isso mesmo. Diogo de Mendonça correrá comtudo, conforme a vontade de seu amo.

— Devemos respeitar as deliberações de el-rei, é certo; mas de melhor aviso andará se deixasse a regencia a vossa magestade, o que fôra mais em harmonia com as nossas praxes, disse o infante.

— Tão desgostoso o traz a pertinaz doença, accudiu o jesuita, que nem se lembrou da regencia do

reino, coitado ! Deus nosso Senhor o melhore, como todos havemos mister.

— Ninguem pode prever até onde chegará o mal, que tão frequentemente accommette a sua magestade ; mas, seja até onde for, conte vossa magestade de commigo para o que de seu agrado seja.

E o infante era todo cortezão, e polido, e delicado nas fallas. Era completamente outro do que tinha por costume ser, elle, agreste, e soberano, e rude mesmo !

— Estranhava-o a rainha, não só pela demora na visita, mas mais e muito mais, pelos requebros e galanterias dos modos.

— Vossa alteza faz-me um grande bem 'nesta visita ; se o soubesse !

— Real senhora minha ! Feliz é o subdito que, cumprindo seus deveres, logra ouvir fallas como as vossas ! Carece vossa magestade do meu valimento ?

— Obrigada senhor infante. Vossa alteza conhece que nada falta á rainha de Portugal, á mãe do successor do throno, á querida dos portuguezes...

Era manifesta a allusão. Transparecia alli o grande desgosto que a minava.

— E Deus permitta, real senhora, accudio o jesuita, que vossa magestade nunca jamais careça das venturas que logra ; que se precisasse, nos leaes vassallos como sua alteza o nobre infante D. Fran-

cisco, a quem Deus guarde como a toda a familia real, encontraria decidida protecção, amparo, defesa !

— Antonio Stieff ! Que diz ? accudira o infante.

— Verdades, que sinto, e que não posso nem devo occultar, ministro indigno da Verdade Summa!

— Eu não devo prolongar mais esta visita a vossa magestade, disse o infante. Não chegaram hoje novas de el-rei meu irmão e senhor ?

— Não ha tempo. Esperamol-as a cada instante, respondera a rainha.

— Oxalá que sejam boas. E valioso serviço me prestára vossa magestade se ordenasse me fossem transmittidas para a Bemposta.

— Vossa alteza sae para a Bemposta ?

— A menos que vossa magestade não ordene o contrario que 'nesse caso ficarei no Corte Real.

— Eu sim ! Nada posso ordenar a vossa alteza, a quem irão, logo que cheguem, as novas de el-rei, respondera a rainha, erguendo-se.

Ahi tem o leitor como progredia a obra dos jesuitas !

O infante D. Francisco, que dantes fazia visitas brevissimas á rainha agora as prolongava como se fôra enamorado amante !

Voltemos ao ponto. El-rei, de quinta em quinta, sem achar descanso em parte alguma, começa fi-

nalmente a melhorar. Em agosto são visíveis as suas melhorias.

Apesar de nova declaração de guerra por parte de Hespanha, motivada em não se haverem ultimado contas entre os dois paizes, D. João V continua a insistir na sua ideia de sair do reino.

Entra setembro, e el-rei modifica seus projectos de commitiva na viagem. Quer apenas levar o infante D. Francisco, o Secretario de Estado, os condes de Assumar, Unhão e Ericeira, e o marquez de Marialva, a guarda de outenta homens, ao todo ainda assim duzentas pessoas !

— Diogo de Mendonça, dizia D. João V áquelle habil politico, já houvestes respostas de Inglaterra e da Hollanda, respeitantes ao emprestimo?

— Hontem chegaram, real senhor. Nem a Inglaterra nem a Hollanda se prestam agora ao emprestimo. Apenas ha um judeu, Samuel Pinto, que se prestaria a fazer tal emprestimo, se lhe punissemos um portuguez, que estivera em sua casa em 1710, e que lhe seduzira uma unica filha que tinha.

— E porque não puniremos esse homem? Porque o não entregaremos ás nossas justiças, dissera o rei com mau modo.

— Porque não é facil, se não impossivel, saber quem esse homem seja, que lá se dissera Marcos de Castro, trocando evidentemente o nome, e cuja

patria ignoramos, e porque, sem provas, que poderia fazer a justiça?

— Mas convem saber quem foi esse portuguez, tornava o rei.

— Conto vir a sabel-o. Pode vossa magestade crer que tomarei providencias energicas e urgentes.

— O Conselho de Estado, que ficou adiado por doença minha, deve ter logar ámanhã ao meio dia, sem falta nenhuma. Quero propor-lhe a minha saída e assentarmos como se governará o reino durante minha ausencia. Mande, pois, convocal-o.

— E com respeito ao senhor infante D. Francisco?

— Ordene-lhe em meu nome á vinda antes do Conselho de Estado; ás dez horas, dissera o rei, dando-lhe a mão a beijar e saindo.

Diogo de Mendonça Corte Real, mandára efectivamente reunir o conselho de estado e escrevera de sua letra ao infante, comunicando-lhe a regia ordem.

Como el-rei recommendára, em maio não se tinha divulgado a intenção da viagem. Porém, ao serem convidados aquelles que do caso já tinham conhecimento, precisaram logo com mais cuidado os pontos vulneraveis do ataque, que ao projecto deviam fazer no Conselho de Estado.

Cabe aqui um reparo: como tomaria a rainha

conhecimento da resolução do marido na vespera do Conselho de Estado ? O conde de Unhão, marqueses d'Alegrete, Fronteira e Abrantes e o duque de Cadaval a ninguem o disseram !

Sabiam-no os jesuitas ! e fôra o confessor da rainha, Antonio Stieff, quem lhe dera a noticia ás nove horas da noite. Quem lh'o dissera a elle ?

Era mais um segredo da Companhia de Jesus, que tudo sabia na sua dupla natureza, que nada ignorava na sua politica muliada !

O plano dos Jesuitas, como o leitor se lembrará, d'aquellea reunião a que assistiu em S. Roque, era insinuar no animo da rainha o infante D. Francisco para futuras eventualidades. O rei podia succumbir a um d'aquelles ataques epilepticos que o arrastavam até ás portas da morte, e dado tão funesto acontecimento, queriam ter preparadas as cousas por modo que o infante, e não a rainha fosse o regente do reino, na menoridade dos filhos, podendo de tal modo desfazer adherencias, vencer obstaculos e acclamar-se mais facilmente rei ou imperador do Brasil.

Mas não lhes convinha que el-rei saísse : fôra do reino melhoraria, dentro poderia morrer...

XV

Derrota de el-rei

Chegára o dia seguinte, assinalado para a reunião do Conselho de Estado. Diogo de Mendonça Corte Real já se achava em seu gabinete ás oito horas da manhã.

Conversa com um homem das nossas relações : ouçamos o que dizem :

— Mas como soubestes essas cousas ? perguntava o ministro.

— Introduzindo no paço do infante um criado de minha escolha.

— De modo que é então certo ter o infante D. Francisco mandado desacreditar em Inglaterra e na Hollanda a el-rei seu irmão, para que lhe não fizessem o emprestimo ?

— É certo : conhece-se o agente.

— Quem foi esse ?

— Pedro José Suppico de Moraes, amigo de sua alteza e seu conselheiro.

— Como se explica, porém, o ter sua alteza conhecimento de um negocio de que só eu e sua magestade tinhamos tratado ?

— Não sei; mas, suspeito dos jesuitas.

— Salvo se sua magestade o disse a algum, ao confessor talvez: mas, esse não revelava o segredo. Emfim, ponderarei o caso, dissera o ministro, continuando: Ainda assim a politica de sua alteza não logrou desacreditar totalmente a el-rei, pois que um judeu de Hollanda, Samuel Pinto, se lhe punirmos aqui um portuguez que lhe enganou uma filha, emprestará a quantia precisa.

— O caso está em sabermos quem esse é, respondeu Luiz Guedes de Miranda Henriques, que outro não era aquelle homem.

— Marcos de Castro se dizia elle na Hollanda em 1710, quando alli fôra tratar negocios, que o judeu não poude conhecer.

— Em 1710? repetiu o senhor de Murça. 'Nesse anno foi a Inglaterra um homem, que podera ter ido a Hollanda tambem. E capaz do feito é elle, com tudo... ignoro ainda o fim de sua viagem.

— Quem é esse homem?

— Ha mais de cinco annos que o busco diligente em laço que lhe armei. Suspeito muito d'elle; e tendo já uns dados de algum valor, não devo ainda pronunciar o seu nome. Um dia será quando a sua perda seja inevitavel, como foi a desgraça de...

— O senhor de Murça está mysterioso! disse Diogo de Mendonça.

— Desconfio que andamos envolvidos em mys-

terios, que não conhecemos. Vós nada suspeitaes de sua alteza o senhor infante D. Francisco?

— Suspeitar, não suspeito; tenho a certeza de sua animadversão para com el-rei. É já coisa antiga, e sabida mesmo.

— Pois eu tenho tambem a certeza de que no Corte Real se tem urdido uma teia, cuja trama não conheço ainda.

— Nem o fim que pretende attingir?

— Esse muito menos desconhecido me tem sido, e é.

— Como suspeitastes, porém, do infante?

— É comprida a historia, Diogo de Mendonça! Eu vol-a contarei um dia. Agora só posso dizer que para muito pensar é uma visita de Lord Galloway ao infante, á meia noite, e com certo disfarce.

— Lord Galloway! exclamára attonito o ministro. Haveis a certeza?

— Absoluta, respondeu o senhor de Murça, como a tenho de que não saio do Corte Real por onde entrará.

— Mas havendo vós um domestico ao serviço do infante por elle poderemos saber tudo.

— Tudo não é facil, porque não tem entra-dada nos mais intimos negocios de seu amo, e só com espionagem grande, que o pôde trahir, é que poderemos alcançar muito em pouco tempo. Mas fi-

cae já sabendo que 'naquellea noite reuniram diversos individuos em casa do infante, a tão adiantada hora da noute.

— Muito bem; cuidaremos, pois, de descobrir o que pretendem esses, ou antes, o que quer sua alteza. Trabalhae, Luiz Guedes, que eu farei o mesmo.

— Isso farei; mas chamo vossa attenção para os Jesuitas, para os Jesuitas, dissera Luiz Guedes.

— Mui desconfiado andaes com a Companhia!

— E com razão; se não, dizei-me: quem poderia communicar a sua magestade a rainha a causa do Conselho de Estado, que logo reune?

— Pois ella já o sabe? exclamou o ministro attonito e desconfiado.

— Desde hontem á noute.

— E como o sabeis? perguntára o ministro.

— Disse-m'o a marqueza de Santa Cruz.

Diogo de Mendonça Corte Real, o poderoso ministro, precursor de Pombal, ficára a scismar 'naquelleas novas que lhe dera o senhor de Murça, e este, despedindo-se, saíra preoccupado ainda com a ideia de casar Suppico com a irmã, ou de o punir severa e asperamente.

No grande gabinete de trabalho do ministro, ao soarem dez horas da manhã entra el-rei D. João v com o velho marquez d'Alegrete.

— Bom dia, Diogo de Mendonça, disse o monarca, entrando, dando-lhe a beijar a mão, cerimonia que D. João v não protrahia no seu orgulho de rei absoluto, e sentando-se familiarmente na grande poltrona de despacho do-ministro, e delle proprio. — Foi avisado o infante D. Francisco, meu irmão.

— Eu proprio lhe escrevi.

— Então já aqui devia estar, disse o rei.

— Sua alteza fôra para a Bemposta havia tres dias, respondeu Corte Real, de modo que não deverá tardar, e vossa magestade perdoar-lhe a demora que tiver, que longa não pôde ser.

— Diga-me cá, Diogo de Mendança, como soube sua magestade a rainha da minha resolução? Quem lhe communicaria o meu projecto e com taes cores que muito irritada a tem?

— Não sei, real senhor, e admiro-me algum tanto, disse o ministro, occultando o conhecimento que do facto já tinha.

— Teremos espiões no paço? Devem ser cautelosos!...

Chegava o infante D. Francisco. Annunciada a sua vinda, foi introduzido perante D. João v.

O infante era de robusta estatura, levemente trigueiro e severo nas feições. Entrando, foi-se ao irmão, curvou-se para lhe prestar o signal de respeito no beija-mão. D. João v tomou-lhe a mão,

ergueu-o, levantando-se, e dizendo-lhe com um sorriso nos labios :

— Já esperava a sua alteza ; assentemo-nos.

O infante assentou-se á esquerda do rei, e Diogo de Mendonça e o marquez dispunham-se a sair quando el-rei lhes disse :

— Ficae, que segredos não tenho eu para meu muito amado irmão, o senhor infante.

Os dois sentaram-se em escabellos proximos.

— Convidei a vossa alteza para vir aqui a fim de...

— Desculpe-me vossa magestade, eu fui intimidado e não convidado, dissera o infante, muito grave no aspecto.

— Intimação ou convite o mesmo exprimem, sem que houvesse dupla intenção no essencial, lhe redarguiria D. João v. Pedi a vossa alteza viesse aqui para lhe participar a intenção que tenho de viajar no estrangeiro e para o convidar a acompanhar-me.

— Surprehende-me tal deliberação de vossa magestade, tão subitamente tomada e em tal occasião !

— Depois do tratado de paz qualquer occasião é boa, respondeu D. João v, visivelmente doido da admiração do infante.

— Por mim digo a vossa magestade que não tenho agora meios de acompanhar vosso sequito,

e com respeito a vossa magestade entendo que melhormente avisado andaria cuidando do bem estar dos vassallos e da felicidade publica, que tão duvidosa é:

— Não chamei aqui a vossa alteza, disse a o rei, exaltado bastante, para lhe pedir conselhos e para lhe ouvir contrariedades. Futil pretexto é esse de meu irmão, quando diz que não tem meios para me acompanhar! E quanto ao mais que me diga respeito nada tem com isso vossa alteza, senhor infante D. Francisco.

— Perdoe-me vossa magestade, redarguiu o infante, que na qualidade de irmão e de vassallo me cumpre advertir a el-rei dos inconvenientes de tal projecto. A casa do infante D. Francisco não tem meios, repito a vossa magestade, para ostentosas despezas por essa Europa, e da de el-rei, meu senhor e meu irmão, sei eu que no mesmo caso está. Os cofres do Estado não tem real, ha pouco rebuscados de Diogo de Mendonça por ordem vos-sa. Melhor andaria, pois, vossa magestade cuidando da administração de sua casa do que de um projecto de ostentação de grandeza, que não existe. Os milhões do Brasil espalha vossa magestade com liberalidade grande, por certo para muito louvar, se não fôra prejudicialissima ao reino. Desculpe-me vossa magestade, mas eu não posso ir.

Uma linguagem d'esta ordem, como o leitor deverá imaginar, tinha espantados ao marquez e ao ministro, e na pessoa de D. João v, já irritado, tinha ido produzido uma exaltação cada vez maior ao modo porque o infante crescia de vehemencia na resposta atrevida.

— O infante esquece o logar onde está e a pessoa a quem falla? dissera o rei, erguendo-se ameaçador.

— Nem uma cousa nem outra me esquecem: cumpro o meu dever, dissera D. Francisco.

— E el-rei cumpre o seu, ordenando ao infante que se prepare para me acompanhar, e impondo-lhe silencio immediato!

— Sinto dizer a vossa magestade que nem o posso acompanhar nem posso impor-me esse silencio. O infante D. Francisco é tambem aqui o Prior do Crato, respondera o infante, com apparente tranquillidade.

— Marquez d'Alegrete! Acompanhe o senhor infante ao Corte Real, onde custodiado se conservará á minha ordem. Senhor infante D. Francisco! entregue-me a sua espada!

E el-rei dera para elle dois passos, 'numa exaltação grande. Junto do infante se achavam já o marquez e o ministro, para evitar algum destempo do infante, quando esteolveu socegado a el-rei;

— Socegue vossa magestade, meu rei e senhor, e meu irmão tambem. Só por tres couzas me pôde vossa magestade prender ou mandar : homicidio, furto, ou roubo, e esta espada que me pede lhe não entrego eu pelos privilegios que tenho de el-rei D. João I e Bulla de Leão X, a menos que vossa magestade me não force a fazel-o comminando-lhe logo excommunhão *latae sentenciae*.

— Senhor, disse então o marquez d'Alegrete, peço a vossa magestade haja de serenar seu animo, que bem ponderado tudo, possivel é que não haja sem razão em vosso augusto irmão, o senhor infante, como a não ha el-rei nosso senhor.

— Senhor infante, peço a vossa alteza um pouco de reflexão, dizia por sua parte o ministro ; vossa alteza em seu louvavel zelo pelas couzas publicas toma calor de expressão, que muito irrita a el-rei : attenda-me, senhor infante ; brandura, brandura.

— D. João V mais irado ficára com a resposta do irmão, e ultrapassaria sem duvida os limites da dignidade real se não fôra o marquez d'Alegrete, que o levára a ver mais friamente as rasões do irmão.

Na verdade, o infante evocando os privilegios da Ordem de Malta, cuja era Prior do Crato e grão Mestre em Portugal, acobertava-se legitimamente á sombra d'elles ; mas, o rei era teimoso

naturalmente e reinava como absoluto monarca, que nunca jámais consentira na convocaçāo de cōrtes, defeito que a posteridade, na critica do seu governo, lhe não perdoa. Tão hostil contrariedade ninguem lhe oppozera nunca, de modo que, considerando abatida a soberania regia dian-te d'aquellas respostas do infante perdera o ne-cessario sangue-frio, chegando a ordenar a prisão e desarmamento do Prior do Crato.

Serenando, porém, e porque a hora do Conselho de Estado não vinha longe, preparou-se para sair dizendo apenas ao irmão :

— Convido vossa alteza a pensar mais na exi-gencia, que nada tem de inexquivel.

— E saiu, um pouco abruptamente, com o mar-quez d'Alegrete.

— Vossa alteza foi aspero, senhor infante, para com el-rei, disse Diogo de Mendonça, que ficára com D. Francisco. Tambem eu sou de contraria opinião á saida de sua magestade, mas não ouso encontral-o tão directamente.

— Tenha meu irmão paciencia : não me desse par-te de sua viagem nem me consultasse. Detesto a dobrez e digo o que sinto em todos os logares e tempos.

— É essa uma das virtudes de vossa alteza, se-nhor infante... mas, casos ha, em que devemos occultar algumas cousas. Vossa alteza o terá feito

já, dissera com manifesta intenção o habil ministro.

— Sim, algumas vezes; não digo que não.

— Com efeito, eu no caso de vossa alteza teria sido reservado, conseguindo de tal modo melhormente o meu fim: especialmente tendo já vossa alteza conhecimento da intenção de el-rei.

— É falso! Eu nada sabia, respondera o infante.

— Veja, pois, vossa alteza como são calumniosas as fallas que chegaram aqui. Soube-se que vossa alteza mandará um agente secreto a Londres e a Amsterdam, a fim de impedir o empréstimo que 'naquellas praças intentava levantar sua magestade.

Denunciára-se o infante no rubor que lhe tingiu o rosto, e respondera:

— Destituida de fundamento é tal noticia. Pois se el-rei, meu irmão, só hoje divulgou seu plano, como poder eu, ou alguem, haver conhecimento de tal projecto?

— Eu, por mim, confesso não saber ainda como este negocio, tão íntimo de el-rei, se divulgou. Hei-de sabel-o, com tudo, e mui brevemente,

— E sua magestade já tem conhecimento destas cousas? perguntára o infante.

— Ainda não, por fortuna de muitos, que tão cioso anda sua magestade da sua ideia, e tanto insiste na realização d'ella, que fôra muito para receiar a reação de tal contrariedade.

— Sua magestade el-rei, meu irmão e senhor, dissera o infante, ha de desistir da viagem por força de circumstancias. A oposição no Conselho de Estado; a falta de meios, e a sua doença, cada vez mais grave; accrescendo a tudo o estado interessante de sua magestade a rainha, hão de por justa conspiração, demovel-o a esquecer a viagem.

E assim fallando, o infante D. Francisco despedira-se de Diogo de Mendonça; e, sem sair dos paços da Ribeira, entrára no Corte Real, sua usual habitação em Lisboa.

Aqui fará o leitor um novo reparo: Se o infante D. Francisco mirava de ha muito a desmembração do Brasil, e buscava opportuna occasião de levar a effeito a empreza audaz, parece que excellente a haveria na saida do irmão para fóra do reino; não se devendo, por isso, oppor áquelle projecto.

'Nessa hostil manifestação estava exactamente o disfarce; por que bem conhecido do infante e dos Jesuitas o caracter pertinaz de D. João v, claro está que, quanto mais contrariado melhor seria para a causa d'elles; porque o rei, a fim de mostrar o seu poder e a unidade do seu caracter, em lucta com todos os pareceres, poria em practica a sua obra. E quando para isso não houvesse quem lhe emprestasse dinheiro, resolvido estava a empenhar a casa de Bragança para o haver.

O que se passaria no Conselho de Estado? nos perguntará agora o leitor.

Grande oposição soffreu alli o projecto de el-rei. De parte os votos de poucos, as demais opiniões foram contrarias. O cardeal da Cunha foi de todos o mais cruel adversario do projecto.

Depois que o infante saíra o mesmo fez o secretario d'estado. Na antecamara d'el-rei estavam reunidos grande parte de seus membros, quando Diogo de Mendonça chegou.

Pelo marquez d'Alegrete, que estava de semana, se deu parte a el-rei, o qual os mandou entrar cada qual por sua vez e sua ordem, segundo as preferencias.

Estavam presentes o cardeal da Cunha e o arcebispo de Lisboa, os duques de Cadaval, pae e filho, os marquezes das Minas, Fronteira, Abrantes e Cascaes, e os condes dos Arcos, da Calheta de Unhão, de Castello Melhor, S. Vicente, Villa Verde, Aveiras, Avintes e o conde Meirinho-mor, D. Manoel Mascarenhas.

A camara em que el-rei recebia o Conselho d'Estado dava por suas janellas para o pateo da capella, e era admiravel nos quadros, e nas tapeçarias de ouro, prata e velludo e nos damascos e sedas.

Feita a venia do estylo, el-rei se assentou, conviendo o Conselho a fazer o mesmo.

— E' simples, disse o rei, o negocio para que vos convidei 'nesta reunião.

— Por fortuna do reino ás guerras da acclamação e da successão, continuadas quasi sem intermission desde o reinado de meu tio e de meu pae, que santa gloria hajam, poude o meu governo pôr o tão desejado fim. Nòva era de prosperidade publica brotará agora para todos, graças a esta paz e á fertilidade dò Brasil, que parece desentranhar-se em abundancias no reinado, que á Providencia aprouve ser meu.

— Fere-me, ha tempos, infelizmente, uma pertinaz doença, que desejo curar conforme ao bem estar de todos, e para isso resolvi sair do reino por um anno, a fim de que os ares novos e a Virgem Nossa Senhora do Loreto, a quem fiz uma promessa de a visitar, me restituam a minha antiga saude. Cumprindo-me dar parte ao Conselho d'Estado para com elle concertar a forma de governo do reino, na minha auzencia vos convidei para esta reunião. Tal é o fim que nos reune aqui.

— Simples chama vossa magestade ao negocio exposto ! Senhor ! Dos mais graves o considero eu, dissera primeiramente o cardeal da Cunha. Se antes do concerto que vossa magestade propõe, para administração do reino em vossa auzencia me for acolhido um voto de portuguez leal, direi que vossa magestade não deve agora saír de Portugal.

Tempo virá em que, sem perigo algum e com mais esplendor do vosso nome e do nosso, vossa magestade possa viajar. Presentemente voto contra.

— Vossa eminencia falla ahi em perigos ! Que perigos ? perguntará o rei, contrariado.

— Perigos que se não conhecem ainda, que são os peiores dos perigos, accudiu o duque de Cadaval, o pae.

— Perigos que se não conhecem, respondeu o rei, perigos serão ou virão a ser, mas não o são.

— Senhor rei, disse o marquez d'Abrantes, de sista vossa magestade de tal viagem, ao menos agora, no que dará uma prova de mui avisado e de bom portuguez.

— Faço a vossa magestade o mesmo pedido, disse o marquez de Fronteira.

— Mas senhores do Conselho, que perigo é esse que tão cuidadosos vos traz ? perguntará o rei. Conheçamol-o todos para todos o combatermos.

— Como o symbolo da falsa divindade india, respondera o cardeal, pode ser o perigo, que antevemos, nas varias faces que tiver... A Hespanha não assentou formalmente comnosco à paz ; sua magestade a rainha entrou em periodo grave de doença ; o reino, como um doente ao cabo de larga enfermidade, mal entrado em convalescência, carece de socorro grande. Uma recaida pode-lhe ser fatal. Considere vossa magestade estes males.

— Alem d'essas razões, accudiu o conde de Avintes, outras ha mais importantes, que muito devem ser consideradas de vossa magestade: são ellas a falta de meios que temos, e...

Suspendera-se o conde. Allusão faria elle, talvez, se continuasse, á conspiração do irmão de el-rei para a independencia do Brasil, segredo que bem conhecia, como o leitor lembrará.

— Se vossa magestade me pôde crer sincero o voto, disse por sua vez o conde dos Arcos, não pense vossa magestade por enquanto 'nessa viagem.

— É notavel, disse o rei, visivelmente contrariado, mas dominando bem o desprazer e a situação, que eu não haja um voto favoravel 'neste Conselho!

— Eu já manifestei a vossa magestade o meu assentimento em particular: aqui o ratifico, dissera o marquez de Alegrete.

— É por vossa magestade o meu voto, accudira o conde de Unhão. Sem embargo de não ser esta a melhor occasião, não vejo perigo nenhum na saída de vossa magestade.

Algumas opiniões mais houve pró e contra. D. João V, não querendo apresentar uma oposição á maioria dos pareceres contrarios, disfarçou apparentemente a inabalavel resolução que tinha, dizendo apenas:

— Pois se o bem estar do reino exige o adiamento da minha saída, conforme vossas prudentes considerações, sobreestarei no caso por agora, e mais tarde realizarei o voto que fiz á Virgem do Loreto, dissera, porfim D. João V.

Admirados ficaram os conselheiros de Estado com tão pacifica resposta de el-rei, teimoso por genio e por abuso do poder que tinha.

Terminado o Conselho de Estado, que tão breve e socegado foi, el-rei chamando de parte na saída ao conde de Avintes pediu-lhe para ficar.

Diogo de Mendonça, que se abstivera de fallar, era de todos aquelles homens o que melhor sabia que D. João V por politica pura e simples os não quizera contrariar, estando resolvido, deliberadissimo a sair do reino. Conhecia-o melhor.

O convite feito ao conde de Avintes tinha um fim reservado, que um dia poderemos conhecer.

XVI

Congela a conspiração

Dias depois dos narrados acontecimentos tinha logar no palacio do Corte Real uma scena, que passo a descrever.

No gabinete de leitura do infante, sala bastante espaçosa e mobilada com riqueza, na qual avultava uma grande estante com livros, a maior parte sobre nautica, de que o celebre infante se dizia entendido, estavam este e Suppico de Moraes. Mapas geographicos nas paredes, uma grande esphera armilar e outros instrumentos nauticos ornavam as mezas.

O infante D. Francisco, pretenciosa sombra do grande D. Henrique, que sobre as rochas de Sagres, medindo o ceu e os astros, e circumvalando a esphera nos audaciosos voos de sua intelligencia, preparára a immortalidade de seu nome e fama eterna do valor portuguez, meditava o desmembramento do reino da descoberta de Pedro Alvares, consequencia do impulso arrojado do sabio filho de D. João I!

Heroico portuguez, que buscava nos mappas a estrada das naus que rasgaram com suas quilhas e sondas os virgens mares, para ir arvorar nas terras de Santa Cruz o pendão da revolta!

— Suppico de Moraes! dizia o infante, que novas trazeis de S. Roque?

— Desfavoraveis a vossa alteza são as noticias do Brasil. O marquez d'Angeja não quer annuir ao plano.

— E as tropas? E a segunda linha?

— Estão divididas, ou antes, sem commandantes, respondera Suppico.

— Mas os jesuitas teem dito que tudo alli era por nós!

— O poder da Companhia no Brasil é no sertão, exerce-se nos indios selvagens: fóra d'aquellas virgens terras, nas cultas e já mais ou menos policiadas é menor por em quanto.

— Quer isso dizer que nos correm avessas as coussas alli?

— Tanto não direi, respondera Suppico.

— Avessas, sim; pois que não poderemos lá tentar um desembarque sem o auxilio da Inglaterra ou da França, e nenhuma destas potencias, por em quanto, pôde entrar na liga que propuz.

— Tanto as não acho eu avessas que sou de opinião que vossa alteza deve quanto antes realisar o plano. Se a Inglaterra e a França por agora

não podem ou não querem ligar-se com vossa alteza, ahí temos a Hespanha que o fará por vantagens proprias; e quando esta mesma não queira associar-se resta-nos a Hollanda atrevida, que alli tem querido pôr pé seguro, e o não tem podido conseguir.

— Poderemos iniciar a tentativa mais facilmente com a Hollanda do que com a Hespanha, é certo, mas tudo o que não fôr alliance com a Inglaterra pouca segurança e garantia nos dará, visto que Portugal, se vir um dia desfraldada a signa da independencia no sul da America buscará logo uma alliance, forte nos mares, com que nos dará caça rija á nascente dynastia.

— Teremos então de ensarilhar armas presentemente? perguntára Suppico.

— De modo nenhum, accudiu o infante.

— Então eu partirei quanto antes para Madrid e alli proporei as bases do contrato que vossa alteza me indicar.

— E', porém, necessario prestar grande atenção ao modo por que iremos caminhando 'nesta estrada escorregadia.

— Que quer dizer vossa alteza?

— Que nos é preciso o maior segredo na prosseguição. O Secretario de Estado já sabe que estorvámos o emprestimo na Inglaterra e na Hollanda, e creio até que já conhece o agente.

— Que diz vossa alteza?! volveu Suppico admiradissimo.

— Diogo de Mendonça fallou-me 'nisto como a quem sabia do caso, e eu neguei-lhe formalmente que tivesse conhecimento do facto.

— E el-rei sabel-o-ha? perguntára o Suppico descontente.

— Suspeito que sim. Diogo de Mendonça retrahiu-se, não dizendo tudo, dissera o infante.

— É grave essa noticia! senhor infante.

— É sim; porque demais, ha na Hollanda, em Amsterdam, um tal Samuel Pinto, que promette fazer o emprestimo, logo que a justiça de e-lrei lhe descubra o seductor de uma filha e lh'o faça punir. Parece ser portuguéz.

— Senhor, vossa alteza aturde-me!... exclamou Suppico de Moraes, perdendo a côr, e visivelmente turvado. Mas será isso buscar uma agulha em palheiro, se não houverem dados precisos.

— Não sei; mas vejo a necessidade de sermos mui cautos, como antevejo já a possibilidade de algum espião... Não te lembras de Lord Galloway entrar aqui aprehensivo de um pobre singular que lhe pedira esmola á porta desta casa?

— Recordo-me, e é possivel... porque...

— É possivel, porquê? perguntára o infante.

— Porque a mim aconteceu já um caso que não me lembalaria, se não fosse o ser-me recordado por

esse facto. Quando eu saía de me avistar com o secretario da embaixada ingleza á esquina da travessa dos Remolares antes de sair para Inglaterra, tropecei 'num homem, que de proposito me armára a sancadilha, talvez por me conhecer. No escuro da noite não lhe pude ver as feições; e quando eu depois de erguer o chapeu, que me saltára da cabeça, o busquei já o não descobri.

— É possivel então haver alguma cousa, disse-
ra o infante, ficando-se a meditar nos factos.

— Mas como se poderia desconfiar de nós? per-
guntava Suppico, sem bem saber se o fazia a si
se ao infante.

E ambos se ficaram cogitativos, como tentando
descobrir alguma cousa 'naquelle campo de tanta
escuridão ainda.

Pois enquanto elles cogitam entremos nós, leio-
tores benevolos, nos paços da Ribeira. Penetremos
no *quarto forte*, residencia da rainha, que dá para
o Terreiro do Paço.

Na antecamara de sua magestade está esta, com
a marquezza de Santa Cruz e com o infante D. Ma-
noel, irmão el-rei. Sentados, conversam a rainha
com aquelle infante, o mais prestimoso dos irmãos
de D. João v.

— A saida de el-rei é inevitavel, senhor infante,
como o serão os grandes males que d'allí advirão.
Ha um meio, senhor infante, de se obstar á saida

fatal, e só vossa alteza o pôde empregar? dissera D. Marianna d'Austria.

— Eu!! exclamou admirado o infante. Eu, o menos querido de el-rei?

— Exactamente, vós, e por isso mesmo.

— Explique-se vossa magestade, disse o infante, ancioso por saber que meio fosse aquelle de que fallára a rainha.

— O Conselho de Estado oppõe-se a que el-rei saia do reino, ao menos agora. Assim, para que sua magestade possa sair, forçado será a fazel-o sem a approvação d'aquelle corpo moderador. Se houver agora quem realise, antes d'el-rei e sem sua licença, uma saida do reino, tem conseguido o fim desejado. El-rei não sairá, dissera a rainha.

— Descortino em parte a vantagem do plano; mas queira vossa magestade desvendar-me o resto, pediu o infante D. Manoel.

— Saindo vossa alteza do reino sem licença de el-rei, e apenas com letras minhas para o imperador, meu irmão, claro é que não aprovando sua magestade a vossa saida, impossibilitado ficará de querer para si o que reprova nos mais, e não sairá do reino.

Ficára meditativo o infante por alguns segundos. Depois, respondeu resoluto:

— Submetto-me ao plano de vossa magestade.

— Obrigada, senhor infante. Segredo agora, e quanto antes em practica o plano.

— Comtudo, eu não deverei ir só, e bem é combinar-mos que pessoas me deverão acompanhar, disse D. Manoel.

— Os creados de vossa casa, senhor infante, avisados unicamente de vespera e em segredo.

— Não será facil que tantos o guardem. Antes me parece levar apenas a Manoel Telles da Silva, filho do conde de Tarouca, que lá está na Haya, e mais dois criados, respondera o infante.

Tão bem conduzido foi aquelle negocio que no dia 4 de novembro d'aquelle anno de 1715, em um patacho inglez *Tany*, do commando de Marsham que saia para Hollanda, deixava a patria o infante D. Manoel acompanhado de tres homens apenas, e na idade de pouco mais de dezesete annos.

Espalhada a nova, mandou logo el-rei sair do Tejo uma fragata de guerra ingleza, com o marquez de Marialva, D. Diogo de Noronha, a fim de lhe dar caça, e expediu para as provincias ordens de prisão contra o infante.

Era tarde. O navio de vela fizera-se ao largo, e com vento de feição velejava para a Hollanda. Estava satisfeito o plano da rainha. D. João V reprovava formalmente a saída do infante, e não podia airosamente depois louvar em si um acto que reprovava no irmão.

Era mais um obstaculo á saída.

Ao cabo de dezenove dias de trabalhada viagem desembarcava o infante em Amsterdam, onde foi recebido conforme quem era, pelo conde de Tarouca.

Apresentado ao imperador d'Austria, sem que fosse possivel ninguem demovel-o do seu plano marcial, entrou no exercito ao serviço do principe Eugenio, e no dia 5 d'agosto de 1716 realizava o seu sonho de ha muito, entrando valoroso na batalha de Peterwaradin contra o turco atrevido.

Ferido na trincheira de Tumeswar entrou em Belgrado depois da grande batalha, e ao cabo de um periodo, cuja narração não vem para aqui, voltou á patria, onde foi bem recebido.

D. João v viu-se obrigado por força de circunstancias a desistir do seu projecto de viagem, voltando sua attenção para algumas obras, que melhormente o passariam á posteridade, cognominado de *magnifico*. Mafra surgiu do solo á sua voz, e depois d'ella o aqueducto das Aguas Livres ; este, util a Lisboa, aquella, inutil até á religião de Christo, que é toda caridade e desprendimento de mundanas posses.

Pelas contrariedades que vimos terem surgido ao plano do infante; pelo cuidado que lhes foi mister empregar para d'allí por diante avolumarem a conspiração, sem serem descobertos os cons-

piradores, o negocio correu morosamente, sendo as reuniões ora na Bemposta, ora em Santo Antão ou S. Roque, e algumas vezes em Samora Corrêa.

Decorreram cinco annos. Luiz Guedes de Miranda Henriques, que buscou debalde durante dois annos, e em quanto el-rei de todo não perdeu a ideia de viajar, o seductor da filha do judeu Samuel Pinto, desistira do empenho, como o despresára também Diogo de Mendonça, que, no intuito de agradar ao rei, tivera empregado alguma diligencia em descobrir o seductor.

— Voltará, porém, o senhor de Murça suas atenções para a irmã e para o seductor d'ella. A ideia de um reparo áquella victima de Suppico não lhe saía da mente.

Buscou um dia a Pedro José Suppico de Moraes, que tinha sua moradia no palacio do Corte Real, e enviou-lhe a dizer quem era e que lhe queria falar.

Suppico mandára-o entrar, e recebera-o na livraria do infante, onde aquelle singular escriptor, ou, melhormente collector, preparava para a imprensa a primeira parte de seus aforismos celebrados. Assentaram-se.

— Venho por ultima vez, disse o senhor de Murça, propor a Pedro José Suppico de Moraes a reparação e pagamento da divida que deve a Isabel.

— O senhor de Murça, respondeu com frio sor-

riso o criado do infante D. Francisco, já devia estar desenganado de que é um impossível a realização de suas ideias. O sangue dos Moraes não se pode junctar com sangue de pretos. Andará louco o senhor de Murça?

— Não anda. O sangue de Isabel é tão nobre como o vosso: Isabel é minha irmã, respondeu Luiz Guedes.

— Vossa irmã! Essa é nova e melhor! Pois... felicito o puro sangue da casa de Murça, disse com sarcasmo, e com sorriso zombeteiro, Suppico de Moraes.

— E' melhor sorrir menos e responder com mais aviso, disse Luiz Guedes, erguendo-se levemente exaltado, e aproximando-se da mesa que os separava. — Paga ou não paga o illustre Suppico de Moraes à dívida de honra que deve á mulher a quem perdeu?

— Sae, ou não sae já d'esta casa o senhor de Murça? respondeu Suppico, tirando de uma gaveta, aberta d'ante mão, um par de pistolas e apontando-lh'as.

— Sae, sem vos temer, que sois um covarde incapaz de usar d'essas armas! Um poltrão! a quem não esmago a cabeça como a vibora, porque estou na casa alheia.

— Fóra! fóra! exclamou desesperado Suppico de Moraes.

— Quereis então guerra? Pois guerra vos farei, até á morte!

E o senhor de Murça, socegado como quem não vê, nem pensa em perigo algum, antes de sair aproximou-se ainda da mesa, que os separava, como para lhe dizer uma derradeira cousa.

Fóra! ou vos mato! bradou com voz forte o amedrontado Suppico, receiando que Luiz Guedes corresse a elle e o desarmasse.

Áquelle brado de: *Fóra! ou vos mato!* viu o senhor de Murça desviar-se por detraz de Suppico um reposteiro, e sair d'alli rapido, d'un pulo, a um homem vigoroso, que pondo-se exactamente détraz de Suppico, sem este o presentir, cravou a vista em Luiz Guedes de Miranda Henriques, e tomou a attitude que deverá tomar o leopardo antes do salto á sua presa.

— Não matais, porque sois um fraco e um infame! repito, disse Luiz Guedes.

A afronta era para perder a um santo. Suppico levanta repentinamente os braços, aponta e desfecharia no senhor de Murça se mais rapidamente se não sentira manietado pelo homem, que lhe saltará a cima e lhe prendera os braços atraz das costas!

Uma das armas desfechou ainda cravando a bala no pavimento, tão grande fôra o perigo e tão rápida a aggressão!

Luiz Guedes corre a Suppico, tira do bolso um

lenço, ata-lh'o á cabeça, estrebuxante por conhecer a quem o prendera, arranca-lhe das mãos as pistolas, e, tomado o logar do leopardo humano, que o prendera, dá tempo a que o homem saisse por onde entrára, ficando elle.

Leva o aturdido Suppico as mãos á venda, que arranca, olha, e vê o senhor de Murça de costas para o reposteiro apontando-lhe ao peito e á queima roupa a pistolla carregada.

Pedro José Suppico de Moraes soltou então um rugido medonho, um grito que não parecia sair de um peito humano, e correu como um louco na direcção da outra porta da livraria, por onde desapareceu.

'Nisto entrava de novo o homem que livrára da morte ao senhor de Murça.

— Sáia já !

— O infante ?

— Está na Bemposta ; mas sáia já !

Luiz Guedes pousou sobre a mesa a pistolla carregada e saiu apressadamente com aquelle homem.

XVII

Assassinato ou suicidio?

Guerra de morte declarára o senhor de Murça a Suppico de Moraes. Por sua parte o seductor de Isabel, não devera redigir menos sanguinarios os seus artigos de guerra e de extermínio.

Luiz Guedes de Miranda Henriques devota-se alma e vida a descobrir a conspiração. No paço do infante D. Francisco já elle tem um espião, como sabemos, e valente e decidido que elle é!

Faltava-lhe um no Collegio da Companhia.

Antonio Serra, seu afilhado, esperto e turbulentto rapaz, foi logo escolhido para ir ser em S. Roque mais um noviço. Preparadas as cousas, Antonio Serra entrou na Companhia, industriado convenientemente, como convinha. Nos estudos habil, nas provas do noviciado soffredor e paciente, Serra promettia ser distineto filho de santo Ignacio.

Deixemol-o lá, ao novo solipso, e vamos até Salvaterra, onde se acha o infante, e para onde partiu Suppico de Moraes, no mesmo dia em que foi visitado do senhor de Murça no Corte Real.

A sós, na camara de sua alteza Suppico dizia a seu amo :

— Senhor infante, venho dár parte a vossa alteza de um caso singular que já hoje me succedeu no Corte Real, e que me veio trazer a certeza de que o secretario d'estado, Diogo de Mendonça, já tem um espião em vossa casa. Já se desconfia de nós.

— Como foi isso ? perguntára o infante.

Narrou Suppico de Moraes a visita, o fim, e o desfecho da entrevista com Luiz Guedes, e concluiu que forçosamente fôra agarrado por alguem do paço, que não pôde conhecer, pelo cuidado que nisso pozera o senhor de Murça, vendando-o para o homem fugir.

— Não pode ser, disse o infante ; no paço ninguem ha que nos mereça suspeitas. Luiz Guedes entrou acompanhado de alguem, e esse foi o que vos salvou no momento do perigo.

— Entrou só, senhor infante : da guarda o soube, que me affirmou ter elle entrado e saído só.

— Então é possivel, dissera o infante; mas quem poderá ser ?

— Pela fortaleza dos braços que me prenderam lembro-me do cosinheiro de vossa alteza, que é robustissimo.

— Nada, respondera o infante. Como concebeis que o cozinheiro alli se podesse achar a uma dis-

tancia tão grande da cosinha? O Luiz da Costa, o Roque da Silva, o Manoel Corrêa são criados da maior confiança. Realmente, é caso singular, disse o infante.

— Só se fosse algum dos tudoscos da guarda para aquelle fim comprado pelo senhor de Murça, aventará Suppico.

— Admitte-se com dificuldade, pelo perigo que corria essental, dado que fosse descoberto, respondeu o infante.

— O que se vê, porém, de tudo isto é que podemos ser espiados de perto, embora não saibamos por quem, e que nos é conveniente haver muita cautela d'oras avante.

— Pois havel-a-hemos. Não mais teremos reuniões no Corte Real, mas aqui em Samora, e, quando mais perto, na Bemposta. Mas, dize-me: como é Luiz Guedes irmão da mulata? Não se conhecia tal parentesco.

— Não o posso dizer a vossa alteza, porque o não sei. Luiz Guedes era um pretendente á belleza de Isabel, desde que eu e elle primeiramente a vimos. Repulsado por mais de uma vez é possível que agora seja amante della.

— Irmão e amante, não concebo muito bem, objectou o infante.

— É possivel, ainda que não muito vulgar... respondeu Suppico.

— Antes creio que algum segredo de familia exista ahi. Ha tantos mysterios na vida... disse o infante.

— Assim é: quem dirá no futuro que o senhor D. João da Bemposta nascesse de uma mulata?

— Alguem o poderá dizer, accudiu o infante; porque existe ainda a mãe. E, se bem que de poucos conhecida, é possivel que algum genealogista se incumba de esmiuçar estas cousas... e de passar á posteridade o segredo.

— O senhor D. João já não tem feições mulatas, de modo que se affastassemos essa mãe...

— Sim, pode ser, disse o infante; dou-te carta branca para o conseguires.

— Vossa alteza dá-me carta branca para que desapareça Isabel?

— Dou, certamente. Melhor é que meu filho não tenha mãe e o senhor de Murça uma irmã.

— É Suppico de Moraes um fantasma, e Luiz Guedes um pretexto... terminará o aforismatico auctor. Com respeito a meios, porém...

— Empreguem-se os precisos, respondera o infante caçador.

Este dialogo passava-se em um retirado aposento de sua alteza nos paços de Salvaterra, era alta noite.

Resplandecia sinistro jubilo o rosto de Suppico de Moraes.

Este homem, lido abundantemente nos auctores antigos e modernos, achára por lá maximas para tudo provar bem co honestado. Da eschola cynica lhe calavam no animo os preceitos. Sem respeito ás leis que regulam a humanidade no estado social, Suppico era o homem da mentira sempre nos labios, do sorriso sempre traidor, das fallas sempre embaidoras. Não conhecia a fé dos contractos, a religião da castidade domestica, nem amizade nascida da sympathia, e da obrigação. Mas fallava algumas lingoas, escrevia e primava por bons ditos. Tinha espirito, como hoje dizemos.

Para que mais descrever-lhe o moral ? O physico, conceba-o cada qual como entender....

— Não posso retirar ainda hoje porque adiantada vae a noute, dizia Suppico; mas sairei ao romper do dia. Diga-me vossa alteza o que pretende ?

— Que me envies o creado Manoel Corrêa, que atira bem, e me é preciso 'numa caçada que premedito. Irá uma carta minha para Luiz de Gonzaga, a qual vou escrever e ficará sobre esta mesa. Quanto ao mais, o maior disfarce.

Despedidos, o infante ficou escrevendo ao jesuita, e Suppico foi descançar para no dia seguinte voltar a Lisboa.

Emquanto isto se passa tem Luiz Guedes visitado a irmã, na mesma travessa do Pé de Ferro.

Já não vive a negra Jacintha. Foi achada mor-

ta no leito um mez havia. Isabel era servida de uma creada, e algumas vezes alli a vizitava o irmão, Paulino, o mesmissimo bragante, que já conhecemos.

— Então estás mais conformada com a perda de tua mãe, não é verdade? perguntava o senhor de Murça.

— Mais. Pois que hei de eu fazer?

— Bom é. Continúa tu a viver honestamente, minha irmã, que ainda é possivel uma reparação.

— Reparação! Para que? se a maior das reparações para a minha alma é um impossivel! Sou uma desgraçada mais para lastimar aqui, na capital do reino, do que se nascera na Africa occidental, e alli vivesse.

— De que reparação fallas tu, Isabel? perguntára Luiz Guedes.

— Da soledade de minha alma, que perdeu o objecto de seus affectos, que perdeu seu filho...

E os olhos formosos de Isabel empanaram-se logo, como se o halito da amargura os mareasse, como a vidraça colorida do templo gothico apparece embaciada na congelação dos fumos do incenso, se a aragem fria do norte a fustigára. As lagrimas ardentes de uma dôr interna congelavam em seus olhos ao sopro algido do poente da saudade!

Pobre moça, que tão formosa te creou Deus para tanto soffrer! És mãe, e roubam-te o filho! E não

ha crime no roubador, que é um grande da terra !

— Tens razão, infeliz Isabel, lhe respondera o irmão. Mas esse filho vive; e já que a prepotencia o arrebatou de teus braços não se opporá ao menos a que o vejas aqui um dia. Madama Duverger é sua aia e eu te trarei um dia teu filho. Vel-o-has, uma e muitas vezes.

— Não verei... Diz-me não sei que presentimento que não verei meu filho!... Pousou-me no peito tão negra nuvem, depois da morte da minha mãe, que não ha podel-a eu afugentar!... É pesada e escura como o manto mortuário que cobre o cadaver... Luiz Guedes! Não conseguirá trazer meu filho: verá como lh'o negam.

— Trarei, ainda que para isso houvesse de me dizer seu tio...

— Oh! Não faça tal, que se deshonra aos olhos da corte, interrompeu Isabel.

— É uma illusão essa, minha irmã. Hei de trazer o menino, ainda que por intervenção de el-rei, que descende do Barbadão, gerado da estirpe d'um mouro do Algarve.

— Talvez; mas eu creio que não. Acredito que não mais verei meu filho. Filho do crime o inocente, foi como se passasse do berço á campa... É morto para mim, ou eu para elle... Deus perdoe ao perverso que me perdeu!

E desatára a chorar. Chora em quanto podes

chorar, linda mulata ! Vive desse gemer dolorido, dessas lagrimas sentidissimas... Vive ainda, que tambem é viver esse da saudade materna ! Na campa não ha lagrimas nem sentimento que as gere... nem vida ! Só alli vive e gozano da podridão que o alimenta...

Luiz Guedes deixou chorar a irmã, e quando mais socegada a viu disse-lhe bastantemente incommodado :

— Adeus, Isabel ! Vou ainda hoje cuidar de teu filho.

— Então já me deixa ? Tão cedo !

— Vou buscar teu filho, minha irmã.

— Pois sim ; mas se me não deixasse ! Sinto o coração tão opprimido !... Nem pae nem irmão tenho... nem filho...

— Socega. Ainda te não vi tão exaltada ! Eu vou pelo menino e voltarei á noute.

— A' noute ! Se fosse de dia !

— Talvez seja. Adeus, minha irmã, até logo.

Isabel ergue-se lacrimosa, abraçou o senhor de Murça, que saiu depois, e ficou-se extactica alguns segundos no meio da casa, com a cabeça pendida sobre o peito e os braços caidos, como sem vigor nenhum. Instantes depois correu á janela por ver ainda o irmão.

Voltava o senhor de Murça para a travessa do Castello Picão, parallela á rua das Trinas de Mo-

cambo. Isabel ainda o avistou, ainda poude ver aquelle homem que, começando pela adorar, acabou por estimala como a sua irmã que era, embora natural.

Luiz Guedes de Miranda Henriques tomou a direcção do Terreiro do Paço. Ao Arco dos Cobertos passou por Suppico de Moraes, que lhe lançou um olhar feroz. O senhor de Murça não fez caso algum de tal homem, e chegando aos Paços da Ribeira nelles entrou. Eram duas da tarde.

Apresentado a D. João V pelo camarista da semana, o marquez da Fronteira, Luiz Guedes pediu a el-rei para lhe fallar em segredo. Entraram na sala de gala, contigua á dos Tudescos, e alli passeiando ambos, ao monarca disse o senhor de Murça:

— Venho dar parte a vossa magestade de que tenho mais uma irmã.

— Não comprehendo, como agora podereis ter mais uma irmã. Se fôra em vida de vosso pae...

— Pois 'nisso é que vae a nova. Uma aventura de meu pae me deu uma irmã bastarda, e outra minha deparou occasião de a conhecer.

— Então é já mulher? perguntára el-rei.

— Mulher e mãe de um sobrinho de vossa magestade.

— O que?! Que diz Luiz Guedes? Não sabia

que fosse tio! conte essa historia, pedira o rei com muito empenho e curiosidade.

— Na Bemposta se está creando um menino, que tem o vosso nome, filho do senhor infante D. Francisco.

— Como se explica, porém, não o saber eu?!

— Talvez que sua alteza reservasse para mais tarde apresentar a el-rei o menino, quando já crescido.

— Talvez. De modo que somos, em vista do que dizeis, dois tios!

E D. João V desatara a rir com a novidade, e accrescentára:

— Tem ella a belleza da Pelicana celebrada? Se tem, felicito a meu irmão, que tambem se dá a caçador de gazelas. Já me não pôde censurar mais, o senhor infante D. Francisco!

— É formosa e mais desgraçada, respondeu Luiz Guedes. Aquella poude morrer 'num convento, estimada e havida como a mãe do senhor D. Antonio, esta, despresada, e de todo desprotegida me appareceu quando sua belleza me attrahia.

— Não procede bem o senhor infante, disse el-rei. Faça-a commendadeira de Santos, ou dê-lhe entrada em Odivelas, como eu fiz a algumas. Heide-lhe fallar 'nisso.

— Como aprasa a vossa magestade. Agora, o que eu venho pedir a el-rei é protecção para que

eu ainda hoje possa levar pela primeira vez o menino á mãe, que o não conhece, tão cedo lh' o arrebataram !

— Mas de que modo ? Dizei.

— Por aia tem o menino madama Duverger na Bemposta...

— Duverger ? interrompeu el-rei. Duverger será bastarda ? Forte affeiçao tem ella a bastardos !

— Se vossa magestade lhe escrevesse...

— Pois sim, e mesmo porque eu tambem quero ver o menino. O infante está para Salvaterra, não se poderá oppor. Sáia, Luiz Guedes, 'num coche d'ahi, e volte com a Duverger e com meu sobrinho. Eu escrevo-lhe. Diga ao marquez de Fronteira que mande pôr um coche ao Arco dos Pregos. Eu já volto.

El-rei foi escrever a madama Duverger e Luiz Guedes transmittir a ordem ao marquez.

Uma hora depois rodava um coche pela rua dos Ourives e Douradores, e no largo dos Escudeiros, em logar de cortar por aquella rua, tomou pela dos Odreiros á esquerda, entrou no Rocio e lá se foi caminho da Bemposta.

A' bocca da noute o coche voltava d'alli, passava ao Hospital de todos os Santos, tomava para a banda da Praça da Palha, descia a S. Nicolau, rua dos Formeiros, Correaria, Prataria, Praça do

Pelourinho, e entrando na rua nova dos Ferros, tomava para o Arco dos Pregos, donde saira.

Com effeito, madama Duverger com o senhor D. João da Bemposta e o senhor de Murça sairam da carruagem, e entraram no Paço da Ribeira.

Pouco depois, o mesmo coche partia na direcção das Trinas de Mocambo pela rua dos Cobertos, e parava na rua do Guarda-mor, onde é cortada pela das Trinas.

Era noute cerrada.

Da carruagem desceu o senhor de Murça com o menino nos braços, ficando Duverger que não quizera ir. Um creado de el-rei tomou o menino ao collo e partiu com o senhor de Murça para casa de Isabel.

Passava-se isto em outubro de 1820 a uma segunda feira. A noute estava tepida e convidava os moradores da travessa do Pé de Ferro a estarem pelas portas e janellas em conversação de vidas alheias, como tinham por costume.

Luiz Guedes chegando á casa e não vendo luz, nem em baixo nem em cima, estranhou aquillo; mas impellindo a porta, que cedeu por estar encostada, entrou, dizendo ao creado que ficasse alli até elle accender uma luz. Feriu lume, accendeu uma lanterna que alumearia a loja e disse ao creado que entrasse com o menino, que tinha ao collo.

— Isabel ! dizia Luiz Guedes subindo a escada com o sobrinho ao collo, de traz do creado que levava a lanterna, o promettido é devido ! Mas esta ideia de receber o menino ás escuras, é que eu acho singular !

Quando acabava de proferir aquellas palavras tinha o creado posto o pé no ultimo degrau da escada.

— Então, nem uma palavra ! minha irmã.

Subiram. Indo o creado a dar o primeiro passo para a saleta hesitou a principio, attentou mais, e recuou sobre o senhor de Murça...

E diziam na travessa as vizinhas :

— Muitas visitas tem hoje a mulata !

— O amante demorou-se pouco : entrou e saiu !

— E a creada tambem saiu, não saiu, tia Brazia ? perguntava uma voz feminina.

— Saiu depois do amante e por signal que ia bem apressada !

— Mas que gente será agora aquella ? pergunta outra voz de mulher.

— Eu sei cá ! respondia outra.

— Pois alli não tem entrado ha mais de quatro annos senão um homem.

E 'naquelle tom continuavam a murmurar as vizinhas de Isabel.

— Que tens ? perguntou o senhor de Murça ao creado. Entra.

— Senhor ! Está no chão uma mulher estendida !...

— O que ? ! exclamou Luiz Guedes. Toma este menino.

E passando ao creado o filho do infante D. Luiz, e tirando-lhe da mão a luz correu á saleta.

Ao dar os primeiros passos recuou tambem, um intante apenas, indo logo para o vulto deitado no chão, e curvando-se sobre elle para o reconhecer. Era a irmã ! Luiz Guedes recuou horrorizado...

Isabel estava deitada ao comprido. Golphava lhe do peito o sangue em espadanas... estava morta !...

O que se passou em Luiz Guedes não pôde a penna descrever : imagine-o o leitor.

O senhor de Murça apenas soltara um ai agudissimo, que assustou o menino, tanto, que começara a chorar muito ao collo do creado de D. João V. Depois, impondo se um silencio superior a humanas forças, accendeu velas, e disse ao creado que saisse com o menino para a carruagem em que ficara Duverger na rua do Guarda-mor, e que esperassem por elle. O creado saiu com o menino a chorar muito.

Foge, inocente creança, foge da morada do crime ! Os seios que te deveram alimentar, em vez do leite maternal desentranham-se em rios de sangue ! Foge inocente !

Luiz Guedes observou Isabel morta. Tinha o coração traspassado de um punhal e do proprio que Isabel occultava nos seios. Suicidou-se a infeliz, pensára elle.

Visitou a casa. Ninguem!... Desceu á loja, observou-a tambem, e a mesma solidão!... Pou-sando então a lanterna sobre uma meza da loja terrea, foi á porta e chamou a vizinhança, que se alarmou de repente e correu ao chamado do senhor de Murça, a quem não conheciam.

Enchera-se a casa de homens e mulheres assustadas.

— Digam-me, viram entrar aqui hoje alguem antes de mim, que agora cheguei? perguntára Luiz Guedes.

— Logo depois das trindades nas Trinas, disse a Brazia, entrou um homem que sem demora saiu. Não se demorou muito, não, senhor.

— Ninguem o conheceu?

— Eu, não.

— Nem eu. E o mesmo disseram todos.

— E da creada, ninguem sabe?

— Saiu logo depois do homem, andando muito á pressa, respondeu a velha Brazia.

— Em nome de el-rei, senhores, vos incumbo de guardar este cadaver e esta casa, enquanto não chega sua justiça, disse o senhor de Murça. Em seguida, ajoelhou junto da cabeça de Isabel,

curvou-se sobre ella, beijou-a na fronte e saiu, com espanto geral de toda aquella gente.

— Senhor, senhor! bradou uma mulher, quando Luiz Guedes ia a descer. A morta tem na mão uma cousa!

O senhor de Murça retrocedeu. Era uma aba de casaca de seda que a morta tinha na mão direita apertada, e que mostrava ter sido arrancada com violencia grande.

— Não é minha bem vedes, disse o senhor de Murça, mostrando se. Ninguem lhe toque até que chegue a justiça de el-rei. E saiu.

Chegado á rua do Guarda-mor entrou no coche, que o esperava, e que partiu logo.

Já não vive a formosa Isabel! Aquella mulher que de manhã estava tão aprehensiva e triste falando em seu filho, essa é já um cadaver, que nem poude ver o filho amado, que lhe trouxera o irmão! Bem lhe dizia a ella o coração presago, que o não abraçaria! que o não beijaria! Bem lhe dizia a ella o coração presago que mal ficava sem o irmão!... Sem ninguem!...

Mas, como explicar sua morte? Mancharia a mão do crime aquelle seio formoso, ou suicidar-se-hia Isabel?

De qualquer forma, Isabel, a mulata formosa, a mãe do senhor D. João da Bemposta, a seduzida de Suppico de Moraes jaz morta naquella casa em

que fez a felicidade passageira de um homem. Morta no mais viçoso da mocidade, pouco mais tendo do que trinta annos !

Se não podendo comportar teu peito a dor que te opprimia, te suicidaste, perdoe-te Deus a falta, infeliz Isabel ! Se a mão do crime, porém, ousou devassar teu materno peito amoroso, que a justiça do ceu inexoravel condemne o criminoso ! e que a dos homens o castigue e puna !

Sorte avessa foi a tua ! No momento em que abraçarias, na effusão de teu amor mestiço, o filho querido de tua alma, interpõe-se o braço talvez de um sicario cruel, e morres sem gozar essa suprema ventura da mulher que é mãe !...

XVIII

Um fio no labyrintho

Sepultára-se Isabel na freguezia de Santos.

A justiça dos homens ficará apenas com o fragmento de uma casaca de seda, achado na mão da morta.

Não se podera averiguar nada. A creada que

servira Isabel, descoberta, declarou que não conheceria o homem, o qual correndo a ella depois de assassinar sua ama, lhe ordenara silencio absoluto, se não que tambem a mataria, e que ella, não sabendo o que deveria fazer fugira d'alli com susto e temor do homem. Declarou mais que estava no andar terreo da casa quando o homem entrou e subiu, e que supondo seria o senhor de Murça, não fizera maior reparo se não quando ouvira ruido de quem lucta e um grito em cima, e sentira o estrondo do corpo na queda.

Não podera, portanto, a justiça descobrir o assassino. Ficára apenas sabendo que não seria de baixa condição pelo fragmento da casaca, que a victima lhe arrancára, tentando segural-o na suprema agonia.

Houvera proposito em assassinar Isabel com um punhal que ella tinha, como á justiça declarára Luiz Guedes de Miranda Henriques, para de tal modo fazer suppor que ella se matára.

Um homem havia, porém, que já tinha quasi a certeza de quem fôra o assassino : era o senhor de Murça.

Era elle quem, tomando o punhal, que assassinára a irmã, e o fragmento da casaca de seda jurára descobril-o e vingal-a.

Luiz Guedes vae ser na terra o dedo de Deus : deixemol-o entregue a suas pesquisas.

O infante D. Manoel tinha voltado ao reino depois de se mostrar destemido e valente na guerra contra a Turquia.

Dias depois de sua chegada, buscára o infante ao secretario de estado Diogo de Mendonça Corte Real, a quem pretendia fallar.

No gabinete do ministro passava-se o seguinte :

— Na minha chegada a Hollanda foi-me preciso contrahir um emprestimo. Apesar da garantia do nome do conde de Tarouca só um judeu, portuguez de origem e chamado Samuel Pinto, se prestou a fazel-o. Avistei-me com este homem na volta a Portugal.

— Esse judeu, se me recordo bem, o mesmo é que em 1715 se promptificava a fazer o emprestimo de tres milhões a sua magestade, com uma condição singular em transacções de dinheiro: queria a punição de um portuguez que lhe deshonrára uma filha, disse Diogo de Mendonça.

— Esse mesmo pedido me fez o pobre homem, dissera o infante.

— Não haveria duvida de o entregar-mos á justiça; porém vossa alteza conhece a impossibilidade de sabermos quem seja: o nome que elle usou é falso evidentemente.

— É natural que seja; mas um meio ha de o descobrirmos, dissera D. Manoel. O judeu tem sido pertinaz em descobrir o grande criminoso per-

sistente nas créncias religiosas que tem e no amor ás riquezas. Conseguiu haver uma carta de recomendação, que da embaixada ingleza em Lisboa se escrevera para Londres, apresentando o tal seductor a Lord Wigh, e essa carta trago eu.

— Bem. Entregue-m'a vossa alteza, e cuidemos de descobrir o homem.

D. Manoel entregárá, a carta ao famoso ministro, e saira.

Diogo de Mendonça, logo que o infante saiu, abriu a carta e lançou os olhos á assignatura.

— Lord Galloway ! disse, vejamos.

E leu: — «*Milord — O portador desta carta é um agente secreto do infante D. Luiz, irmão de el-rei de Portugal. Elle vos dirá o fim que leva em vista, muito util sem duvida aos interesses da Inglaterra na America. Por mim posso affirmar-vos que é exequivel o plano, mas não por enquanto. Rogo-vos o recebais como a um fidaldo que é, e lhe deis credito em Hollanda, onde pretende chegar.* (Assinado) Galloway.

— Olá ! olá ! exclamou Diogo de Mendonça, contentissimo com aquella carta. Famoso judeu ! Bento seja o teu ouro, que me poz nas mãos este papel, que talvez a peso delle o alcanças-te !

E sentou-se na grande poltrona, collocando a

carta diante de si na meza. Saccudindo os anneis da cabelleira, em signal de contentamento, e recostando-se na poltrona de olhar amoroso 'naquelle papel, Diogo de Mendonça sorria de espaço a espaço, franzindo algumas vezes o sobrolho crespo e longo.

Em seguida, tomado a penna escreveu a Luiz Guedes para que lhe viesse fallar, e a Lord Worsley, embaixador d'Inglaterra, 'neste sentido e por este theor :

— «*Milord — Ao serviço de el-rei meu senhor importa muito saber quem foi o portuguez que em 1710 devia ter saido com passaporte inglez e cartas para Lord Wigh em Londres. Dignai-vos, Milord, comunicar-me seu nome, dado que se registasse 'nessa embaixada. Deus guarde vossos dias. Do paço da Ribeira aos 12 de março de 1722.*

Diogo de Mendonça Corte-Real.

Expediu aquellas cartas e saiu o notavel politico, em busca de el-rei.

Foi-o encontrar na camara de seu estudo, contigua á livraria do paço, cercado de livros ascetas, e lendo um dos volumes do padre Manuel Bernardes.

— Chega a proposito Diogo de Mendonça, para

me esclarecer um ponto, dissera el-rei. Diz aqui o Bernardes que as almas de alguns mortos voltam a este mundo para remir peccados, pagar dívidas d'honra e penar enfim, até que possam por aquela penitencia entrar no reino de Deus. Como pensa ' neste particular o meu secretario de estado ?

— É singular a consulta de vossa magestade ! Não me sobra o tempo devido a cuidar dos vivos para tratar dos mortos. Todavia como vossa magestade quer saber como eu penso no assumpto direi : que um homem do talento do padre Manuel Bernardes não poderia, por convicção, crer na vinha d'almas do outro mundo a este.

— Então porque o affirmava ? perguntou el-rei.

— Por dever de seu officio real senhor, como por dever do meu venho afirmar a vossa magestade que ando em busca de um onde mais vivos, que por ahi terão andado a conspirar contra el-rei e contra seus interesses.

— O que diz ? Diogo de Mendonça ! exclamou D. João V, fechando o volume da *Nova Floresta*, que estava lendo, e erguendo-se.

— Affirmo a vossa magestade que ando procurando especialmente a um homem que talvez conspire contra el-rei. E homem é de quem já vossa magestade tem conhecimento.

— Eu ! Mas se não conheço conspiração nenhuma nem conspirador !

— Pois não se recorda vossa magestade de me haver dito em 1715 que buscassem eu saber quem seria o seductor da filha de um judeu de Amsterdam, que se prestava a fazer-vos um emprestimo, comtanto que lhe punissem as justiças portuguezas ao seductor da filha, que o é ?

— Sim, lembro ; mas que tem o seductor da judia contra os meus interesses ?

— Ahi está precisamente o que não sei ainda, mas que breve saberei.

— E' celebre ! que já seja a segunda vez que me fallam de conspirações !

— O que ? ! pois já alguem fallou a vossa magestade em conspirações ? perguntára ancioso o ministro.

— Já. Foi ha sete annos. O Conselho de Estado acabára oppondo-se á minha saida do reino. O conde de Avintes, contrariando o projecto, terminárá com uma suspensão, que me impressionou, e tanto, que lhe pedi 'nesse mesmo dia para ficar e me dar explicações da reticencia.

— E que vos disse o conde, senhor ?

— Respondeu-me de um modo calculado, timido e vacillante, concluindo que ha sempre invejosos, aos reis poderosos, como eu sou, e que poderiam conspirar contra mim. Pedi-lhe mais explicações : disse-me que as não tinha para m'as poder dar.

— Logo, tinha-as, disse Corte-Real.

— E' verdade! Pois não tinha eu pensado assim. Então será elle um dos conspiradores?

— De modo nenhum, senhor rei! accudiu Diogo de Mendonça. Seriam suspeitas somente o que o conde sabia, ou parecia saber.

— Tambem lhe dei pouco peso, continuou D. João v, por isso nunca fallei em tal cousa. Agora, porém...

— Agora, cumpre descobrir quem fosse o sedutor da judia; que fim o levaria a Londres e á Holanda e porque mataria a mãe de um sobrinho de vossa magestade, pois tudo leva a crer que seja o mesmo homem.

— Diogo de Mendonça! vem hoje com novas singulares! Como? Pois mataram a mãe do pequeno D. João da Bemposta?! Mas, para que matar uma mulher infeliz?

E D. João v entristeceu-se, e ficou silencioso alguns segundos. Depois, disse para o ministro:

— Mande-lhe dizer tres mil missas por alma.

— Tres mil! vossa magestade não se enganou? perguntára Diogo de Mendonça.

— Ah! sim, enganei: são seis mil.

— Mas, senhor, não teremos quem diga tantas missas!

— Não parece sua essa observação! Pois esquece os frades?! Ordene que se digam seis mil

missas á minha custa por alma da mãe de meu sobrinho.

— Serão ditas, respondeu finalmente o ministro, descontente com aquella monomania religiosa, que se traduzia em missas ás mil, alem de conventos sumptuosos em grande numero tambem.

— Diogo de Mondonça, se me descobrir o notável personagem faça-o castigar asperamente ; mas, diga-me cá : não haverá mais ninguem associado a esse tal ?

— De que eu tenha perfeito conhecimento, não ha, respondeu o secretario, faltando á verdade ao rei, por isso que se lhe mostrára a carta de Lord Galloway, D. João v entraria em justa desconfiança do irmão, como a já tinha Diogo de Mendonça.

Era prudente não lhe dizer uma palavra do irmão, embora o ministro de estado alcançasse mesmo a certeza de cumplicidade de D. Francisco, em maquinações contra elle.

Em quanto estas cousas se passam no paço, e Diogo de Mendonça tem conseguido o seu fim de conhecer a vontade do rei com respeito ao assassino de Isabel ; em quanto a conspiração á pressa dirigida pela ambição dos jesuitas e pela propria do infante se encaminha para um fim mais ou menos proximo ; enquanto o senhor de Murça, devotado á perda de Suppico de Moraes trabalha no

silencio da conveniencia por alcançar provas do crime delle, dá-se a caçadas em Salvaterra e em Samora o desbotado prior do Crato.

Suppico de Moraes lá se achava ao lado do infante, martelando-lhe sempre ideias de grandeza e mando, e apressando assim não só o fim da prematura independencia do Brasil mas a sua ruina, talvez.

Ao paço do Corte Real muito ha que o infante não vae, chamados a Salvaterra quasi todos os creados.

Manoel Corrêa, aquelle creado bom bom atirador, que o infante mandára ir, e que outro não fôra o salvador de Luiz Guedes, quando Suppico desfecharia sobre elle e o poderia ter morto, como ao leitor lembrará, esse Manuel Corrêa lá executa junto ao infante as ordens que lhe transmitte o senhor de Murça.

Diogo de Mendonça deixando a D. João V voltará ao seu gabinete de trabalho. Pouco depois está a seu lado o senhor de Murça, que correra ao chamamento.

-- Sabcis que tenho quasi na mão o fio para entrar no labyrintho? dissera o ministro, accrescentando: em breve saberei o nome do enviado a Inglaterra, e depois, por este mesmo, o fim que o levou alli.

— O homem deve ser forçosamente Suppico de

Moraes, respondeu Luiz Guedes. Quanto ao fim, nada sei por enquanto.

— O fim deve ser conhecido do infante D. Francisco, tenho disso a certeza, disse Diogo de Mendonça. O caso está em sabermos o que quer o infante.

— Se D. Francisco não é estranho a isso, que não conhecemos ainda, forçoso é tambem que os jesuitas o saibam, e disto lembrado, ha tempos já, no collegio de S. Roque tenho um noviço de minha escolha e feição para sondar o que por lá se faz.

— Boa medida é essa, na verdade. O caso está em ter astucia o rapaz, que muita será precisa para entrar com jesuitas, respondera o ministro.

— Tem. O noviciado está a acabar e eu já sei que elle é estimado e querido. Ao talento natural junta velhacaria em boa escala, e tem audacia como poucos homens.

— Muito bem. Lêde agora este papel. E Mendonça Corte-Real dava a ler ao senhor de Murça a carta de Galloway.

— E' o que eu dizia ! exclamára Luiz Guedes, satisfeito. Agora já pouca duvida tenho que fosse o seductor da judia o assassino da mulata Isabel.

— Pois crêdes que fosse elle ?

— Um unico fio me prende a certeza absoluta ; mas espero cortal-o dentro em pouco.

Nisto chegava a resposta da embaixada ingle-

za. Era uma lista de alguns nomes de portuguezes que naquelle anno de 1710 se passaram a Inglaterra. O nome de Pedro José Suppico de Moraes era o quarto na lista.

— Ah! tem vossa excellencia realisadas minhas previsões! disse Luiz Guedes. Agora já creio que esse louco e perverso Suppico fosse o seductor da judia e o assassino de minha irmã...

— Assassino de vossa irmã! Que é isso, senhor de Murça.

— A mulata Isabel era minha irmã, por ser filha de meu pae. O acaso me descobriu tal segredo.

Importa, por consequencia, averiguarmos quanto antes, o que tudo isto seja, disse o secretario de estado.

— Para alcançar a certeza, que me tem fugido, de ser esse infame o deshonrador da tal judia, hoje mesmo, em navio que sae para Hollanda, vou remetter a Samuel Pinto o retrato do assassino de Isabel. Quando me responder o judeu, espero que mais algum passo tenhamos dado no descobrimento desses planos infantatico-jesuitas.

Trocavam-se estas fallas nos paços reaes da Ribeira, cousa notavel! no mesmo tempo em que Suppico de Moraes, em Samora Corrêa, dizia ao infante D. Francisco:

— Sepultou-se já a mulata Isabel.

— Sepultou-se? perguntará o infante.

— Pois não mandou vossa alteza carta branca para que desapparecesse aquella mulher?

— Sim, para que desapparecesse, mas não para que fosse morta, porque gerou a meu filho... Não era preciso escondel-a na campa...

— Pois já não tem remedio o mal. Isabel foi achada morta na propria casa, respondeu Suppico.

— Horrivel medida foi essa, que me envergohna!... exclamou D. Francisco.

Começava o castigo dos homens: o infante D. Francisco reprovava aquella morte ! Elle que a ordenara ! !

XIX

Traição de um jesuita

Usual é nos homens o procedimento de D. Francisco. Quando expostos a contradições, em que por menos cautelosos e mais precipitados cairam; quando a vergonha de uma accão má os ruborece no tribunal da consciencia perante os homens, declinam logo no subordinado, no que obedece a seu mando

a responsabilidade do acto, que os avexa! É uma vergonha perante a dignidade, uma esperteza aos olhos da infamia.

Ha muitos, infelizmente, como o infante D. Francisco, que, na classificação dos actos humanos, se dão bem com a moral de Diogenes, e acham mais comesinho o systema delle.

O que fazem entretanto os jesuitas conspiradores?

Vendo a pertinacia com que o infante D. Francisco se entrega a caçadas em Salvaterra e Samorra, amiudam conventiculos já em S. Roque, já em Santo Antão, em que discutem a necessidade de chamar o infante a Lisboa e a urgencia de se effectuar a sua saida para o Brasil, onde, eriam elles, preparado estava tudo pela Companhia para uma acclamação.

Já lhes não importava o auxilio da Inglaterra, calculando que, realisado o plano, o interesse imediato das potencias, que alli pretendem ramificar-se, as levará a offerecerem o apoio que, por conveniente não julgavam dar ainda, e que na rivalidade e desejos de preponderancia estaria certissimamente o ensejo da consolidação do novo throno do infante D. Francisco.

A liga que Portugal fizesse com a França, por exemplo, para o auxiliar a ir expulsar da America o novo imperante seria logo combatida ou

pela diplomacia, ou sobre os mares pelas grandes forças navaes da Inglaterra e da Hespanha: desta, porque tinha interesses a custodiar, d'aquelle, porque pretendia adquiril-os.

Assim era que os jesuitas pensavam em 1724 quando repentinamente um novo ensejo lhes appareceu de pôr em pratica o arrojado plano.

Uma esquadra de Malta, commandada por Harrac fundeava no Tejo. Correu o infante D. Francisco de Salvaterra a Lisboa a fim de receber e hospedar aos soldados da ordem.

Galeotas em quantidade mandára o infante pôr á disposição da tripulação da esquadra hierosolymitana e para bordo conduzir um refresco valioso.

Exultaram os jesuitas. 'Naquelle esquadra, engrossada pelos navios de guerra portuguezes, que apoiavam os planos do infante, poderia sair este do reino e ir fundar na America o sonhado *quinto imperio* do Padre Antonio Vieira.

No dia seguinte ao da chegada da esquadra malteza, Luiz Gonzaga, Simão dos Santos, Manoel Dias e Antonio Stieff, aguardavam ás nove da manhã ao infante D. Francisco que não se levantára ainda.

Ás nove e meia mandára-os entrar sua alteza para uma antecamara do palacio do Corte Real.

— Senhor infante, o esmorecimento de vossa alteza nas contrariedades da falta d'apoio imme-

diato tanto da Inglaterra como da França ao grande projecto de engrandecimento de vossa alteza, em logar de nos trazer o desanimo á vontade, ao contrario nol-a tem ennervado. Somos como a grande mola do relogio, não resistimos se livres á propria força; mas, opprimidos pela contrarie-dade, eis-nos em permanente reação contra ella até que adquiramos o livre estado de nossas proprias forças. O Brasil é nosso: o conde de Harrac ahi está no Tejo com uma esquadra ás vos-sas ordens. E' Deus que nol-o envia, senhor in-fante. Aproveitemos as naus da sagrada Ordem do Templo e partamos para o Brasil, disse-a Gonzaga.

— Partiramos, sim, se nos auxiliasse alguma grande potencia, e se tiveramos preparadas as cousas com os precisos meios, respondeu o timido infante.

— Se de meios pecuniarios carece vossa alteza e a elles se refere, a Companhia de Jesus, pobre como é, ainda, como D. João de Castro, tem o breviario para empenhar, redarguiu Gonzaga.

— Não me refiro a esses meios; mas ao preciso apoio e auxilio estranho e ao de um maior numero de adhesões dos fidalgos portuguezes...

— Vacilava o Prior do Crato. Perplexo e timido, nem do heroico D. Antonio imitar queria ao menos a valentia em Alcacer Quibir, o arrojo de-nodado na Ponte d'Alcantara!

Se lhe foram notorias as lições da historia patria justa seria a sua hesitação. O apoio da egreja não basta ás grandes emprezas, aos heroicos commettimentos: é-lhes essencial o secular da nobreza e do povo. A D. Antonio faltára este apoio: tivera o das orações monasticas, tivera o muito louvavel da dedicação de alguns fidalgos, tivera um pouco de valor, apesar da corrupção geral, e perdera a causa no tribunal das armas e no da justiça que d'ellas se arma, no gladio ameaçador. Assim, pois, se o infante D. Francisco isto soubera bem, com razão fôra timido e receioso; mas este infante, que só tinha legitimidade, carecia do valor notável e digno de melhores tempos, do filho de Violante Gomes, do vencido de Alcantara, do exilado e pobre rei de um dia.

— Todo o emprehendimento carece de energica audacia, disse Manoel Dias; carece de abnegação, precisa de sacrificios. Pelo maior commetimento da humanidade fez o da propria vida Jesus: fizeram-no dos commodos d'ella os seus apostolos, os martyres, os santos. E' preciso aventurar, e a occasião ahi a tem vossa alteza no Tejo.

— Comtudo, receio que el-rei, ou seus ministros já desconfiem; e arriscar-me sem eu ter probabilidades de triumpho, bem vedes que será um erro manifesto.

— Pois não as tem vossa alteza no apoio da

Companhia de Jesus aqui e lá na America? Não terá vossa alteza probabilidade de victoria escudado e defendido pelos numerosos indigenas do Brasil? respondera em tom de pergunta o jesuita Gonzaga.

— Sim, alguma probabilidade vejo ahi, disse o infante, mas serei defendido de selvagens mal armados, e traidores, e o throno que me erguerem sobre frechas poderá desabar, ou arder com o fogo dos canhões de meu irmão.

— Demasiado timido, disse Simão dos Santos, acho eu a vossa alteza! A independencia e liberdade dos indios, por nós civilisados já, é a maior garantia da estabilidade do vosso reinado. Acclame-se vossa alteza no Brasil e logo verá como as potencias timoratas e mutuamente receiosas vos irão levar o auxilio de suas armas, e buscarão vossa alliança.

— Pois hoje verei o que se deverá seguir, ouvindo aos fidalgos que são por nós, respondeu o infante, por se furtar aos tiros dos jesuitas.

— Os fidalgos hão de ser coerentes e logicos e dar o seu voto 'neste sentido. O melhor plano a seguir, salvo o melhor juizo de vossa alteza, é este, dissera Gonzaga: Vossa alteza de acordo com o conde Harrac commanda a saida da frota até fóra da barra. Vae na Penha de França para 'nella voltar, por maior disfarce; seguem por ostentação

os navios que definitivamente adherirem ao plano e quando fôra da barra, dão-se as velas para o mar alto e a Deus misericordia aportaremos ao vosso imperio vastissimo. Assim ninguem suspeitará, bem vê vossa alteza.

— Simples e naturalmente combinado me parece o plano, disse o infante. Agrada-me. Hoje ou ámanhã decidirei.

E o monarcha na ambição propria e nos desejos dos jesuitas, despedira estes promettendo dar-lhes parte do que na reunião dos fidalgos se decidisse.

Aquelle plano de saída do infante fôra combinado em S. Roque, 'naquella noute immediata á chegada da esquadra de Malta.

Suppunham os da Companhia que não se poderia suspeitar do plano. Talvez, se a politica de Diogo de Mendonça não trabalhasse já, e se no collegio de S. Roque não estivera Antonio Serra, ao serviço do sr. de Murça! A Companhia era vulneravel.

Aquelle Manoel Corrêa creado do infante D. Francisco por Luiz Guedes de Miranda Henriques viera de Salvaterra com o infante.

Reunidos effectivamente alguns fidalgos conspiradores, que poucos eram, por convite do infante, no Corte Real, por dez horas da noute do mesmo dia immediato á vindia da esquadra do Templo,

de opinião foram que não era tempo ainda para realizar tão grande commettimento.

O infante, que, por sua parte, ou tinha arrefecido nas contrariedades soffridas, ou receioso de, bom exito, procrastinado para melhores tempos se não esquecido o projecto, annuiu facilmente ao parecer dos condes d'Aveiras, Ribeira Grande e Avintes, e de outros.

Mas emquanto a reunião tem lugar visita Manoel Corrêa ao senhor de Murça nas Fontainhas, onde reside.

— Mandei-te aqui chamar a esta hora em consequencia do teu aviso desta tarde, que me anunciou reunião no Corte Real. Dize-me, pois: reuniram? Quem são?

— Convites para o conde dos Arcos e de Avintes e outros, sei eu que se expediram, respondeu o creado.

— E a respeito do fim? que descobriste?

— Nada, senhor. Esta, como outras reuniões, são na mais retirada sala do palacio que dá para a Ribeira das Naus. Não se consente para aqueles sitios creado algum cá dos meus, porque o secretario de sua alteza o senhor infante, ou Christovão de Mello se revesam em metter sentinelas á grande sala.

— E Suppico de Moraes?

— Esse assiste a todas as reuniões.

— É-te então impossivel ouvir o que lá se dirá?

— É, sim, senhor.

— E dar-me o nome de todos que alli estejam hoje, não o poderás tu fazer?

— Tambem não, porque não só entraram por duas portas mas por elles sairão, decerto.

— Comtudo tomarás nota dos que vires e mandar-ma-has ámanhã.

— Sim, senhor.

— Dize-me outra cousa: nada descobriste a respeito da casaca em que te fallei?

— Nada. Suppico não tem vestido casaca alguma de seda de que vossa excellencia me mostrou uma aba: só se a tiver no guarda roupa; mas ahi não posso eu ir, não sendo com chave falsa, ou quando alli vir o creado d'elle.

— Tenho o maior empenho em se ultimar essa pesquiza. Serve-te dos meios que puderes, contanto que mui brevemente me tragas uma resposta decisiva. Tens bem presente a seda della?

— Tenho, sim, senhor: é seda adamascada cor de violeta.

— Isso é. Volta, pois, ao Corte Real antes que termine a reunião.

E Manool Corrêa correu ao seu posto de observação.

Luiz Guedes de Miranda Henriques saiu tam-

bem de casa pouco depois de Manoel Corrêa, disfarçado totalmente no traje e nas feições: 'nestas, pozera umas barbas ao modo das usadas dos marinheiros, e aquelle era o de um marujo.

Era meia noite quando chegou ao Terreiro do Paço. No caes estavam alguns botes atracados, mas não se via tripulante nenhum: dormiam talvez áquella hora.

O senhor de Murça poz-se a passeiar no caes, como quem esperava alguma pessoa.

Ao soar um quarto para a uma no relogio dos paços da Ribeira avistou Luiz Guedes um vulto que para elle vinha. Parou Luiz Guedes e esperou que o vulto se aproximasse. A curta distancia, sem o conhecer ainda, disse-lhe o senhor de Murça, com voz alterada pelo disfarce:

— Quer passar á outra banda, senhor?

— Quero, respondeu naturalmente o recem-vindo.

— Já me tardavas, Antonio. Nada de novo? disse o senhor de Murça.

— Muito.

— Então, ao largo já! exclamou contentissimo Luiz Guedes.

E os dois caminharam para uma galeota que tinha abicado ao caes, saltaram-lhe dentro, acordaram a um homem que alli dormia e fizeram-se na volta da Ribeira das Naus.

A galeota vogou remada pelo barqueiro, que principiou a cantar esta cantiga do tempo:

«Meu amor ia de ronda
Deitou meus olhos ao largo,
Lá na rua da condessa
Avista mil rebuçados.

Oh que perplexos que ficam
Estes meirinhos no caso,
Pois que lhes fará o escuro
Se os confunde tanto o claro!

Cheguei a reconhecer-lhos
E ver que por vós mandados
Vinhama dar na justiça,
Vinhama prendel-a 'num laço.

Em quanto os vi de rebuço
Quiz duvidar pelo alvo,
Se estava chovendo neve,
Se de neve eram pedaços.

Ou se caiam estrelas
Do vosso céu estrellado,
Por vos servirem na bulha
Os estoques de seus raios!»

Em quanto o homem cantava diziam os dois a meia voz :

- Falla breve : o que ha ?
- Uma conspiração politica contra el-rei.
- Que dizes ? exclamou Luiz Guedes estupefacto.
- Trata-se da independencia do Brasil governado pelo infante D. Francisco.
- E quem são os chefes da conspiração ?
- Os jesuitas.
- E com que fim reunem os fidalgos no Corte Real ?
- Reunem para se resolver a saida do infante na esquadra de Malta. Se os fidalgos que são pelo infante derem voto favoravel, o infante D. Francisco, pretextando commandar a esquadra até fora da barra, far-se-ha ao mar em busca do Brasil.
- Interessa, portanto, saber quanto antes que deliberação tomariam.
- Ainda esta noute se ha de saber em S. Roque.
- 'Neste momento começavam a sair do palacio do infante alguns conspiradores. No caes do palacio vira-se uma luz e logo partiram duas galeotas ou bergantins com embuçados na direcção em que estavam o senhor de Murça e Antonio Serra, o novo jesuita.
- Chegámos a tempo, disse Luiz Guedes. Pre-

ciso é que conheçamos alguns d'aquelleas homens. Rema para elles, barqueiro, e abica em uma das galeotas.

E tomando um remo, emparelhou com o barqueiro remando na direcção da galeota que adiante vinha.

Por muito rebuçado não seria conhecido Antonio Serra, como o senhor de Murça pelo disfarce em maritimo.

— Desvia ! desvia ! bradára do bergantim do infante a voz de um remeiro.

Da galeota de Luiz Guedes não se respondeu. Os barcos chocaram-se.

— Forte brutalidade !

— Virão a dormir, estes diabos ?

Assim exclamaram duas vozes no bergantim, cambaleando do choque.

— Ao largo ! disse em voz baixa o senhor de Murça ao barqueiro, mal conhecera aquelleas homens.

E afastaram-se, deixando os do bergantim do infante 'neste dialogo:

— Aqui houve proposito ! dizia um.

— Talvez, por que não volveram resposta, respondia outro.

— Quem seria o rebuçado ? perguntava um terceiro. Ninguem o conheceu ?

— Não descobriu o rosto.

No senhor de Murça não fizeram reparo pelo disfarce que o confundia na penumbra com um remador da galeota.

Luiz Guedes de Miranda Henriques conheceu dois d'aquelles homens. Os que saíssem do palácio por terra lá seriam apontados de Manoel Corrêa.

Estava, finalmente, descoberta a conspiração. O senhor de Murça conseguira erguer uma dobra do tenebroso manto com que os jesuitas occultavam seus planos e maquinagens.

XX

O rei absoluto

Como consequencia necessaria dos acontecimentos narrados, e sem mesmo se saber que deliberação tomará o infante, forçoso é que ao paço chegue instantemente a nova subverviva.

Diogo de Mendonça tinha saído para a sua quinta de Bemfica. Não hesitou o senhor de Murça em ir ao encontro delle áquelle hora adiantada da noite.

Desembarcando com o jesuita Antonio Serra, e despedindo-se delle, Luiz Guedes entrou em casa, vestiu seus ordinarios trajes, mandou aprontar uma carruagem e partiu 'nella para Bemfica, onde chegou ás tres da madrugada.

O ministro de Estado, como o medico e como o padre é, por vezes, buscado a des horas, para accudir com remedio prompto a doenças sociaes.

Não o surprehendeu muito a chegada de Luiz Guedes, que se mandára annunciar.

Pouco depois de entrar em casa do ministro, se achava este a seu lado.

— Grande novidade temos! Venha de lá ella, dissera Mendonça Corte-Real.

— Está explicada a resistencia do infante D. Francisco em não querer acompanhar a el-rei, em 1715, e conhecida a causa da opposição no Conselho de Estado.

— Que causa é essa? perguntará o ministro.

— O projecto audacissimo, concebido pela Companhia de Jesus, acariciado pelo infante D. Francisco de se passar este ao Brasil, e alli se acclarimar rei ou imperador d'aquelles estados.

— Isso terá fundamento?! perguntará o secretario de estado, admirado do arrojo.

— Tem: isto é certissimo, respondeu Luiz Guedes.

— É mundo muito grande para tão fraco Athlante! Não tem importancia.

— É precisamente na pouca importancia do infante que está o perigo; porque o valor que lhe falta a elle o tem a Companhia e lh'o poderão dar a Inglaterra ou a França.

— Não creio em estranho auxilio, continuou Diogo de Mendonça; mas, dizei o estado actual dessa loucura.

— O estado actual é este: ámanhã ou depois leva ancoras a esquadra do Templo: o infante, pretextado o commando d'ella, como seu gran Mestre em Portugal, ultrapassará a barra e faz-se-ha ao largo para o Brasil.

— O disfarce não é mau, e como sua alteza é homem de loucuras, prudente será obstar agora a que nos incommode depois, remediar já, o que não pode ter remedio mais tarde.

— Como procederemos, pois? Se não se tratára de um infante portuguez irmão de el-rei facil nos fôra reprimir e castigar, assim...

— Do mesmo modo procederemos, respondeu Diogo de Mendonça. Quando nascer o novo dia hão-de estar providencias tomadas. Volvamos a Lisboa sem demora nenhuma.

Voltaram á capital. Com uma actividade grande o secretario de estado expediu ordens para os dois collegios jesuitas, prohibindo-lhes a saida em nome de el-rei e até segunda ordem do mesmo augusto senhor. Ordenou aos governadores das torres

de Belem e da Cabeça Secca que tivessem a artilharia carregada e a guarnição a postos para hostilizar e varrer a barra á primeira voz. Mandou aos navios de guerra portuguezes que saíssem a barra e a vigiaesem, não deixando entrar navio algum, até nova ordem, e atirando sobre os que saíssem, se a torre de Belem fizesse o mesmo.

Com tal rapidez foram tomadas estas providências que ao acordar a população de Lisboa ficou espantada das bellicas medidas, sem causa conhecida tomadas tão subitamente.

Para o infante D. Francisco mandou Diogo de Mendonça este aviso:

«Sua magestade el-rei determina que vossa alteza prohiba a saida do Corte-Real aos servidores de sua casa, com excepção dos de pé, a despeito de qualquer isenção ou privilégio que á sombra de vosso nome possam invocar. E mais determina e ordena sua magestade haja vossa alteza de o buscar ás dez horas d'hoje, sem escusas de immunidades, podendo vir acompanhado apenas de seu secretario.

(Assignado) DIOGO DE MENDONÇA CORTE-REAL.

Um aviso d'aquelle modo concebido para o opulento prior do Crato, era, em verdade, demasiado energico e para irar ao turbulentó infante.

Expedido com uma nota de *muito urgente* aquelle aviso foi entregue a D. Francisco ás seis horas da manhã, pelo seu guarda-roupa, Suppico de Moraes.

— Tanto Suppico como o infante estavam assombrados com um aviso *muito urgente* expedido áquelle hora.

Mesmo no leito o abriu e leu sua alteza, saltando delle depois da leitura como se fôra mordido de venenosa aspide.

— Que é isso, senhor infante? perguntárá Suppico.

— O que é?! Lê esse papel, respondeu, D. Francisco, começando a se vestir.

— Este papel é insolente! exclamou o Suppico, amedrontado, ainda assim, com aquella ordem de prisão, porque o era para elle e para os demais servidores do infante.

— Que ajuizas desse aviso?

— Em verdade, não sei, salvo se alguma traição denunciasse o nosso plano.

— É possível, mas não vejo quem podesse atrevêr-se a jogar tão facilmente a vida, dissera o infante, desesperado.

— Que tenciona fazer, pois, vossa alteza 'nesta conjunctura?

— Se ahi não estivera o conde Harrac resistira e desobedecera: assim, irei estar com el-rei.

— E nós, os servidores de vossa alteza, ficamos por consequencia presos ?

— Presos ! Não ; que se não prendem assim os gentis homens de minha casa.

— Diogo de Mendonça parece despresar os privilegios de vossa alteza, disse Suppico.

— Ha de respeitá-los, que outro remedio não terá, eu lh'o mostrarei.

— Nisto chegava á porta da camara Christovam de Mello e pedia para entrar. Entrou.

— Vossa alteza ainda não sabe o que ha ? Estamos trahidos e presos ! exclamára Mello. A guarda d'este palacio está reforçada ; os navios de guerra que ahi estavam no Tejo levam ancora com peças carregadas e demandam a barra ; as torres tem ordem de fazer fogo... os jesuitas parece que estão presos !...

— Como sabes o que dissesse ? perguntou o infante, acreditando já na traição de alguem e na descoberta do plano.

— É voz publica na cidade, que está alvorata-
da, sem saber a causa de tão feias medidas.

— O que não é possivel é que eu possa passar por prisioneiro aos olhos de Harrac. Vou immedia-
tamente buscar a el-rei.

Suppico de Moraes ficará meditativo logo que ouvira aquellas noticias dadas por Christovam de Mello.

— Mas vossa alteza já suspeitava de alguma cousa ? perguntára Christovam de Mello. Tão cedo erguido!...

— Lê essa escripta, dissera o infante, mostrando-lhe o aviso do secretario de estado.

— Logo, estamos presos ? perguntára o sumilher da cortina.

— Estamos, respondeu Suppico de Moraes, despertando de curto meditar, porque somos trahidos pelos jesuitas.

— Impossivel !! bradou o infante. A Companhia de Jesus não me trahia.

— E como explica vossa alteza a existencia de um jesuita fóra do collegio ás duas horas desta manhã, quando lhes levei a resposta de vossa alteza?

— Quem era ?

— Não o conheci.

— Onde estava ?

— Ia para entrar no collegio de S. Roque quando eu saía; mas, vendo-me, retrocedeu, occultou o rosto no capote, que o cobria, e deixou-me passar.

— Alguma aventura de mulher... dissera o infante.

— Não se apontam dessas aventuras aos jesuitas: se as teem, de modo é que ninguem absolutamente o sabe, respondera Suppico. Aquelle homem pode ser um traidor.

— Poderemos saber quem esse fôsse escrevendo

ao Geral, e da resposta concluiremos o que rasoavel nos parecer, dissera D. Francisco. Eu vou já procurar a meu irmão: na volta escreverei aos jesuitas.

— Vossa alteza tem alguns papeis que possam denunciar o plano? perguntára Suppico de Moraes.

— Tenho, sim, respondeu o infante.

— E' parecer meu que sejam queimados quanto antes, por forma que não fiquem vestigios da conspiração. E' preciso salvar a vossa alteza, dissera Suppico.

— Estás muito aprehensivo, pelo que noto. Isto não tem importancia nenhuma. Nada se poderá provar, dado que tenha havido alguma denuncia.

— Senhor infante, queime vossa alteza os documentos, instára Suppico.

— Pensarei 'nisso. Ide ver se alguma nova alcâncas do capitão da guarda, e dos creados que hoje saísem, dissera o infante, despedindo-os.

Os dois saíram, e D. Francisco abrindo um contador de pau preto, tauxiado de madre-perola com fechaduras de prata, tirou delle grande numero de papeis, a que poz foz immediatamente, tão desejo so d'aquelle auto de fé como o justamente suspeito Suppico de Moraes.

Acabando em seguida de se vestir, saiu da ca-

mara, buscou ao secretario Castello Branco e ambos partiram para os paços da Ribeira pelo passadiço que os ligava ao Corte-Real.

Christovam de Mello foi cumprir a ordem de sua alteza e Suppico entrou no seu quarto.

O que o infante D. Francisco fizera queimando a correspondencia praticou logo tambem o aforismatico auctor. Em seguida enchendo uma pequena mala de pouca roupa e de alguns objectos que mais estimava, sem mais se demorar no paço desceu ao caes, chamou os remadores de um bergantim do infante, saltou dentro e mandou remar para bordo de uma nau ingleza que ha dias chegara ao Tejo. Gratificando aos remadores, pediu-lhes segredo para todos, menos para o infante D. Francisco, se sua alteza quizesse saber de seu destino. Prometteram elles não dizer nada.

Bem avisado andára da consciencia o auctor da collecção d'apophlegmas.

Como o principal incitador do infante á rebellião, o arguia a verdade no tribunal da consciencia. O assassinato da mulata Isabel, cujo auctor se não conhecia ainda, o trazia suspeitoso de alguem se lembrar delle, como de quem fôra seu amante.

Bem avisado andára, porque uma hora depois chegava uma ordem formal de prisão para elle, assignada por Diogo de Mendonça Corte-Real.

Devia Suppico aquella ordem ao falso jesuita

Antonio Serra, que o conhecera quando saía de S. Roque e que participára logo ao senhor de Murça aquella vinda delle ao collegio.

Luiz Guedes communicára-o immediatamente ao secretario de estado, que, sem lhe dar tempo, ordenou a prisão delle com o fim de lhe arrancar alguma confissão, acariado convenientemente e sem que tempo houvesse de inventar desculpas e forjar evasivas.

Fugira a tempo o seductor de Isabel, por que Manuel Corrêa, o creado que bem conhecemos, vendo abertos os aposentos de Suppico de Moraes e lá dentro tudo revolvido e por terra lançado, alli entrou mal Suppico saíra.

Em um acervo de casacas usadas, coletes e calções encontrára o creado uma vestia de seda roxa adamascada, que mostrava ter sido casaca a que se haviam cortado as abas !

Meia hora depois estava de posse della Luiz Guedes de Miranda Henriques.

Apparecera a prova do crime :

Pedro José Suppico de Moraes assassinára a mulher que fôra sua amante ! Matára a donzella que lhe dera o seu virgem peito e a quem o cruel havia almoedado o corpo !

Foge, foge assassino da mulher que te amou ardente, que apaixonada foi tua ! Foge á justiça dos homens, mas conta com a de Deus, que já 'neste

mundo, para escarmento dos maus, começa a punir o delinquente !

Diogo de Mendonça Corte-Real já conversava com el-rei D. João v na antecamara em que dormia, quando o infante D. Francisco saíra do Corte-Real para fallar a el-rei e pedir explicações ao atrevido ministro.

— E' tudo verdade, infelizmente, respondia Diogo de Mendonça ao rei, o ultimo aviso que me chega de S. Roque lembra-me a conveniencia de ser preso já Suppico de Moraes, que tudo poderá explicar.

— Pois que seja preso, disse o monarcha.

— Agora ordenei essa prisão ou em sua casa, ou no Corte-Real, onde costuma viver com sua alteza. As mais providencias estão dadas conforme o expuz a vossa magestade. Procederia eu, em tão apuradas circumstancias, em harmonia com vosso regios desejos ?

— Sem duvida, Diogo de Mendonça, com exceção da medida adoptada a respeito de meu irmão. E' preciso prendel-o já ! disse o rei exaltado.

— Occasião haverá vossa magestade para isso fazer, porque sua alteza não tardará muito: são já nove horas e eu indiquei-lhe as dez para se apresentar a vossa magestade.

Annunciára-se o infante D. Francisco. D. João v sentira uma commoção grande e entrára em um

tremor nervoso, prenuncio dos assaltos da doença que o minava lentamente.

— Senhor! Coragem! Tranquilise-se vossa magestade.

O rei fez um como grande esforço sobre si e sobre a doença, conseguindo socegar e ficar mais tranquillo.

Deu-se ingresso ao infante, que vinha com as vestes de Prior do Crato e de gran Mestre da Ordem do Templo em Portugal, e acompanhado do seu secretario particular, Antonio Vaz Castello Branco.

D. João V assentára-se em uma cadeira de espalda e braços, especie de throno provisorio para ostentação da magestade em particular, e Diogo de Mendonça collocou-se, de pé, junto delle á parte direita.

O freiratico monarca estava palido e severo nas feições. Era o aspecto severo do mar antes da tormenta se desencadiar 'nelle, agitando-o em ondas, montanhas na elevação, abysmos nas bases fundas !

O infante e o secretario beijaram a mão ao rei, que lh'a estendera severo, e o não mandará sentar.

— Senhor! começou o infante; venho queixar-me a el-rei, a meu irmão mais velho, de um singular aviso do vosso secretario Diogo de Mendonça, que me intima prisão aos domesticos e me

impõe humilhação a mim. Forçosamente expedido sem vossa magestade o ordenar, pretendo que o signatario delle explique seu procedimento diante de el-rei, de quem abusa do nome, sem que para tão insolito proceder tivesse o mais somenos pretexto!

— Sem responder ao irmão, mas ao vassallo, disse tranquilamente D. Joao v, direi ao prior do Crato nos meus reinos, que por bem ordenado dou tudo o que practicou o meu secretario de estado ; e, ampliando suas medidas, ordeno ao representante da grande milicia de Malta em meus reinos e senhorios se recolha ao seu priorado, logo que do Tejo levar ferro a esquadra da Ordem que ahi está.

— Vossa magestade, agora como de outras vezes, esquece voluntariamente, talvez, os privilegios que me isentam da accção da justiça de el-rei.

— Immunidades, privilegios e isenções, que possa allegar o prior do Crato, nada são sem o beneplacito regio que...

— Que tem ! interrompeu o infante.

— Que lhes retiro ! accudiu o rei exaltado.

— Nesse caso appello para o Summo Pontifice, e antes de sua decisão o prior do Crato não obedecerá a el-rei.

— Ha de obedecer, para não ser violentado a fazel-o ! bradou D. João v, mais exaltado.

— Só as leis me podem violentar, a prepotencia, não !

— Cautela ! senhor infante de Portugal ! exclamára o rei, cada vez mais exaltado. Mas, dominando-se, prosseguiu :

— O Prior do Crato ha de obedecer exactamente ás leis, que o vão punir e violentar como reu de lesa magestade !

— Mentira ! Engano ! bradou o infante.

— Mentira e engano, são essas palavras, filho de Pedro II ! Mentira e engano tem nos labios o infante D. Francisco, o irmão do rei, o Prior do Crato, o gran Mestre de Malta em terras portuguezas ! vergonha e crime !

— As provas ! as provas ! Não se condemna pessoa alguma sem provas do crime ! gritára o infante.

— Peça-as á sua consciencia o Prior do Crato, o defensor da cruz e da honra ! Entretanto, antes que o castigo do ceu não fira o irmão desleal na maldição do pae, que santa gloria haja, e logo que saia o conde Harrac das agoas do Tejo o infante D. Francisco só poderá viver no Priorado do Crato, sem que para o contrario lhe bastem fantaticas immunidades, que desde já abulo ! e para sempre extingo !

— Não compete...

D. João V estava exaltadissimo.

Quando o infante D. Francisco começava de res-

ponder ao irmão um accesso de epilepsia o tomou violento 'num estrebuchar fortissimo.

— Suspendera-se o infante, diante d'aquelle mal. Antonio Vaz Castello Branco e Diogo de Mendonça Corte Real correram a amparar el-rei em quanto o infante saía para a grande sala de *Gala* do paço, dizendo :

— Que o cure João Jacques de Magalhães, que sabe o que lhe fez, como diz o physico Bernardes.

— Ou Manuel da Costa, que sabe o que elle tem feito, disseira uma voz.

O infante voltou-se e viu o physico-mor a quem Diogo de Mondonça mandára chamar previdente.

XXI

Armára-se o laço

Saira do Tejo a esquadra do conde de Harrac.

Pedro José Suppico de Moraes, a bordo de um navio inglez deixára o reino, sem ao menos se despedir de seu poderoso amo, o infante D. Francisco.

Não soube a capital nem o conde maltez a verdadeira causa das medidas tomadas. A esquadra portugueza saira a barra por dar caça aos arge-linos que nos infestavam a costa desde o cabo de Santa Maria até Peniche, e as ordens transmittidas ás torres da barra da mesma forma se explicavam: era preciso defender o porto de Lisboa de um corsario atrevido, de um pechelingue tunezino que senhoreava os mares do sul da Peninsula e que tinha audacia e força para nos saltear o Tejo, se despercebidos. Aos jesuitas foi logo contra ordem, permittindo-se-lhes o livre exercício de seu direito. Conjurado o maior mal no que respeitava á pessoa do infante, pouco importam os jesuitas soltos ou livres.

Isto posto, assistamos como podermos ás scenas que preciso é se descrevam.

Luiz Guedes de Miranda Henriques practica no dia immediato ao da saida de Harrac com o secretario d'estado Mendonça Corte Real.

— De modo que fugiu Suppico de Moraes! ? exclamára o senhor de Murça admirado d'aquelle noticia, que não conhecia ainda. A tempo o fez! Que se mais demora tivesse forçada seria a justiça e el-rei a mandar-lhe cortar a cabeça. Descobriu-se-lhe a podridão do viver e a perversidade de sentimentos: foi elle o assassino da pobre mulher de Mocambo, elle o seductor da judia de Amsterdam,

elle tem sido, finalmente, o principal agente da conspiração.

— Elle, ou os jesuitas? perguntára o ministro.

— Elle, que os jesuitas entravam no conluio por dever de sua monita secreta. Appareceu-lhes occasião de engrandecimento do imperio da ordem; e, aproveitando-a, trabalharam mais por aquella ideia do que pela ambição de D. Francisco. Suppico foi sempre o animador, o agente constante da realisaçāo do sonho de seu amo, por elle proprio sugerido, talvez, á mente exaltada do infante ambicioso, respondera o senhor de Murça.

— Não haverá, porém, uma prova qualquer dessas maquinações? perguntára Diogo de Mendonça. Vede se colheis á mão um documento ao menos.

— E' já tarde, porque Antonio Serra, o novo jesuita que eu tinha em S. Roque foi compellido a deixar a ordem e a buscar outra por desconfiança que delle tinham, e preferiram livrar-se do rapaz antes que de algum delles se descartasse o moço, que para tudo tem audacia em demasia. Agora é frade dominíco.

— Mas não havia Luiz Guedes um criado de sua confiança em casa de sua alteza? Não podemos nós alcançar algumas provas juridicas?

— Tentaremos alcançá-las. Entretanto como as tenho do assassinato de minha irmã natural, vou

tambem continuar a campanha contra o assassino : hei-de achar-lhe o paradeiro. Mas o que se passa com respeito ao infante D. Francisco ? perguntára.

— O infante saiu de Lisboa para Samora ; e, naturalmente, irá d'alli até ao Crato, donde, se não houver-mos provas contra elle, terá de volver a Lisboa. Que lhe ha de fazer el-rei ? A carta de Galloway nada prova de positivo.

— Effectivamente só temos provas moraes, disse o senhor de Murça.

Em quanto assim dialogavam os dois, no collegio da Companhia de Jesus em S. Roque, na cella do Provincial se achavam reunidos aquelle, Luiz de Gonzaga, Simão dos Santos e Antonio Stieff.

— Sinto havermos perdido um irmão como aquelle. Era habil ! disse o Provincial. Mas...

— Mas era perigoso, accudiu Gonzaga. E mais dia menos dia teríamos de o conduzir ao *In pace*.

— Melhor foi assim, induzindo-o a mudar de religião, que de tal sorte o considero eu, que me parece bem o não levaríamos ao *In pace* sem elle consigo arrastar a algum de nós, respondeu o Provincial.

— Poderia-mos tel-o feito embarcar para o Wragui, disse Stieff, onde adstricto á Companhia, não divulgaria nada dos negocios de todos nós.

— Mas nós ainda podemos, accudiu Simão dos

Santos, manda!-o de presente ao diabo, antes que tenhamos de lamentar maiores males. O nosso Padre Mestre Henriquez auctorisa a morte daquelle que nos possa prejudicar mais tarde.

— A mesma doutrina é de Reginaldus, que até as testemunhas falsas consente sejam mortas, disse Stieff.

— E de Molina, que até por dinheiro nos ensina a matar, disse o Provincial, continuando — Visto que o deixámos sair e enquanto não tenhamos razões ulteriores de procedimento contra elle, sou que mais nos importa saber donde nos veio este homem, do que de outra cousa. E a cada um de nós compete empregar todas as armas para isto conseguir-mos.

— E não menos, addicionou Gonzaga, inquirirmos o que do nós se pensa no paço. Como nos considera o Secretario, que nos podera ser mais affecto, e como el-rei. Manoel Dias, que é muito querido de D. João v, deve ser o encarregado da exploração.

— Pois sel-o-ha, disse o Provincial.

— E com respeito ao infante? Deveremos nós desistir de lhe dar apoio ao projecto? perguntára Simão dos Santos. Se o fizermos descoroçarmos.

— A lucta é a divisa publica da Companhia, respondeu Gonzaga. Veremos como pensa o in-

fante depois d'estes acontecimentos, que possivel é esmorecer elle no proposito, e volver sua attenção para as mulheres e caçadas.

E não era possivel, era certo o que já conjecturava Gonzaga.

Nas manchas de S. Christovão, nas charnecas de Coruche e Santo Estevão se divertia o infante em caçadas de javalis, sem dar importancia á ordem do irmão, que o mandára recolher ao Crato. Distraido 'naquellas lides venatorias, sem as instigações de Suppico de Moraes, o infante D. Francisco, se não esquecia formalmente o projecto de ser rei, com grandes intermissões pensava 'nelle. Disto se convenceram os jesuitas.

Suppico de Moraes, chegado a Inglaterra, escreveu ao infante, apresentando-lhe de novo a ideia, e mostrando a conveniencia de sua estada alli para trabalhar na causa. O infante D. Francisco respondeu-lhe que sim, mas que fosse cauteloso, e que se occultasse, mudando mesmo de nome.

Vê-se, pois, que não morreu a conspiração, mas que a sua vida será por ventura curta.

Como não aparecessem provas nenhumas que compromettessem ao infante ou aos jesuitas, aquelle depois de muito se divertir em caçadas, e sem que fosse ao Crato acha-se em Lisboa mezes depois.

Decorrem alguns annos. Antonio Serra, o dominico, depois de ser no convento de S. Domingos

um turbulento frade é forçado a sair do reino para Moçambique. Por lá vive algum tempo.

Entretanto trabalha o senhor de Murça por descobrir o paradeiro de Suppico de Moraes, a quem jurára colher ás mãos da justiça. Tinha agentes em Inglaterra, França e na Hollanda a quem pagava as pesquisas que faziam para descobrir o Suppico. Nada se descobria, e os annos iam passando.

Parecia haver esquecido a conspiração e a tragédia do *Pé de Ferro*. Um homem havia, porém, que não descançava um instante: era Luiz Guedes.

Era em 1735. Quando menos o esperava recebeu o senhor de Murça a noticia de que em Bayona de França se achava então Suppico de Moraes, com o nome de João Satur.

Com a chegada desta noticia coincidiu a vinda do padre Serra, de um degredo que lhe imposera a ordem a que pertencia, em Moçambique, onde estivera alguns annos.

Folgou com a coincidencia Luiz Guedes, porque vira no padre o instrumento de sua vingança.

O padre Antonio Serra visitou, logo que desembarcado, ao senhor de Murça, que era seu padrinho e fôra quem o fizera religioso, sem nenhuma disposição para o sacerdocio, mas para lhe servir a seus intentos.

— Não te recolhas hoje a S. Domingos, dizia Luiz Guedes ao frade. Careço de contigo ter conferencia larga sobre negocio muito de meu interesse; mas só á noute poderá ter logar, pois que preciso é ser tratado com assistencia de um homem a quem vou mandar aviso para comparecer.

— Ficarei; mas preciso é que meu padrinho se entenda com alguem do convento, aliás serão capazes de me castigar, mal chegado a Lisboa, por desobediente, relaxado e outras cousas feias que dizem os padres, e eu terei outra vez de pôr mãos sacrilegas, como elles dizem, na respeitavel coroa de algum reverendo confrade, respondera Antonio Serra.

— Não te dê cuidado o convento, que eu tomarei providencias 'nesse sentido. Instala-te por onde quizeres 'nesta casa, e até á noute, ou, melhor, até ao jantar, que bem é jantemos juntos, hoje que chegaste de longe.

E assim fallando, Luiz Guedes de Miranda Henriques deixou ao afilhado e saiu de carroagem.

Já 'naquelle tempo se jantava tarde em Lisboa. Isto succedia em junho do referido anno. Ás seis horas da tarde entrava em casa Luiz Guedes de Miranda Henriques, o senhor de Murça.

Ao jantar dizia o padrinho ao afilhado:

— Saberás que não pude haver provas do cri-

me de Suppico de Moraes senão quando este fugira do reino.

— E quanto aos jesuitas? E quanto ao infante D. Francisco? perguntára o ex-jesuíta dominíco.

— Não apareceram elles, de modo que, el rei e seus ministros tomaram o expediente de vigiar as accções tanto do infante como dos jesuitas, e nada mais.

— Pois não faltavam provas no Collegio! disse-
ra Antonio Serra.

— Sim, mas faltava quem nol-as desse, respon-
dera Luiz Guedes. O que agora nos importa fa-
zer, é punir asperamente ao assassino de Isabel,
a Pedro José Suppico de Moraes, que está em
França.

— Mas como?

— Eis o ponto, respondera Luiz Guedes. Sup-
põe-se que Suppico tem nutrido relações com o in-
fante sobre o objecto da conspiração. Se isto for
verdade, escrevendo-lhe alguém sobre o caso, com
visos certos de conveniencia o homem vem á falla,
e pôde-se ajustar logar e occasião de lhe darmos
a paga de seus trabalhos e feitos.

— Mas qualquer aviso ou carta que se lhe ex-
pessa, não indo em nome do infante, certissimo
será o não ser attendido, disse o frade Serra.

— A meu cuidado fica arranjar essa carta res-
pondeu Luiz Guedes. O plano que tenho é simples:

convida-se em nome do infante, cuja assinatura, bem como a letra do secretario, serão falsas, como aquelle assassino, a vir a Sant'Iago de Compostella para se tratar negocio de ponderação com um agente do infante, que serás tu. O homem, ou vem ou não vem; mas, virá a chamamento de seu amo. O negocio que tratarão, é obvio em suas partes: has de cravar-lhe no coração este punhal.

E o senhor de Murça apresentava ao frade Antonio Serra o mesmo punhal com que Suppico lhe assassinará a irmã.

— Assassinar! exclamou o attonito frade. Pôr o homem em lençoes de vinho me comprometto a fazel-o; porem, matar... Ainda o não fiz!...

— Não importa, fal-o-has agora.

— Mas...

Era quasi noute. Um criado annunciara o filho do carcereiro do Limoeiro, Paulino, o irmão de Isabel.

— Conte com essa hesitação. Ahi vem o homem que o matará, disse Luiz Guedes. Mas, como Suppico não attenderá talvez a um enviado d'aquelle ordem, preciso é que tu vás com elle, e falles ao Suppico buscando meio de o entregar ao homem que vaes ver, e que o prostará sem vida como elle fez a sua irmã.

— Isabel era irmã deste homem? perguntára Serra. Assim, é tambem vosso irmão?

— Não é. Teve por mãe a mesma negra, mas é filho do carcereiro do Limoeiro, velho a quem substitue de facto no mister.

E o senhor de Murça, que o mandára entrar, ergueu-se com o frade e foram ter com elle.

Paulino era mulato perfeito, mas bem apessoado homem, e, sobre tudo, gentil de formas e habilimo, como costumam ser os mulatos.

— Sabes quem assassinou tua irmã ? lhe dissera o senhor de Murça, no seu gabinete particular de estudo.

— Ainda não tenho certeza nenhuma, e só desconfianças de Suppico de Moraes, respondeu Paulino.

— Eu tenho a certeza de que elle foi.

— Por isso fugiu do reino ! Que lá por causa de uns negocios de sua alteza o senhor infante acho que não seria, disse o mulato. Escapou-se a tempo!...

— Não, não escapou : está em França, em sitio certo ; e como a vingança não conhece distancias...

— É preciso punil-o ! interrompeu Paulino.

— É. E quererás tu vingar a morte de tua pobre irmã? perguntou Luiz Guedes.

— Se quero ! respondeu o mulato. Saiba eu onde elle está, e tenha meios de o buscar, que não mais seduz raparigas, o infame !

— Sabel-o-has, e meios te darei eu, disse o senhor de Murça, abrindo uma porta que dava para

a capella de seu palacio, da invocação de Santa Rosa de Lima.

O senhor de Murça, seguido dos dois, entrou na capella.

— Jura-me sobre este altar que matarás o assassino de tua irmã.

A capella, apenas alumeadas por uma alampada de prata, povoava a estancia de sombras tremulas, e Paulino, não vendo bem o pavimento della tropeçou no degrau do altar quando delle se aproximava para prestar solemne juramento.

— Vacillas?

— Não vacillo, tropeço, porque não vejo.

E frei Antonio Serra lhe deferiu um juramento de vingar com morte a morte da irmã, e de guardar inviolavel segredo a respeito dos tres que alli se achavam.

Sairam para o gabinete.

— Ora dize-me cá, prosseguiu o senhor de Murça, tirando uns papeis de uma gaveta da meza de ébano, em que escrevia. — Serás tu capaz de imitar bem estas letras? Dantes sei eu que eras dextro 'nestas imitações. E mostrava-lhe dois papeis.

— Promptamente, respondeu o mulato, depois de attentar 'nellas especialmente na assignatura do infante D. Francisco.

— O que notaste ahi, que mais te prendeu? perguntára Luiz Guedes.

— Uma pequena cousa, disse o mulato. É falsa esta assignatura de sua alteza. Não teremos outra?

— É falsa! exclamou o senhor de Murça admirado. Deixa ver.

— Tenho outra sim, disse o fidalgo, depois de mirar o documento e procurando na gaveta outro papel, que entregou ao mulato.

— Esta sim, disse Paulino.

Luiz e o frade, admirados, confrontaram os dois documentos e não descobriram diferença alguma nas assignaturas do infante.

— É singular! que nenhuma diferença lhe noto, disse o senhor de Murça.

— Nem eu! accudiu o frade Serra.

— Ella não é grande, não, disse o mulato, sorrido. E fizera notar aos dois um pontinho escondido na volta final da ultima letra do nome proprio do infante, em que os dois não reparavam, como 'nelle não attentára quem lhe tinha imitado a assignatura.

— Muito bem! concluiu Luiz Guedes de Miranda Henriques. Has de ainda esta noute escrever a Suppico a carta que eu te der. Podes escrever de noute?

— Tambem posso, respondeu o mulato.

Armára-se o laço a Pedro José Suppico de Moraes.

XXII

O punhal de Isabel

Diogo de Mendonça Corte Real, o velho ministro, que atravessára dois reinados, bemquisto de reis e respeitado das nações, baixára ao tumulo em 9 de maio de 1736 medindo 77 annos de edade.

No valimento junto de D. João v o ficou substituindo o cardeal da Motta.

É com este que D. João v conversa ás onze horas da manhã de um dia de maio de 1737 na espaçosa varanda do paço da Ribeira, que dava para o Tejo.

— Um anno ha que morreu Diogo de Mendonça, e só agora recebi de sua viúva alguns papeis que lhe acharam em Bemfica, alheios a suas coussas e respeitantes a negocios do Estado. Entre elles ha uma sorte de *diario*, ou memorias abreviadadas de negocios graves e de maior ponderação, dizia el-rei.

— Pode ser mui util a Antonio Guedes Pereira e a mim o conhecimento d'esses apontamentos,

pela grande practica de negocios que havia o falecido estadista, respondera o cardeal.

— Sim, é, e vou darvol-o, chamando já vossa attenção para a ultima nota d'este *memorandum*. E D. João v tirava do bolso do gabão que o cobria, uma especie de caderno de papel que entregava ao cardeal. Tomou este o caderno, e leu :

— « *De Londres me informam que vagueia por alli um portuguez illustre disfarçado com o nome de João Satur, e que priva com Lords e ministros, a quem busca frequentemente. Será o Suppico? Creio que sim. Já tomei providencias.* »

Activará o infante seus planos já caducos de rebeldia? Os jesuitas precisam repressão; o infante... se eu devesse contrariar el-rei fechava-o em Cintra, como cortaria as exuberancias á Companhia. Suppico deve morrer.»

— Será possivel! exclamou o cardeal, que sua alteza o senhor infante D. Francisco persista na louca ideia, e que aos crimes e violencias queira continuar a unir um crime de lesa-magestade?

— O infante D. Francisco continua a ser o mau irmão, que desde a infancia me odeia e malquer, disse D. João v, por certo tresloucado da ambição, que lhe acena com o sceptro. Tão louco como o tio, fizera mais do que o pae, se o podesse: Convém, de uma vez para sempre, fazer constar ao infante que el rei procederá como senhor e não

como irmão, quando suas loucuras trasbordarem na medida das contemplações. Faça-lh'o saber, cardeal, e diga a Antonio Guedes que precisamos colher esse estouvado Suppico, que mais enloquece ao infante com suas insinuações e planos de imperios. Desapparecendo esse homem deverá o infante esquecer a ideia, pois que ninguem lhe dá apoio e com elle quer ligações. Boni será mesmo que viva fora de Lisboa, onde não precisamos d'elle.

Assim fallará el-rei, disposto e deliberado a reprimir o irmão e a castigal-o como a um simples vassallo delinquente.

— Creia vossa magestade que poremos cuidado em averiguar se esse tal Satur é Suppico de Moraes; e, se o for, quando o não colharmos em Portugal, em Londres mesmo lhe poderemos anniquilar a prestadia utilidade, dissera com ironia o cardeal da Motta.

Vê-se, pois, que tudo se conspira contra o auctor dos *apophthegmas* celebrados.

Uma carta do infante D. Francisco, habilmente escripta pelo mulato Paulino, saiu para Suppico de Moraes, que se achava em Bayona. Nella lhe dizia seu amo que viesse a Santiago de Compostella, onde mandaria um agente seu para com elle tratar materias graves, concernentes a seus interesses, e que não podiam ser ajustadas por escrito, no estado presente de cousas. Prevenia-o de

que lhe mandaria um frade de sua confiança, por nome Antonio Serra, a quem poderia dar inteiro credito.

Um mez depois respondia Suppico: *que iria a Sanct'Iago, conforme a ordem de sua alieza e alli se avistaria com o frade, a quem, por sua parte, muito havia que transmittir e communicar.*

Partira logo frei Antonio Serra para o norte, acompanhado do mulato Paulino, na qualidade de creado.

Depois de ter pousado nas casas da ordem de S. Domingos pelo caminho, entrou no Porto, e d'alli foi por Amarante. Pousou no convento de S. Domingos, do santo popular e casamenteiro.

A' noute, na hospedaria do convento se achavam os dois e Fernando de Magalhães, amigo de Luiz Guedes de Miranda Henriques, que por frei Antonio Serra lhe escrevera no maior segredo sobre o caso, para dar a protecção aos dois emissarios de morte.

— Este homem está, pois, ao facto do assumpto em que deve fallar a Suppico? perguntou Fernando de Magalhães.

— Perfectamente ao facto. E quando o não estivesse leva uma carta do infante. D. Francisco para elle.

— Do infante?

— Do infante, mas falsa.

— Bem : eu escrevo ao padre João da Costa, de Barcellos, que lá vive fugido do reino, para o receber em sua casa. Não será preciso que elle saiba o fim para que vai, nem quem seja. Partirá ao romper do dia, e frei Antonio ficará em Amarante, dissera Magalhães.

— Mas se o homem, a quem o infante diz que lhe manda frei Antonio, teimar em querer avistarse com elle ? perguntára Paulino.

— Diga-lhe que frei Antonio Serra ficou adoeitado em Barcellos, mas que não tardará a chegar. E entretanto busque occasião propria, cumpra o seu mandato e volte aqui.

Paulino saiu de manhã, armado de espada, clavina e de um par de pistolas, e montado em possante e ligeiro cavallo.

Decorridos tres dias Paulino entrava á boca da noute em Sanct'Iago, e buscando ao padre João da Costa, notavel cytharista de Barcellos, em sua casa se alojou. No dia seguinte começoou Paulino a percorrer as estalagens de Sanct'Iago, perguntando por João Satur. Este não apparecia. Outo dias de buscas tinham passado e Paulino não encontrava João Satur.

A' tardinha porém do oitavo dia chegava, de facto, o homem e um seu creado á notavel cidade da Galiza, e buscava a hospedaria do ajuste para a conferencia com frei Antonio Serra. Não o achando,

mas uma carta sua, na qual lhe dizia ter ficado incommodado em Amarante, Suppico escreveu-lhe e expediu um proprio a frei Antonio Serra.

No dia seguinte, de tarde, lhe entrará na hospedaria o mulato Paulino.

— E' João Satur a quem tenho a honra de falar? perguntára Paulino.

— Sou eu, sim, lhe respondeu Suppico, em francescez aportuguezado.

— Meu amo, o sr. Antonio Serra, doente de hemorredias ficou em Amarante, mas não tardará. Mandou-me adiante com algumas cartas, que vos entrego, disse o mulato entregando-lhas.

Paulino conhecia Suppico de Moraes, e duvida nenhuma tinha sobre sua entidade. Suppico ou João Satur é que não conhecia o mulato irmão de Isabel. Como o leitor se lembrará, rarissimas vezes este irmão da bella e desgraçada Isabel apparecia em casa dos paes. Gastava-se em casa das loureiras da Cotovia, de modo que Suppico de Moraes o não conhecera nunca. E dado que alguma vez o visse, não conheceria no homem o rapaz de outro tempo. Isto lembrára a Paulino, que bem resolvido ia a matal-o fosse onde fosse, dado que Suppico o podesse conhecer.

— Ha dias que vos esperava, disse o mulato a Suppico, e já não contava que viesseis.

— Não podia faltar, respondeu aquelle.

— Não tenho desgostado desta cidade. São bons os seus habitantes, obsequiadores e pessoas de boa fé, dissera Paulino, a tentar Suppico.

— São, sim. Eu já os conheço de ha muito tempo, respondera o falso João Satur.

— E tem formosas mulheres. Hontem vi eu dançar e ouvi cantar a umas, que, na verdade, não tinha visto cousa melhor em Lisboa. Tão maravilhado fiquei, que vou d'aqui para lá outra vez. E como ellas estimam os portuguezes!

Anoutecera entretanto. Suppico ficára um instante callado, respondendo ao convite indirecto de Paulino :

— Tenho vontade de tambem ir. Que vos parece?

— Parece-me bem; porque, juntos, mais nos divertiremos, dissera o mulato.

Sairam. Perto de um extremo da cidade moravam as mulheres de quem fallára Paulino. Quando se aproximaram da casa ouviram uma salva de palmas, com que alguem festejava uma giga que se acabára de dançar.

Ao som de uma guitarra, acompanhada de pandeiro e castanholas começou uma voz feminina:

— Como un oro, no ay dudar,
Eres niña, y yo te adoro.

— Niño, pues soy como un oro,

Com premio me hè de trocar.

— De oro tus cabellos son,

Rica ocupacion del viento.

— Pues á sesenta por ciento

Darè cada repelon.

— Que precio havrá que consuele

Oro, que riçado mata ?

— Como me dê el trueco en plata

Deixaré que me repele.

— No ay plata para pagar

Prision que vale un tesoro.

— Niño, pues soy como un oro,

Com premio me hè de trocar.

— Bonita cousa ! dissera Paulino.

— São de Quevedo aquelles versos, se me não engano, respondera Suppico.

Nova salva de palmas e bravos trouou em cima,
no primeiro andar da casa.

A voz da mulher que tinha cantado recomendará :

Todo el hombre que se muere

Sim amar una morena,

Pasa deste mundo al otro

Sin apreciar cosa buena.

Todo el hombre que se casa

con una mujer bonita

Hasta que no llega a vieja
El susto no se le quita.

Quando entonces a vieja llega
El hombre le dice asi:
Mujer trata de tu vida
Nò quiero saber de ti.

Los ojos de mi morena
Son un trem d'artilheria,
Que nada dejan derecho
En donde hacen pontaria.

Novos aplausos ouviram os nossos pagar á hes-
panhola a boa execução d'aquelle cantar.

Instantes depois, quando o echo dos bravos e
palmas se extinguiu, outra voz entoou esta can-
ção:

A tu puerta estamos cuatro
Dós del tierra e dós del mar,
És la flor dos mariñeros
Que te venimos buscar.

En el canal de su pecho
Tiene mi morena un grano,
Y no me deja a mi verlo
Porque no soy sirujano.

Tus labios son un rubi
 Con gracia partido em dós,
 Arrancado para ti
 De la corona de dios.

— Na verdade, disse Suppico, que bonitas canções cantam as hespanholas !

— Que fará quando as vir ! São formosissimas, especialmente uma d'ellas, respondeu Paulino.

A primeira das que cantára continuou :

Un sacristan mucho alegre
 Tenia por devucion
 De quarto em quarto d'hora
 Repicar el campanon.

Quita-me esta cuerda,
 Quita-la, Simon,
 Que me rompe el alma
 Y el coraçon.

Muriò mi madre, ai de mi !
 Soy hijo devo llorar,
 Quando volveré a encontrar
 Prenda como la que perdi ?
 Y para maior sentimiento
 Murió mi madre, ai de mi !

Quita-me esta cuerda,
 Quita-la, Simon,
 Que me rompe el alma
 Y el coraçon.

— Os homens que 'naquella casa estavam, e que
 pela diversidade de vozes eram muitos, romperam
 em novos aplausos e palmas freneticas á cantora.

— Ahora la otra ! bradou um dos homens.
 — Tienes razon : cante lá otra, accudiu outro
 apaixonado.

A mulher cantou :

Desde mi balcon te veo
 cara a cara y frente a frente,
 y no te puedo decir
 lo que mi corazon siente.

No te fies de los hombres
 aunque digan bien te quiero,
 que en volviendo las espaldas
 Si te hé visto no me acuerdo.

Preso en la carcel estoy
 y no me vienes a ver :
 digo que no tienes alma
 ni corazon de mujer.

Como quieres que una luz
alumbre dós aposentos ?
como quieres que yo adore
dós coraçones á un tempo ?

Não se imagina o contentamento d'aquelles homens, especialmente dos dois, que tinham pedido á segunda mulher para cantar ! Foi uma loucura o applaudir, um frenesi o exclamar, um delirio o dar palmas.

Os dois não entraram, percebendo que muitos homens lá se achavam com as mulheres. Temeiram conflictos com os hespanhoes, se alli entrassem dois portuguezes.

— Voltemos logo, disse o mulato. A noite está formosa : demos um passeio até aos arrabaldes, e talvez na volta estejam sós as mulheres. Ha aqui perto um passeio bonito.

— Pois sim, mesmo porque vos quero fazer algumas perguntas relativas a Portugal, respondeu Suppico em puro portuguez, deixando de fallar um *patois* das duas linguas, ou das tres, entrando a castelhana.

— Sois portuguez ? perguntára o mulato com fingida admiração.

— Não sou ; mas sei fallar a vossa lingua, respondeu João Satur.

E foram passejando. Quando iam já para trans-

por uma porta da cidade, notaram que os seguia um homem.

— Segue-nos um gallego! disse o mulato.

— Quem sabe! dissera Suppico, fallando o *partois* trilingue.

Pararam por se certificar se seriam espiados. O sujeito passou por elles dando-lhes as boas noutes em castelhano:

— *Buenas noches caballeros!*

— *Va usted con dios,* respondeu Suppico de Moraes, um pouco sobresaltado ao ouvir aquella voz, que, apesar do disfarce, conhecera.

Era o marquez de Gouvêa, que fugira de Lisboa e do reino com D. Maria da Penha de França, e que ouvindo fallar portuguez, por curiosidade bem entendida em si, tentava conhecer aos dois.

O marquez passou, sem mais palavra soltar, e Suppico disse para o mulato, depois de se afastar um pouco mais da cidade:

— E' um portuguez e fidalgo o homem que por nós passou. Convém que nos não conheça como eu o conheci: retrocedamos.

— Não conhece; mas, quem é? perguntará Paulino.

— O marquez de Gouvêa. Voltemos para a cidade, disse Suppico.

— Voltemos, não: volto eu só, respondeu Paulino, atravessando-se lhe adiante.

— Porque? exclamára pasmado Suppico de Moraes.

— Conheces esta arma, assassino de minha irmã? E mostrava-lhe o punhal de Isabel com que Suppico a assassinára.

— Ah!!... exclamára Suppico, tentando retrair-se exactamente quando Paulino, rapido como a setta, lhe cravou na cabeça aquella arma de Talião.

Pedro José Suppico de Moraes levou as mãos á cabeça, e caíu fulminado instantaneamente aos pés do mulato vingador da irmã, e da realeza de el-rei D. João v... e da Judia Esther...

Paulino contemplou o cadaver com um olhar feroz alguns segundos... Depois, desviou-se rapido, e meia hora decorrida galopava para Portugal no forte cavallo que lhe dera em Amarante Fernando de Magalhães.

Esplendia a lua áquella hora. O desgraçado sonhador de grandezas á sombra do infante D. Francisco; o perverso mancebo, seductor de donzelas e seu assassino, morrera conhecendo a causa de sua morte no punhal, que vira relampejar sobre si, como se um raio da justiça divina! Ao rapido monosyllabo de espanto nem mais um ai podéra juntar o criminoso, tão instantanea lhe fugira a vida!...

Alli se manifestava 'naquella morte a justiça de

Deus, que 'neste mundo pune certeira e justa ao culpado.

A justiça dos homens, que devera ser fiel transumpto d'aquella, corre na terra vendada, não para só ouvir, entender e julgar, mas para não ver nem com os olhos do espirito !

Candida donzella ! como te polluem o manto !
Como se ennodoam as togas de teus ministros !
Como se salpicam de infamia as consciencias de
alguns homens !

E buscam elles a perfeição do espirito na instrucção ! E sonham elles um angelical futuro de venturas ! E pretendem, miseros vermes da terra, attingir um dia a perfeição divina ! Mentira ! Ilusão ! Vaidosa ignorancia !

O que sabes tu, homem ?

«Bicho da terra vil e tão pequeno !» o que conheces tu ? Nada ! São-te mysterios os mais simplices phenomenos da vida organica ! Ignoras o porque das cousas ! Mas, ostentas-te altivo na filaucia scientifica, e rasteiro, e despresivel, e irrisorio mesmo aos olhos da rectidão ! Cinges a fronte da coroa de vaidosos louvores, que te dão, ou te dás, voas nas azas das auras populares ao fastigio das terrealidades, e precipitas-te na morte, nada, sem o sopro de vida que te animou, como nada eras com elle ! E ahi ficam apenas, como uns echos repercutidos, ou como volateis aromas na terra em que habita-

mos uns nomes que se repetem: Christo, o Reformador divino; Platão e Socrates, os pensadores; Alexandre, e Cesar, e Napoleão, os conquistadores! E nada mais! E a treva da ignorancia condensada sempre em volta do homem! E este sempre o mesmo!

Mas, para que pensar em cousas destas, se o leitor desejará conhecer o fim desta novella?

O fim conhecido é, com a morte violenta de Suppico. Cessou aquella causa, cessou o efecto: não mais pensou o infante em conspirações, para se dar mais ardenteamente a caçadas e a aventuras amorosas. Viveu pachorrentamente até ao anno de 1742, no qual, a 21 de julho, falleceo de um volvo na quinta de Bernardo Freire junto ás Caldas da Rainha, para onde tinha ido com D. João v seu irmão.

A Companhia de Jesus, ao ver o infante distraído com outras cousas, levantou-se como a palma com o peso da derrota, volvendo suas attenções para os sucessores de D. João v, especialmente para o infante D. José, cujo animo quizeram conquistar, como haviam conquistado o do pae, mal pensando, não prevendo mesmo que seria o punho d'aquelle infante, feito rei, que assignaria o decreto de sua extincção nos dominios da corôa portugueza.

Do senhor de Murça sabemos que vivera satisfeito depois da morte de Suppico de Moraes, che-

gando a ser estribeiro-mór do rei *Magnanimo* á custa do defraudado Brasil e dos melhoramentos materiaes de Portugal.

E de Paulino, o irmão d'aquella bonita Isabel, irmã natural de Luiz Guedes de Miranda Henriques, vulto importante no declinar desta historia e no seu tragico fim, diremos que fôra mandado enforcar por D. João v, rei de Portugal, supondo-se que o assassinado de Compostella outro não fôsse se não o marquez de Gouvêa, a quem se fizeram em Sanct'Iago honras funebres no cadaver de Pedro José Suppico de Moraes.

Apontára-o á justiça frei Antonio Serra, aproveitando o engano, por se livrar de semelhante conivente, vivendo elle largos annos de aspero genio, ao cabo dos quaes deu a alma candida ao Creador, sem deixar no martyrologio da Ordem memoria de seu respeitavel nome.

E, finalmente, D. João v, o freiratico rei, o abeatado imitador de Luiz xv, morre quasi imbecil em 31 de julho de 1750 legando aos posteros uma grandeza inutil e mais de trinta e dois elogios funebres e descripções sentidas de tamanha perda !

NOTAS

Nasceu este livro de uma passagem das *Memorias* do bispo do Grão Pará, D. Frei João de S. José Queiroz, publicadas em 1868 pelo sr. Camillo Castello Branco.

Diz assim a passagem :

Pedro José Suppico de Moraes

«Este homem matou tyrannamente uma mulher em o se estrado no bairro do Mocambo. Escapou de morrer em Bemfica ás mãos do padre frei Estevão Cotrim, monge de S. Bento; porque estando este padre na quinta de uma cunhada, juncto á quinta do celebre Diogo de Mendonça Corte Real, divertindo-se a vêr passar, á janella, em companhia da dita dama — espectável objecto 'naquelle edade — passaram um conde e Suppico a cavallo; e, como era menos discreto nos seus bons ditos, invejou a situação do padre, proferindo uma expressão grosseira. Tinha frei Estevão ao pé de si uma espingarda, de que se servia no exercicio da caça; promptamente lançou mão d'ella, e os cavalleiros correram á espora fita.

«N'outra occasião correu perigo o Suppico, porque, encontrando-se na varanda dos Caetanos, em Lisboa, com o sr. de Murça, a quem tinha offendido, este tão louco como elle, lançou-lhe as mãos ao pescoço, e valeu a ambos o padre Raphael Bluteau e D. José Barbosa, separando este o Suppico, e o outro o senhor de Murça.

«Continuou o Suppico nos seus desacertos; e introduzindo-se com o infante D. Francisco, se presumiu que lhe inspirava sentimentos indignos do nascimento de infante, com infelidade á coroa, desconfiança que se agravou com a retirada d'elle para Inglaterra. Lembrou alguém que havia conlóio com os inglezes, para virem procurar com poderosa armada o infante e ir coroar-se rei ao Brasil, correndo a negociação entre America e Londres. Não fico por fiador da idéa : direi porém o que se seguiu.

«Souve-se que estava em Bayona de França Pedro José Suppico e alguém lhe armou o laço pelo modo seguinte :

Chegara de Moçambique o padre Antonio Serra, religioso dominico, sujeito de quem a sua illustre ordem não fará menção nos seus Agiologios nem metterá entre os varões illustres.

«Este homem, capaz de qualquer empreza, escreveu a Suppico, persuadindo-o ser muito preciso conferirem ambos em Compostella materias gravissimas; e assim dirigisse sua viagem para tal tempo, em que elle, padre Serra, o estaria esperando em designada estalagem da cidade.

«Preparou-se Suppico, e metteu-se a caminho com um creado unicamente. Oito dias antes de chegar a Compostella apareceu em Santiago um moço valente, bem feito, trigueiro de côr, ou baço, sem criado, montado em um forte e ligeiro cavallo, com espada e clavina, pistolas e uma maleta de veludo.

«Este homem aquartelou-se em casa de um clérigo de Barcellos, exterminado do reino, grande cytharista; occupou o incognito armado seu tempo em visitar as estalagens, perguntando se chegára algum francez a ellas, chamado João Satur — tal era o nome que devia ter mr. Suppico fora de França. — Até que finalmente chegou uma tarde á hospedaria do ajuste, perguntou por frei Antonio Serra; e, como o não achasse, justou um proprio que imediatamente expediu com carta ao Serra que se achava em Amarante. Deixemos caminhar o proprio.

«Na mesma noite entra o portuguez da diligencia ponderada, e, dando com João Satur, lhe fallou conforme as instruções amigavelmente, louvando-lhe muito a sinceridade da gente d'aquelle terra. Convidou-o, para enquanto se fazia a ceia, irem ambos a casa de unhas senhoras que moravam perto, onde veria dançar e cantar com muito agrado e gosto as Gigas hespanholas. Suppico desculpou-se com a fadiga; mas a sua fatalidade o conduziu por meio da condescendencia aos importunos rogos do fingido amigo. Fora dos muros da cidade, lhe cravou este um punhal com cabo de prata no alto da cabeça, e, montando a cavallo, se fez na volta de Portugal. O assassino e fatal instrumento d'aquelle ruidosa morte era o filho do carecreiro de Lisboa, que morreu enforcado por ordem de D. João v.

«Não se explica o horror que semelhante facto causou, por ser causa muito rara o homicio em Galliza. Soube-se

logo que fôra um portuguez o matador; e das camisas e outras couças do morto inferiram ser pessoa distinta, e erradamente assentaram que era o marquez de Gouvêa, que tinha fugido com a sr.^a D. Maria da Penha de França, a qual eu conheci depois recolhida em um convento de Rondella em Galliza. Nesta hypothese lhe fizeram exequias na cathedral com pompa e generosidade de missas geraes, como as poderiam fazer a Filipe V, seu monarcha.

«Já 'neste tempo estava preso o criado de Satur para dizer quem era seu amo; elle, porém, o ignorava, dizendo que aquelle cavalheiro o convidara para o acompanhar na jornada, visto já ter vindo com elle a Santigo, e lhe dava um tanto. Foi solto.

«Chegou em fim de Portugal o proprio, e logo preso, declarou o seguinte: que chegára á portaria de S. Gonçalo de Amarante e dando a carta ao padre Serra, este mostrou affligr-se de não ter cumprido a palavra de se encontrar em Galliza com mr. Satur no tempo destinado; que estava mal de hemorroidas e sem liteira. Escreveu a Fernando de Magalhães, que lhe mandou dez moedas, as quaes o padre Serra enfregou ao proprio, e no dia seguinte se resolveu a montar a cavallo até Valença do Minho, onde disse ao Gallego que não podia continuar a jornada. Neste tempo estava o padre frei Lourenço Brandão monge benedictino, em companhia dos senhores de Aguiar em Compostella: e, voltando para Portugal, na feira da Arrifana, se encontrou com Fernando de Magalhães disse: «Já sei que esteve em Compostella quando matáram João Satur.» Sim, diz frei Lourenço, e você me ha-de dizer quem é João Satur. — Mudou de còres e conversação. Retirou-se, e frei Lourenço o seguia, e com amissade o apertava, mas o Magalhães lhe pediu que não instasse, porque não podia fallar, e 'naquelle materia lhe pedia inviolavel segredo.

«Até hoje se ignora em Galliza quem fosse o morto.

«Não sei como ao pensamento me veio em Lisboa se seria este defunto o Suppico; e muito casualmente perguntando eu ao Padre D. Celestino Teguineau da Providencia que fim tivera, respondeu-me que ouvira um voz baixa dizer que o mataram em Compostella, intervindo um religioso na morte; e, muito apertado por mim, no-

meou o padre frei Antonio Serra, acrescentando que Supico moirera em castigo de machinar conspirações contra D. João V.»

Esta conspiração, que, por falta de dados historicos, pouco mais é que fantasiosa, admitte-se, comtudo, em these.

Já desde os dias de João IV se pensava em Portugal, não diremos na independencia do Brasil, mas na transference da corte para o Rio de Janeiro, deixando o velho berço de heroes entregue a tutela da França em cuja casa reinante se entroncaria a de Bragança. Era uma venda do solar honroso do velho Portugal, a trôco do apoio da França á nova monarchia de D. João IV, disfarçada em dote, ou arrhas do filho ou filha deste monarca, que fosse casar na casa de França.

No reinado de D. Pedro II fôra o padre Antonio Vieira encarregado ainda de negociar a cedencia de Pernambuco á França, ou talvez mesmo o abandono de Portugal passando ao Brasil a dynastia de Bragança.

Diz João Francisco Lisboa: «... que... os documentos positivos e directos ácerca do assumpto faltam absolutamente, ou desapparecessem casualmente em consequencia de accidentes naturaes, ou fossem de proposito destruidos pelos involvidos e interessados 'nesses tenebrosos manejos (1).»

A revolta do Maranhão de 1684 contra o systema de arrecadação de impostos e contra a avidez do governador Francisco de Sá de Menezes, que levou ao patibulo Manoel Bequimão e o velho Eugenio Ribeiro Maranhão, já era, a nosso juizo, um symptoma remoto da independencia do Brasil.

A ideia da emancipação do Brasil apparecia no campo do pensar humano de tempos a tempos. Poucos annos antes de 1778 soltava o grande conde de Chatham (Pitt) dos labios na tribuna das camaras inglezas estas notaveis palavras :

«... Tem a Gran Bretanha feito observar com precisão e miudeza, assim mathemathica como politicamente todo aquelle paiz, ou região do Novo Mundo, chamado Ameri-

(1) *Vida do padre Antonio Vieira.* — Maranhão, 1865, pag. 129 e seguintes.

ca meridional, onde o nosso augusto e antigo aliado de Portugal tem o dominio de um vasto continente, onde convém á Gran Bretanha fazer assentar o throno do imperio portuguez. Nobre e magnanimo projecto ! É alli onde a dy-nastia da casa de Bragança será respeitada das quatro partes do mundo.

«Portugal, reino pequeno e dependente de seus visinhos, é berço de heroes, que foram ao longe lançar os fundamentos do seu imperio : é lá onde Portugal tem as barreiras da defeza ; é de lá que o principe do Brasil pode reconquistar o seu reino ; é de lá que pode dictar leis á Europa, e com sceptro de ferro, castigar a França dos seus crimes e a Hespanha da sua perfidia.

« Collocado o throno de Portugal na America, e feito um tractado exclusivo de commercio, e por consequencia devidida a America da Europa, então a Gran Bretanha, com o seu augusto e antigo aliado augmentarão o novo imperio, e sendo este conhecido desde o Isthmo de Panamá até ao Estreito de Magalhães, e tendo sondado, medido e averiguado por uma e outra parte do perymetro desta grande Peninsula, todas as suas costas, estradas, amarradouros, bancos, baixos, portos, praias, rios, de sorte que não ha um só cochopo, pesqueiro, ou desembarcadouro por pequeno ou despresivel que seja, ou pareça, que se não ache calculado e descripto no mappa com a maior clareza e precisão geometrica: o interior do paiz não está menos conhecido, tanto pelo que respeita á geographia como pelo que pertence ao mineral, vegetal e animal, que alli produz espontaneamente a natureza, e que pode produzir a arte practicada com energia, está tambem philosophicamente demonstrado.

« Isto supposto, logo que todas as potencias unidas á França brigam com a Inglaterra, restam á Inglaterra recursos mais certos; e é collocar o principe do Brasil na America, e quando elle, ignorante dos seus verdadeiros interesses, ou corrompido pelas proposições pacificas da perfidia franceza não annuir ás proposições da Inglaterra, esta fará dois desembarques, ou invasões subitas e formidaveis 'naquelle Peninsula, uma no centro do Brasil, outra no Pará: uma da parte do nascente, outra da parte do poente, 'naquelle ponto mais opportuno para a manutenção do throno.

« Mas não é crível que o Principe do Brasil deixe de annuir ao importantissimo plano evidentemente demontado aos seus interesses reaes: é assim que o principe defende os seus povos; é assim que conserva o nome e a gloria portugueza; é assim que se vê verdadeiramente rei. Desde este importantissimo momento o imperio meridional, e a Grã Bretanha ficam ligados eternamente fazendo estas duas potencias um commercio exclusivo e todos os interesses reciprocos, ajudando-se mutuamente.

« Este novo imperio, crescerá gosando de todos os meios conducentes a isto, para o que procurarão estabelecer-se colonias naquelles sitios notados no mappa, povoando-as de todas as gentes que quizerem lá estabelecer-se, á exceção de francezes, no paiz do Amazonas, nos confins do Paraguay, ou nas vizinhanças do logo Xerayes, que é como origem do Rio da Prata: no centro da referida Peninsula se formará ou se edificará uma cidade denominada: *Nova Lisboa* para corte e assento do imperador. Da nova Lisboa se abriram estradas reaes, que á maneira de rios que correm para a peripheria, conduzirão da *Nova Lisboa* para o Porto Bello, Pará, Rio de Janeiro, Olinda, S. Salvador, Calhau de Lima, etc., fazendo-se no mesmo tempo navegaveis os rios, que o podem ser, mas forçosa e infalivelmente o rio da Prata, desde o referido lago Xarayes até á sua foz, e o do Amazonas pela ribeira Pratinga, ou por outra parte mais commoda, na hypothese de que a capital seja situada nas vizinhanças do dito lago, ou das fontes destes rios, a fim de se fazerem mais faceis os transportes da *Nova Lisboa* para o mar, e do mar para a *Nova Lisboa*.

« Como a guerra que nos fazem as nações para nos opprimirem, segundo as intenções malevolas dos francezes, a quem injusta e indecorosamente se uniram é injusta da parte das nações, ella é justissima da nossa parte, e por isso o imperador da America deve logo apoderar-se de todas as posseções hespanholas.

« O bom uso que faremos de uma alliança tão intima com o imperador portuguez, a nossa força, a nossa habilidade tanto concorrerá para o augmento da população, para que os habitantes do grande imperio, e a Grã Bretanha sejam arbitros do commercio universal.

« Transportaremos logo para lá tudo o que pertencer ás

fabricas, e o que respeitar aos tres reinos da natureza, enterrado e escondido 'naquelle região, depressa sairá á luz. As armadas tanto portuguezas como inglezas, com a abundancia das madeiras serão formidaveis a todo o mundo. O nosso imperador abrirá caminho para todos os portos, todas as nações, todos os povos, todas as bandeiras, todas as linguas. Todas as religiões, com certas restricções, terão franca e livre entrada nos portos do mar, e nas posseções do centro, menos os francezes: os navios desta nação não serão admittidos nem ainda para se livrarem de naufragio.

« Estabelecer-se ha uma especie de inquisição terrivel para dentro do Grande Imperio: não haverá pessoa alguma franceza por nascimento ou costumes, nem livro escripto n'esta lingua, salvo estando já traduzido em outra, nem individuo algum de qualquer nação que seja poderá fallar o francez, e muito menos ensinal-o. Não se despacharão nas alfandegas fazendas algumas para os portos de França; não se mandarão os nomes das marés; mas os das cidades e rios do reino de Portugal serão impostos aos rios, cidades e Províncias do grande imperio, e o rio que ficar mais proximo á nova Lisboa será denominado o *Novo Tejo*.

« A Inglaterra então crescerá com o commercio reciproco: o trigo da Grã Bretanha será levado á Peninsula, entretanto que lá se não cultive com abundancia em toda a sua extensão. Os ingleses aliados com os portuguezes, senhores das minas mais preciosas que o sol eria, e dos melhores materiaes para se manufacturarem, podem já ver o resultado do complexo de tantos bens e a origem de tanta opulencia; e, quando d'aqui a cincuenta annos as nações amigas ou escravas da França olharem para si e para nós, conhecerão, (mas já tarde, e sem remedio) a politica de Jorge III: conhecerão a diferença em que ficam de uma potencia que vae a subir com as outras que vão rapidamente a descer.

« De Plymout podemos passar ao Brasil sem dependencia de Lisboa: do Pará podemos navegar para a costa de Coromandel sem dobrar os cabos de Horne e da Boa Esperança, fazendo navegavel o rio das Amazonas, ou cortando o Isthmo de Panamá, assim como para as ilhas de todos os mares, que forem necessarias para as esca-

las dos navios portuguezes, ou nossos, pois é de crer façamos boa sociedade com as potencias anglo-americanas (2).»

Deste trecho do discurso de Lord Chathan se vê que a Inglaterra pensava no imperio do Brasil por conveniencia propria do engrandecimento do seu commercio, e abatimento do da França. Ora, se Pitt, talvez em 1774 ou 1775, deste modo se exprimia no parlamento britanico claro é que de ha muito devera ser seu aquelle sonho, cuja realisacao poderia ter tentado anteriormente em segredo, antes de o tornar conhecido da Europa e da França, que o poderia contraminar com sua politica sagaz.

No anno de 1789 tenta a cidade Villa Rica, capital de Minas Geraes arvorar o pendão da independencia do Brasil. Claudio Manoel da Costa, Ignacio José Alvarenga Peixoto e Thomaz Antonio Gonzaga, o auctor da conhecida *Marilia de Dirceo*, alem de outros homens, são envolvidos na conspiração, presos e condemnados á morte, pena commutada em degredo perpetuo, com exceção do alferes, José da Silva Xavier, de alcunha o *Tiradentes*, que subiu ao patibulo em 21 de abril de 1792, orvalhando com seu sangue a bandeira da independencia, que o vento da liberdade enxugaria trinta annos depois, em 1822, e legando á historia do Brasil independente o nome do primeiro martyr de sua liberdade (3).

A definitiva independencia dos Estados Unidos, em 1783, fôra a causa proxima d'aquelle infeliz tentativa, em que o *Tiradentes*, José Alves Maciel, Francisco de Paula Freire de Andrade, o dr. Domingos Vidal Barbosa, Domingos de Abreu Vieira alem dos mencionados poetas Gonzaga e Alvarenga Peixoto, quizeram proclamar, ao

(2) *Discurso do immortal Guilherme Pitt, pronunciado poucos annos antes do seu falecimento no Parlamento da Grã-Bretaña*, ms. de let.a contemporanea. — Algumas passagens d'este ms. teem redacção pouco grammatical : assim vão por se não ter a mão o original.

(3) Sr. P. Chagas, *Historia*, leia na epocha respectiva. — J. Manoel de Macedo, *Noções de chorographia do Brasil*, pag. 334. — Edição da *Marilia de Dirceo*, Rio de Janeiro, 1862, editada por J. Norberto de Sousa tomo 1.º, na *Noticia sobre Thomaz Antonio Gonzaga*.

menos em Minas Geraes, uma republica independente de Portugal, obedecendo ao influxo europeu nas ideias democraticas, que tiraram com o sceptro a vida a Luiz XVI.

Denunciados ao visconde de Barbacena pelo coronel Joaquim Silverio dos Reis, como ao vice-rei, Luiz de Vasconcellos, por Ignacio Corrêa Pamplona e Basilio de Britto Mallieiros, os audaciosos conspiradores, a bordo do navio *Nossa Senhora da Conceição* foram espalhados pela costa africana, e no degredo acabaram seus dias.

Mas lá ficára no Brasil a efervescencia insubjugavel, e no dia 7 de setembro de 1822 o principe D. Pedro soltava nas margens do Pyiranga o grito da independencia do Estado do Brasil, reconhecida da metropole em 1825.

Era uma realidade aquelle sonho do infante D. Francisco, irmão do poderoso senhor D. João V, que Deus tenha em sua santa guarda, como aos da Companhia de Jesus, de saudosa memoria.

Fazendo baquear marujos, pag. 9.

As apreciações do caracter do infante D. Francisco, caçador de marinheiros, e de outras peças de caça, encontraram um antídoto 'nestas palavras :

« Prince d'une grande vivacité et de beaucoup d'esprit, ainsi qu'il paroit par quantité de jolies histoires qu'on fait de lui, et dont les Portugais s'entretiennent ensemble avec un extreme plaisir. »

Relation de la cour de Portugal sous D. Pedro II. Amsterdam, 1702, pag. 229.

O auctor d'esta apreciação podera ser melhormente informado : o terror dos povos de Queluz «que não se aplaudiam com estas visitas (as do infante) pois que ordinariamente fieavam assignaladas com alguma grande travessura do infante, travessuras que tocavam muitas vezes os lemites da残酷...» como diz o sr. Vilhena Barbosa, no vi vol. do *Archivo Pittoresco*, não podia deliciar os portuguezes com a recordação dos seus feitos. De algum thuribulário de grandes é, sem duvida, semelhante apreciação.

Satrapa aos amortecidos brios... pag. 10.

Em o mais stricto sentido *satrapa* foi o governador de uma sorte de província, ou *satrapia* na Persia. No figurado tem-se usado como significando *opulencia, riqueza, orgulho, voluptuosidade e despotismo* no satrapa. Aqui emprega-se como *corrupção*, isto é: homem corruptor. *Grande seigneur orgueilleux, voluptueux et despote*, define Bescherelle.

Destes predicados do satrapa, e dos outros que tiveram, nasce naturalmente a ideia de corrupção: homem capaz de empregar o seu ouro para corromper.

Lisboa despejava para as ruas, pag. 23.

« Les rues voisines de la Rivière sont unies, bien pavées et d'une largeur raisonnable; mais elles sont fort malpropres, n'étant balayées que tous les trois ou quatre jours, à mesure qu'on enlève les boîtes.

« La ville n'est point éclairée pendant la nuit, ce qui fait qu'on est souvent embarrassée pour se conduire, et fort exposé à être gâté des ordures qu'on jette frequemment par les fenêtres parcequ'il n'y a point de lieux communs dans les maisons. Tout le monde est obligé à la vérité de faire porter les immondices à la Rivière, et il y a quantité de Negresses que en font l'office à très peu de frais; mais cet ordre n'y est pas exactement observé, surtout par le peuple. Les rues alors ne sont pas fort sûres, à moins d'être, comme on dit en langue du pays, embus-sado.»

Description de la ville de Lisbonne, Paris, 1730.

Sint ut sunt, aut non sint, pag. 46.

A' notavel divisa da Companhia de Jesus, tomada por thema com uma simples volta, escreveu frei José da Cuba em 1759 este soneto, na guarda de um exemplar da *Quadragena de sermões* de frei João de Ceita:

Aut sint, ut sunt, aut non sint

«Si lo que fueron, siempre son, no *sint*;
nó sean, si siempre seran, *ut sunt*;
si ellos la peste de la *yglesia sunt*,
que los lleve el diablo, y que no *sint*.

Si el anti-Christo, enfin, ó son, *aut sint*,
Com ellos al infierno como siempre *sunt*;
nó se lles de quartel si son *ut sunt*,
y pidamos a Diós que nunca *sint*.

Que si buenos nó pueden ser, *ut sunt*,
el mundo gaña mucho en que no *sint*,
y la *yglesia pierde todo en lo que sunt*.

Para que pués nunca sean lo que *sunt*,
se lles haga de tal modo que nó *sint*
ut sunt no sint, quamvis non sint, ut sunt.•

Estranhava-o a rainha... pag. 1874.

Porque não pareça exagerado e porventura imaginoso o dialogo da rainha com o infante D. Francisco, aqui podemos em nota um trecho do Visconde de Santarem, que dá para largas ensanchas e commentarios.

Na corte, como em toda a parte, pôde haver e ha misterios.

Diz assim a passagem, tão pouco explorada e que a tanto se prestava:

“... logo que El-Rei se partiu, o infante que vivia retirado ora em Çamora, ora em Salvaterra, veio logo ter-se com a Rainha em Lisboa, que sabia estava ressentida de que a não tivesse encarregado do governo; e todas as vezes que a ia ver ficava sempre mais de tres horas no paço, sendo que dantes apenas se demorava alguns minutos. O embaixador de França, que estava bem versado nas cousas da nossa corte, dizia que na incerteza das consequencias que podiam resultar dos frequentes accidentes a que el-rei era sujeito, tratava o Infante de se insinuar no animo da rainha, por isso que bem entendido o grande interesse que tinhão de viver em boa harmonia, e que a Rainha, comquanto soubesse dessimular, não podéra de

todo esconder a satisfação com que via as assiduidades do Infante, o qual da sua parte, com ser do seu natural intatavel, se tinha tornado mais conversavel, e posto tivese alguns defeitos, não lhe falecia juizo...»

Quadro Elementar, tomo v, pag. ccxli e ccxlii.

«O infante D. Manoel tinha voltado ao reino...»
pag. 226.

Aquelle valoroso filho de D. Pedro II, só voltou a Portugal e entrou em Lisboa em 21 d'outubro de 1734 e não em o anno de 1720 como no entrenho se faz crer. E' anachronismo desculpavel no romance, onde foi preciso antecipar-lhe a vinda ao reino, depois de dezenove annos de auzencia gloriosa nas guerras contra o turco, ás ordens do principe Eugenio. Este infante, que podera ter sido eleito rei da Polonia por morte de Augusto II, não topando apoio em D. João V, que lhe não era afeiçoadão, e antes desejará aquelle throno para o infante D. Antonio, voltou á patria onde viveu afastado dos negocios e coussas publicas. Pretextando falta de dinheiro! na resposta que deu a Carlos VI, D. João V contradizia-se 'nella, oferecendo um milhão de florins para auxiliar a candidatura do irmão D. Antonio.

Mais noticias d'este infante podem ler-se na *Historia de Portugal* do sr. Pinheiro Chagas. Este pouco veio a propósito do anachorismo referido.

Mande-lhe dizer tres mil missas por alma, pag. 231.

«On etoit force de lui cacher (ao rei) bien soigneusement les morts que arrivoient à Lisbonne, parce que dès qu'il appenoit qu'un de ses sugets étoit mort, fut il de la lie du peuple, il lui faisoit dire á ses dépens au moins cent messes ou davantage : les Portuguais disoient, que Jean envoyoit les vivans en enfer, pour tirer les morts du purgatoire.»

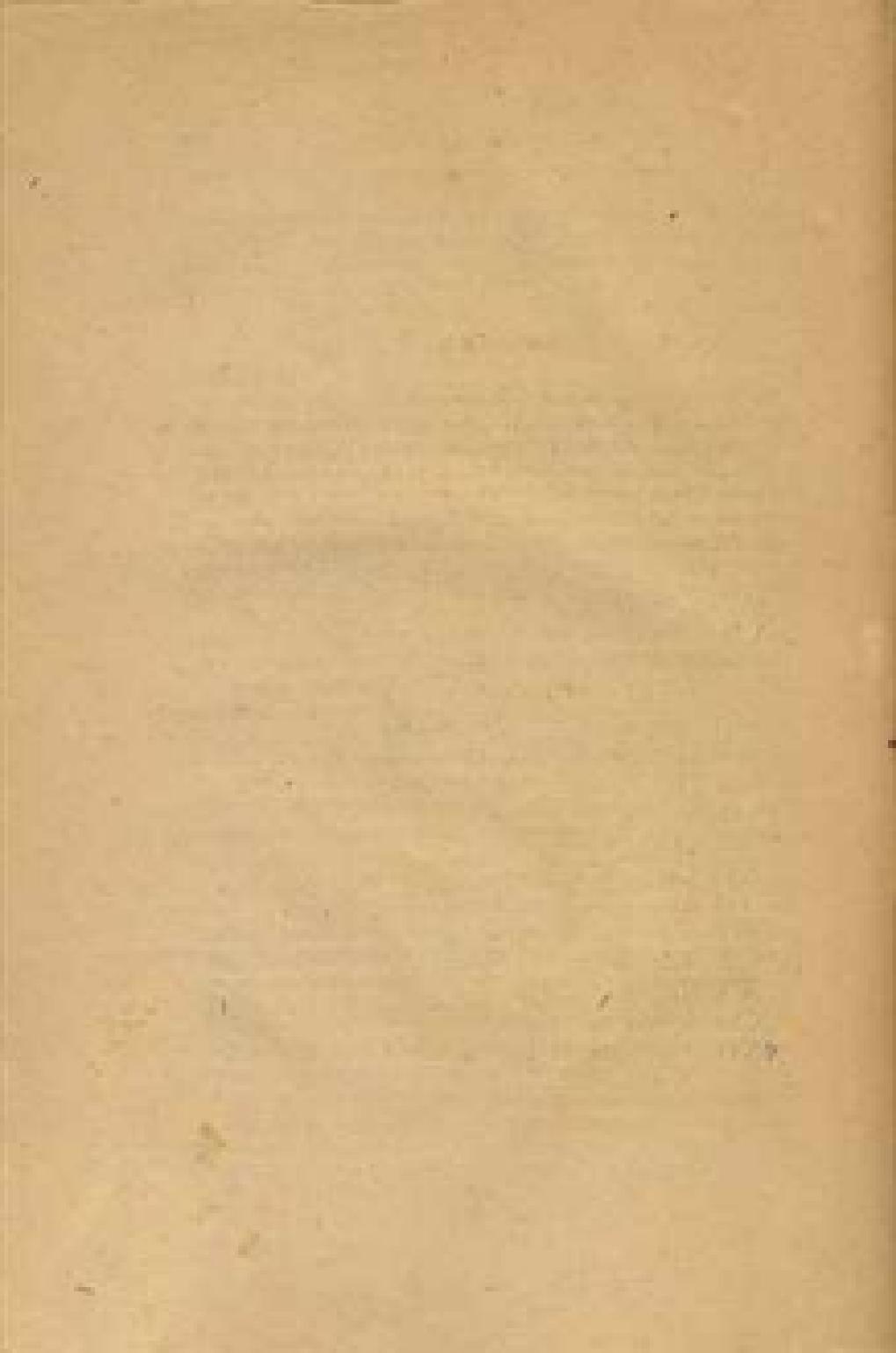
État present du Royaume de Portugal en l'année 1766, Lausanne, 1765, pag. 252.

Cem missas diz a passagem que mandava o rei dizer por qualquer vassallo de cuja morte houvesse conhecimento. A hyperbole é romantica, como se vê, ordenando tres e seis mil missas para a salvação da alma da mulata Isabel.



INDICE

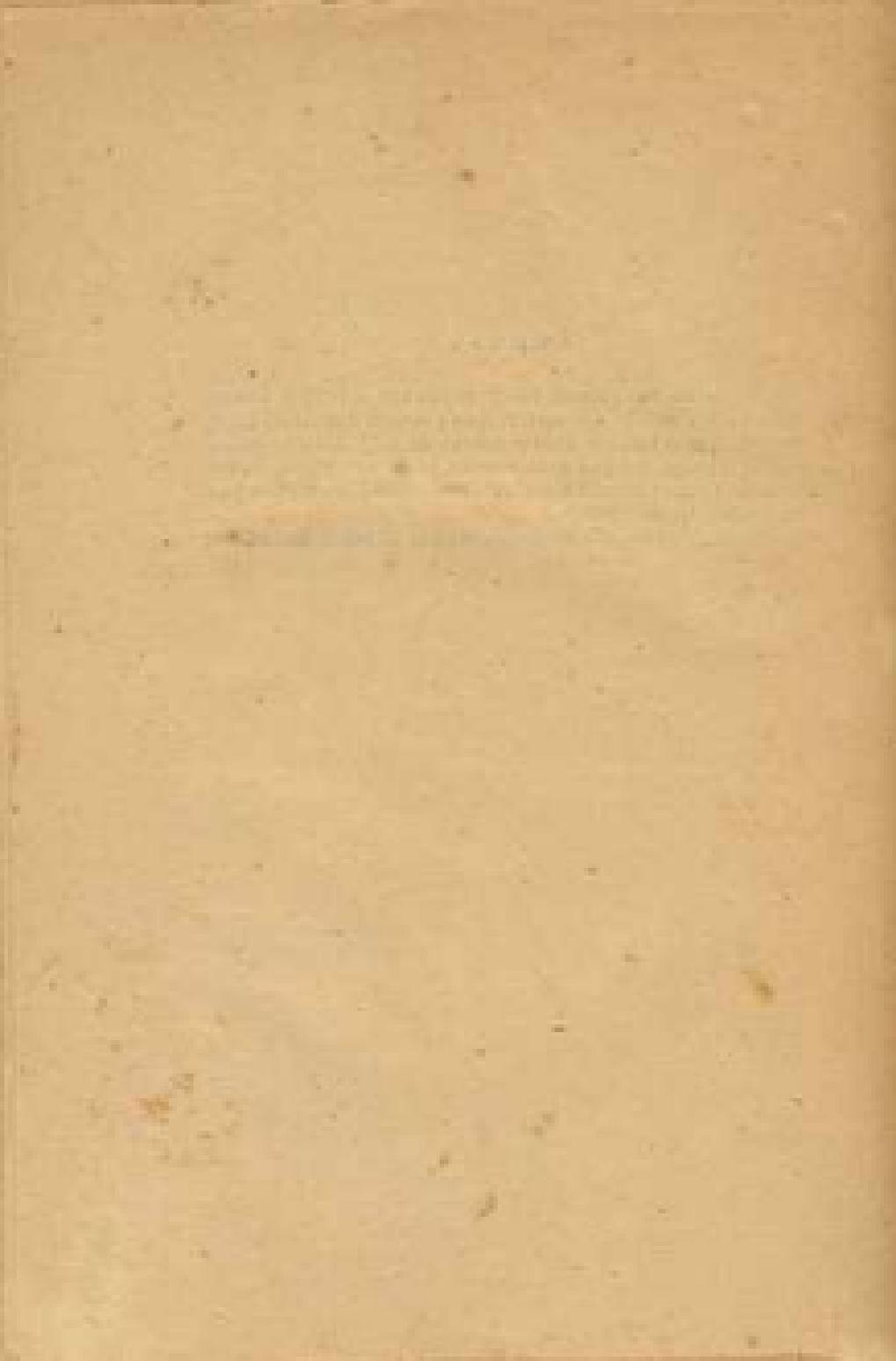
	Pag.
I Conspiração ab ovo.....	9
II Heroismo de negra.....	22
III Heroismo de mulata.....	33
IV Sint ut sunt, aut non sint.....	46
V Eva tentada.....	58
VI O senhor D. João da Bemposta.....	71
VII Amante e irmão.....	83
VIII Proesas de Suppico.....	97
IX Mais proesas de Suppico.....	109
X Batalha de Buiksloot.....	120
XI Suppico e o senhor de Murça.....	131
XII Reunião de conspiradores.....	144
XIII D. João v e o seu projecto.....	156
XIV O que vae na corte!.....	167
XV Derrota de elrei.....	179
XVI Congela a conspiração.....	196
XVII Assassinato ou suicidio?.....	208
XVIII Um fio no labyrintho.....	224
XIX Traição de um Jesuita.....	236
XX Um rei absoluto.....	249
XXI Armára-se o laço.....	263
XXII O punhal de Isabel.....	276
Notas.....	293

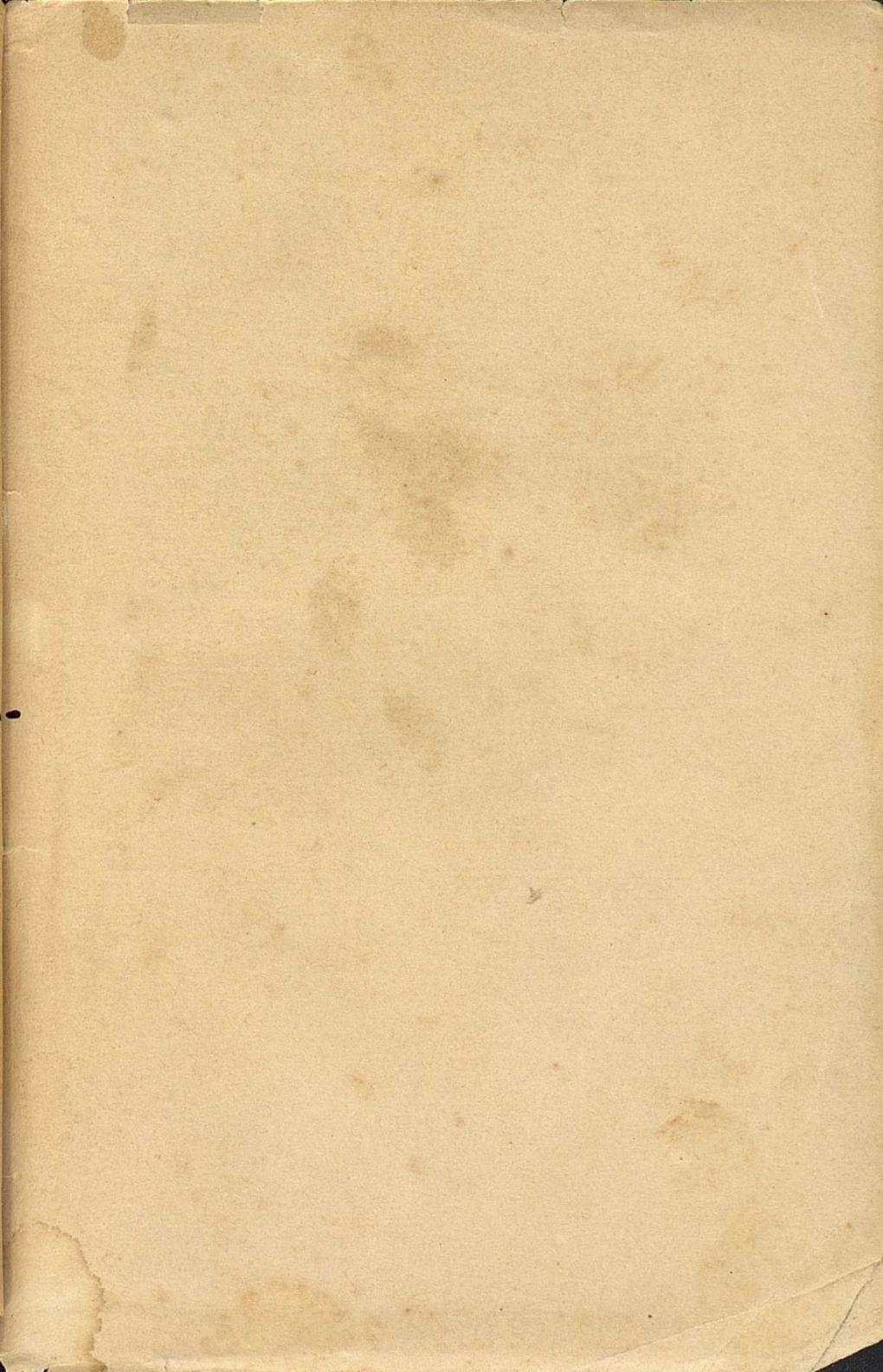


ERRATA

No capitulo xv, pagina 187 escapou um êrro, por causa estranha á vontade do auctor, que convem emendar. E na resposta que o infante D. Francisco dá a D. João v, quando lhe diz que só por tres cousas pôde ser preso, como Prior do Crato : *homicidio, furto, ou roubo.* Esta ultima palavra deve ler-se : *rouço.*

Os demais êrrros são de facil emenda ao leitor instruído.





LIVROS PUBLICADOS

- N.^o 1 — OS GUERRILHEIROS DA MORTE, romance histórico original de M. P. Chagas — 1 vol. de 300 pag., 4.^a edição — 500 réis.
- N.^o 2, 3, e 4 — A VINGANÇA DO SARGENTO, romance original, verso de M. P. Chagas = 3 vol. (esgotada).
- N.^o 5 — A MASCARA VERMELHA, romance histórico de M. P. Chagas — 1 vol., 2.^a edição = 500 réis (esgotada).
- N.^o 6 — O JURAMENTO DA DUQUEZA, romance histórico original de M. P. Chagas — 1 vol., 3.^a edição = 500 réis.
- N.^o 7 — O ANEL MYSTERIOSO (scenas da guerra peninsular), romance original de Alberto Pinente — 1 vol. = 500 réis (esgotada).
- N.^o 8 — A PORTA DO PARAÍSO (crónica do reinado de D. Pedro), romance original de Alberto Pinente — 1 vol. com duas estampas = 3.^a edição (esgotada).
- N.^o 9 — MATILDE, romance original de D. Anna Maria Ribeiro de Sá, com um prologo de M. P. Chagas — 1 vol. = 500 réis (esgotada).
- N.^o 10 e 11 — OS FIDALGOS DO CORAÇÃO DE OIRO (crónica do reinado de D. Sebastião), romance original por M. P. Lobato — 2 vol. = 18000 réis.
- N.^o 12 — O LUXE DE S. LUIZ, romance original de D. Thomaz de Melo — 1 vol., 500 réis (esgotada).
- N.^o 13 — A FAMILIA ALBERGARIA, romance histórico original por D. Guiomar Torreão — 1 vol. = 500 réis (esgotada).
- N.^o 14 e 15 — LIÇÃO AO MESTRE, romance original por A. A. Teixeira de Vasconcelos — 2 vol. grossos = 18200.
- N.^o 16 — A QUEDA D'UM GIGANTE, romance por M. P. Lobato — 1 vol. 500 (esgotada).
- N.^o 17 — A BARONEZA DE LA PUEBLA, romance por M. P. Lobato 1 vol. 500.
- N.^o 18 — A FILHA DO EMIR, romance de C. P. d'Almeida — 1 vol. 500 (esgotada).
- N.^o 19 — UM DUELLO NAS SOMBRAIS, romance original de António Francisco Barata — 1 vol., 500 réis (2.^a edição esgotada).
- N.^o 20 — CASAMENTOS FIDALGOS, de Octavio Feuillet, versão de M. P. Chagas — 1 vol., 500.
- N.^o 21 — O ESTANDARTE REAL, romance original por M. P. Lobato = 500 (esgotada).
- N.^o 22 — SEIS ANNOS NA INDIA, romance original de C. P. d'Almeida = 500 (esgotada).
- N.^o 23 — O ANJO DA CARIDADE, romance original de Reis Damaso = 500 (esgotada).
- N.^o 24 — OS JESUITAS NA CORTE, romance de A. F. Barata 1 vol. 500 réis.

EM PUBLICAÇÃO

A CRUZ DE MARGARIDA

ROMANCE DE

REIS DAMASO

CORRESPONDENTES DA EMPRESA

Correspondente geral nas províncias do norte

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

Ernesto Chardron

Eugenio Chardron

Porto

Braga

Porto, Livraria Moré de F. da Silva Mengo, os srs. Magalhães & Moniz; Coimbra, o sr. J. de Mesquita; Beja, o sr. R. A. S. do Carmo; Lagos, o sr. F. de F. Correia Viegas; Faro, o sr. A. C. da Silva Ponte; Santarém, o sr. P. A. Monteiro; Madeira os srs. F. J. N. Guimarães; S. Miguel, o sr. Marianno Machado Silves, o sr. A. F. Pinto Basto; Angra, o sr. A. Gil; Rio de Janeiro, os srs. A. da Cruz Coutinho e Serafim José Alves; Maranhão os srs. G. & Pinto.